

**UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO-UNIGRANRIO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
ESCOLA DE CIÊNCIAS, EDUCAÇÃO, ARTES, LETRAS E HUMANIDADES  
Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes-PPGHCA  
Mestrado Acadêmico em Humanidades, Culturas e Artes**

**FABIANA ASSIS DA CRUZ**

**FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES:  
IMPLICAÇÕES NA ATIVIDADE DE TRABALHO DOS DINAMIZADORES  
DE LEITURA LITERÁRIA**

**DUQUE DE CAXIAS  
2021**

FABIANA ASSIS DA CRUZ

**FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES:  
IMPLICAÇÕES NA ATIVIDADE DE TRABALHO DOS DINAMIZADORES  
DE LEITURA LITERÁRIA**

Dissertação apresentada à Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy” como parte dos requisitos parciais para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Área de concentração:  
Discurso, Cultura e Formação Humana

Orientadora: Dr.<sup>a</sup> Jurema Rosa Lopes Soares

**CATALOGAÇÃO NA FONTE**  
**UNIGRANRIO – NÚCLEO DE COORDENAÇÃO DE BIBLIOTECAS**

C957f

Cruz, Fabiana Assis da.

Formação continuada de professores: implicações na atividade de trabalho dos dinamizadores de leitura literária / Fabiana Assis da Cruz. – Duque de Caxias, 2021.

135 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Humanidades, Culturas e Artes) – Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy”, Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidades, 2021.

“Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Jurema Rosa Lopes Soares”.

Referências: f. 83-88.

1. Educação. 2. Pedagogia. 3. Professores – Formação. 4. Formação continuada. 5. Trabalho docente. I. Soares, Jurema Rosa Lopes. II. Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy”. III. Título.

CDD – 370

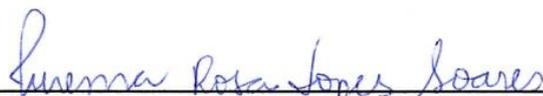
FABIANA ASSIS DA CRUZ

**FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES:IMPLICAÇÕES NA  
ATIVIDADE DE TRABALHO DOS DINAMIZADORES DE LEITURA LITERÁRIA**

Dissertação apresentada à Universidade do Grande Rio "Prof. José de Souza Herdy", como parte dos requisitos parciais para a obtenção do título de Mestre em Humanidades, Culturas e Artes.

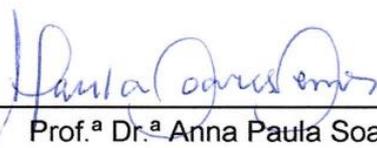
Exemplar apresentado para avaliação de banca examinadora em 23/08/2021

**BANCA EXAMINADORA**



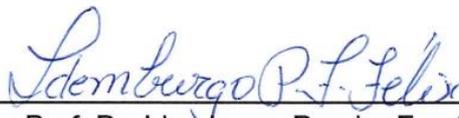
---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jurema Rosa Lopes Soares  
Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da  
UNIGRANRIO



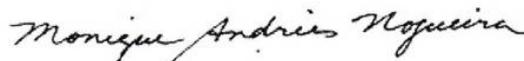
---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Anna Paula Soares Lemos  
Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da  
UNIGRANRIO



---

Prof. Dr. Idemburgo Pereira Frazão Félix  
Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da  
UNIGRANRIO



---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Monique Andries Nogueira  
UFRJ

Aos meus filhos, meu marido e minha mãe,  
dedico este momento de tamanha alegria.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por me possibilitar chegar até aqui. Por me amparar e fortalecer durante esta caminhada.

Por mais que uma dissertação tenha finalidade acadêmica e tenha características de um trabalho individual, inúmeros fatores contribuem para que este trabalho seja construído coletivamente. Por este fator, gostaria de expressar a minha imensa gratidão aos que contribuíram para que a conclusão deste trabalho fosse possível.

À minha querida mãe Cely, que mesmo sem compreender o que seja ter uma filha Mestra, nunca me deixou desistir dos meus sonhos. Pelos cafés e conversas quando ia à sua casa em busca de refúgio para desenvolver a escrita.

Ao meu querido marido Thiago, que não mediu esforços para que eu pudesse me concentrar, estudar e escrever. Foi pai, cúmplice, músico nas horas de desespero e pelas tentativas, bem sucedidas, de preencher a minha ausência, junto aos nossos filhos.

Aos meus amados filhos Júlia e Joaquim, que em meio às minhas ausências, conseguiram driblar a saudade e a falta daquele colo, justamente na hora em que a mamãe estudava por querer o melhor para eles. Amo vocês!

Aos meus sogros Dirce e Syrio, assim como minhas cunhadas, Thaís e Thamara pela força ao cuidarem do meu tesouro mais precioso - meus amados filhos - nos momentos de escrita. A ajuda de vocês foi essencial.

À minha irmã Juliana e ao meu sobrinho Luigi por serem parte do que sou.

À Professora Doutora Jurema Lopes, minha querida orientadora. Obrigada pela mão sempre estendida, pela paciência e por todo aprendizado gentilmente compartilhado durante esta jornada.

À Professora Doutora Monique Andries, minha eterna professora, com quem tanto aprendi e tenho o privilégio de aprender. Jamais esquecerei que esta caminhada foi iniciada a partir da sua confiança depositada em mim.

Aos docentes da banca examinadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Anna Paula Lemos, UNIGRANRIO, Prof. Idemburgo Frazão, UNIGRANRIO e mais uma vez à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Monique Andries, UFRJ pela disponibilidade, pelo aprendizado e generosidade, contribuindo efetivamente para conclusão deste trabalho.

Às queridas amigas da Coordenadoria Dinamizadora de Leitura Literária/SME/Duque de Caxias pela parceria e colaboração. À Penélope Monteiro pela sua empatia e à Valéria Ângelo por compreender meus momentos de dedicação ao Mestrado. Pelo apoio das amigas Marcia Oliveira e Marluce Moraes pela orientação e cumplicidade.

Às Dinamizadoras de Leitura Literária pela disponibilidade e compartilhamento de suas vivências. Por se disponibilizarem ao encontro presencial, mesmo em tempos tão difíceis.

Ao corpo docente do PPGHCA pela magnífica contribuição, tanto no que diz respeito ao meu papel como aluna, mas também como ser humano.

Aos colegas da turma de 2019 do PPGHCA porque sobrevivemos às aulas presenciais e sobretudo, às aulas on-line e nos mantivemos firmes. Obrigada pelo apoio de cada um. Em especial, à amiga Jorgete Ramos Massa da Costa a quem pude contar do início ao fim do curso e à amiga Sydna Meire Faustino Feliciano quem me incentivou a ingressar no Mestrado, sempre disponível a me ajudar.

À Coordenação e administrativos do PPGHCA por toda ajuda nesta caminhada.

“A melhora da qualidade da educação implica a formação permanente dos educadores.

E a formação permanente se funda na prática de analisar a prática. É pensando sua prática, naturalmente com a presença de pessoal altamente qualificado, que é possível perceber embutida na prática uma teoria não percebida ainda, pouco percebida ou já percebida, mas pouco assumida.”

Paulo Freire

## RESUMO

A presente pesquisa intitulada “Formação Continuada de Professores: implicações para o trabalho docente dos Professores Dinamizadores de Leitura Literária” tem, como objetivo geral analisar as implicações da formação continuada na atividade de trabalho de professores dinamizadores de leitura literária. Como desdobramento desse objetivo, seguem os objetivos específicos: a) investigar as contribuições da formação continuada na atividade de trabalho de professores dinamizadores de leitura literária; b) conhecer os critérios adotados na identificação dos cursos de formação continuada para professores dinamizadores de leitura literária e, c) identificar saberes ressignificados e recontextualizados na atividade de trabalho dos professores dinamizadores de leitura literária. Para alcançar os objetivos relacionados, o estudo analisou o conceito de trabalho e atividade de trabalho docente através de referenciais teóricos de Schwartz (2000; 2002; 2003; 2004; 2010; 2011). Caracterizamos a abordagem da pesquisa como qualitativa, de natureza interpretativa. O universo dos sujeitos participantes do estudo é constituído por cinco docentes, todas professoras dinamizadoras de leitura literária da rede municipal de Duque de Caxias. Os dados foram produzidos através de entrevistas abertas, seguindo roteiro previamente estruturado. Os resultados da pesquisa mostram que os sujeitos identificam cursos de formação como um dos caminhos para uma mudança positiva às aulas e assim concluímos que a Formação Continuada potencializa as práticas docentes, agregando benefícios à atividade de trabalho das dinamizadoras. Entretanto, observamos que os cursos de formação continuada fazem parte de apenas um dos meios para que haja efetiva mudança de paradigma no processo ensino-aprendizagem.

**Palavras-chave:** Formação de Professores. Formação Continuada. Leitura Literária; Atividade de trabalho.

## ABSTRACT

This research entitled "Continuous Teacher Education: implications for the teaching work of Teachers of Literary Reading" has, as a general objective, to analyze the implications of continuous education in the work activity of teachers who promote literary reading. As a result of this objective, the following specific objectives follow: a) to investigate the contributions of continuous education in the work activity of teachers who promote literary reading; b) to know the criteria adopted in the identification of continuous education courses for teachers who promote literary reading and, c) to identify new meanings and recontextualized knowledge in the work activity of teachers who promote literary reading. In order to achieve the related objectives, the study analyzed the concept of work and teaching work activity through theoretical references by Schwartz (2000; 2002; 2003; 2004; 2010; 2011), We characterize the research approach as qualitative, of an interpretative nature. The universe of subjects participating in the study consists of five teachers, all of whom are instructors in literary reading Duque de Caxias's Public Schools The data were produced through open interviews, following a previously structured script. The results of the research show that the subjects identify training courses as one of the ways for a positive change to the classes and thus we conclude that the Continuous Education enhances the teaching practices, adding benefits to the work activity of the facilitators. However, we observe that continuing education courses are just one of the means for an effective paradigm shift in the teaching-learning process.

**Keywords:** Teacher Education. Continuous Education. Literary Reading; Work activity.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa de Duque de Caxias .....	28
Figura 2: Visitação interior Caminhão Leia Caxias .....	49
Figura 3: Caminhão da Leitura .....	50
Figura 4: Aula de Sala de Leitura .....	78
Figura 5: Apresentação de atividade de Sala de Leitura .....	79
Figura 6: Atividade de Contação de história Caminhão Leia Caxias .....	80
Figura 7: Mapa Referenciais Legais Formação de Professores .....	82
Figura 8: Atividade Piquenique Literário.....	90
Figura 9: Contação de história Formação Dinamizadores de Leitura Literária .....	99
Figura 10: Formação Bimestral Dinamizadores de Leitura Literária .....	103

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: UEs e locais para as aulas de leitura literária .....	66
--	----

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Perfil Sujeitos da Pesquisa .....	31
Quadro 2: Definição de “Trabalho do Dinamizador de Leitura Literária” .....	55
Quadro 3: Saberes Docentes e as Narrativas – Dinamizadora Liesel .....	75
Quadro 4: Levantamento de tempo de serviço na rede municipal de ensino .....	89
Quadro 5: Definição de Formação Continuada pelos sujeitos do estudo .....	92

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1: Quantitativo de unidades escolares da rede municipal de Duque de Caxias.29

## LISTA DE ABREVIATURAS

CCAIC	Creche e Centro de Atendimento à Infância Caxiense
CDLL	Coordenadoria Dinamizadora de Leitura Literária
CIEP	Centro Integrado de Educação Pública
COVID	Corona Vírus Disease
CPFPP	Centro de Pesquisa e Formação Continuada Paulo Freire
FAP	Formação em Alfabetização Plena
FUNDEB	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Básica
FUNDEF	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério da Educação
PME	Plano Municipal de Educação
PNE	Plano Nacional de Educação
REDUC	Refinaria Duque de Caxias
SME	Secretaria Municipal de Educação
UE	Unidade Escolar
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNIGRANRIO	Universidade do Grande Rio

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>17</b>
<b>2</b>	<b>A PESQUISA E SEUS CAMINHOS .....</b>	<b>27</b>
2.1	Contexto da pesquisa: o caminho a ser trilhado .....	27
2.2	Narradores e narrativas: os sujeitos da pesquisa .....	32
2.3	Entrevista junto aos sujeitos/Instrumentos e Procedimentos .....	36
<b>3</b>	<b>ATIVIDADE DE TRABALHO DOCENTE .....</b>	<b>40</b>
3.1	O trabalho dos Dinamizadores de Leitura Literária .....	40
3.2	Sobre Atividade de Trabalho Docente .....	57
3.3	A construção dos saberes e o tempo de atuação docente.....	70
<b>4</b>	<b>FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES.....</b>	<b>81</b>
4.1	Políticas Públicas Educacionais e a Formação do Professor.....	82
4.2	Entre a Formação Inicial e a Formação Continuada.....	88
4.3	Formação Continuada de Dinamizadores de Leitura Literária .....	94
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>100</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>104</b>
	<b>APÊNDICE A - ROTEIRO DA ENTREVISTA .....</b>	<b>111</b>
	<b>APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	<b>112</b>
	<b>APÊNDICE C - TERMO DE PROTEÇÃO DE RISCO E CONFIDENCIALIDADE....</b>	<b>113</b>
	<b>APÊNDICE D - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E</b>	
	<b>DEPOIMENTOS .....</b>	<b>114</b>
	<b>ANEXO A - PARECER COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA.....</b>	<b>115</b>
	<b>ANEXO B - AUTORIZAÇÃO PESQUISA SECRETARIA MUNICIPAL DE</b>	
	<b>EDUCAÇÃO DE DUQUE DE CAXIAS .....</b>	<b>116</b>
	<b>ANEXO C - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS .....</b>	<b>117</b>
	<b>ANEXO D - NORMATIZAÇÃO DO DINAMIZADOR DE LEITURA LITERÁRIA</b>	
	<b>2019.....</b>	<b>134</b>

## 1 INTRODUÇÃO

“O que somos ou, melhor ainda, o sentido de quem somos, depende das histórias que contamos e das que contamos a nós mesmos.

Em particular, das construções narrativas nas quais cada um de nós é, ao mesmo tempo, o autor, o narrador e o personagem principal.”

Jorge Larrosa

O presente estudo se justifica pela relevância que a Formação Continuada de Professores teve na minha trajetória profissional. Antes de ingressar na rede municipal de ensino de Duque de Caxias, ainda na escola privada, percebi a importância que os cursos traziam para a minha atuação em sala de aula. Observar que as mudanças iam acontecendo e que a prática associada aos conteúdos aprendidos, tornavam o trabalho mais completo e funcional despertou a necessidade de me debruçar nas implicações que o investimento de tempo, antecedendo ao investimento financeiro, proporcionava positivamente ao ato de ensinar. Entretanto, como descobrir se a mesma contribuição que os cursos traziam para a minha atividade de trabalho era percebida e vivenciada pelos colegas de profissão? Visando à uma maior compreensão do surgimento dessa inquietação, falar sobre a minha trajetória profissional inicia a caminhada pela busca de respostas quanto à relevância da Formação Continuada e à minha atuação junto aos alunos.

Minha formação profissional tem início em 1993, antigo segundo grau, no Curso de Formação de Professores – Normal. A certeza de que seria professora veio a partir dos estágios. Antes de concluir o Curso Normal, no último ano de curso, no ano de 1995, comecei a trabalhar como auxiliar numa escola particular, em Duque de Caxias. Minha função não era muito clara: substituía professores, colaborava na hora do recreio e percebi que precisava ter um objetivo mais claro, referente à Educação. Exercer uma função superficial, frente aos meus anseios como futura professora, me gerava um certo incômodo.

Em 1997, iniciei como professora de Educação Infantil, em uma escola particular no município de São João de Meriti. Percebendo que a pouca idade era sinônimo de insegurança para os pais, optei por fazer um curso de formação conhecido como Adicional, com foco na Alfabetização. Percebi que o curso não me ofereceu uma contribuição direta para minha atividade de trabalho na Educação

Infantil. Entretanto, percebi que essa vontade de aprender me impulsionava pelos caminhos da Educação.

Historicamente, a formação de professores, especificamente, a partir da década de 1990, passava por uma mudança de concepção regida pela Declaração Universal de Educação para Todos. Esta Declaração foi aprovada na Conferência Mundial de Educação para Todos, que aconteceu em Jomtien, na Tailândia, de 05 a 09 de março. Tendo como um dos objetivos principais a universalização da educação básica, minha formação para o exercício da profissão estava pautada no enfrentamento do analfabetismo.

Como marco relevante da década anterior, de 1980, é possível destacar a implantação dos CIEPs, os Centros Integrados de Educação Pública. Criados pelo antropólogo Darcy Ribeiro e construídos inicialmente no Rio de Janeiro durante o governo de Leonel Brizola (1983-1987 e 1991-1994), visavam revolucionar a educação pública brasileira. Sua maior proposta era oferecer escola de horário integral para os alunos do ensino público da rede pública estadual. Em virtude do cumprimento de carga horária para o estágio supervisionado desde o início do Curso de Formação de Professores, tive contato com o funcionamento do CIEP 350 Tulio Roberto Quintiliano Cardoso, em Duque de Caxias, no bairro Parque das Missões.

Em paralelo ao Curso Normal, mesmo não tendo condições financeiras para me matricular em cursos de consagrados, eu buscava cursos de Inglês no SENAC e Informática em cursos de pequeno porte. Foi então que, em 1998, iniciei um trabalho inovador para época, nas escolas de ensino fundamental: a Informática Educativa. Nesse mesmo ano, iniciei o Curso de Pedagogia na Unigranrio. Eu tinha um grande sonho de ter nível superior. Foi um grande marco familiar, já que minha mãe não teve a oportunidade de estudar pela necessidade de trabalhar. O Curso de Pedagogia reforçou a minha vontade de estudar sobre as ferramentas que os professores necessitavam para o desenvolvimento de suas atividades educativas, em sua rotina de trabalho. Ainda no Curso de Formação de Professores, optei pelo Curso Adicional, na mesma unidade escolar de conclusão do Normal. Textos de Paulo Freire eram amplamente discutidos nas aulas e a partir de seus ensinamentos, era ampliada a minha visão em torno da importância da formação contínua do professor.

A partir da introdução dos computadores na rotina das pessoas, houve o surgimento de cursos de Informática com foco na utilização desses dispositivos em atividades educativas. Despertando a minha curiosidade, me matriculei em um curso de Informática e logo percebi que poderia associar à minha atividade de trabalho, como professora, aos conteúdos de sala de aula. Nessa mesma época, iniciei meu trabalho como implementadora de Informática Educacional na rede privada de Duque de Caxias. Percebendo a necessidade de aprofundar meus estudos na área educacional, ingressei na Universidade do Grande Rio, no Curso de Pedagogia. A Tecnologia Educacional estava intimamente associada à minha prática educativa e meu trabalho final de curso retratava essa minha identificação com o mundo tecnológico. Minha pesquisa era intitulada: Informática Educativa: a tecnologia a serviço de todos. Percebendo que o acesso à tecnologia, em 2001, ainda era restrito, decidi analisar quais eram os implicadores nesse processo de universalização do aparato tecnológico. Me preocupei em citar na minha monografia desde as questões sociais, perpassando pela restrição de informação aos cidadãos e a formação do professor frente às novas tecnologias. Com o objetivo de prosseguir com esse trabalho voltado para formação continuada de professores, iniciei na Unigranrio, em 2002, pós-graduação na área pedagógica. Colhi bons frutos no curso e adquiri conhecimentos que colaboraram significativamente para minha prática em sala de aula, precisamente no Laboratório de Informática, na escola privada onde dava aula.

No ano de 2004, através de concurso público, assumi como professora de Ensino Fundamental – anos iniciais<sup>1</sup>, na rede municipal de ensino de Duque de Caxias. Era um sonho ter a matrícula como servidora pública pela estabilidade financeira que esta condição proporcionava. Ser funcionária pública em Duque de Caxias atraía inúmeros candidatos, pois era o município que melhor remunerava professores em todo o estado do Rio de Janeiro. Senti, nesse momento, que o meu esforço e a vontade de aprender me conduziram até a estabilidade que tanto desejava alcançar. Na época, era o último governo do prefeito José Camilo Zito dos Santos Filho e minha lotação era em uma escola do 1º distrito de Duque de Caxias. O governo, iniciado em 1997, investiu na área educacional e na formação continuada de

---

<sup>1</sup> No município de Duque de Caxias, professores do Ensino Fundamental, anos iniciais, são denominados Professor II, de acordo com Art. 6º da Lei nº 1.070, de 19 de setembro de 1991.

professores, contudo, não conseguiu manter tais investimentos em seu segundo mandato, iniciado em 2001. Sentindo a necessidade de ajudar ainda mais nas contas de casa, assumi uma turma do 5º ano de escolaridade à noite, em regime de aula-extra, uma turma de Jovens e Adultos. Com alunos, praticamente, alfabetizados, não sentia os impactos das lacunas deixadas por uma alfabetização deficitária e pelas dificuldades que teria pela frente, caso me tornasse uma professora alfabetizadora.

Ao assumir uma turma de 2º ano de escolaridade e percebendo a necessidade de aprimorar meus estudos referentes à Alfabetização, me matriculei na FAP – Formação em Alfabetização Plena, formação oferecida pelo governo federal, através da Secretaria de Educação de Duque de Caxias. Esse curso me permitiu consolidar a ideia sobre a importância da formação continuada para professores. O que antes me causava insegurança, foi minimizado através dessa formação. Por meio do Letramento, da compreensão do aluno como um leitor, antes mesmo de decodificar as letras, além de perceber a importância e a função social da leitura e da escrita, foram os gatilhos que consolidaram a minha percepção sobre a necessidade da formação para a minha prática educativa como alfabetizadora.

Em 2008, com o retorno de José Camilo Zito dos Santos como prefeito, após as eleições de 2007, recebi um convite para trabalhar na Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias. Assumi a função de implementadora de projetos educacionais, na Coordenadoria de Esportes Educacionais e Programas Comunitários. Dentre as funções exercidas por mim, estava dar suporte às unidades escolares em projetos do governo federal; desenvolvimento de atividades em eventos da Secretaria de Educação; elaboração de projetos educacionais. Partindo dessa atividade, iniciei uma pós-graduação em Políticas Públicas e Projetos Socioculturais em Espaços Escolares, na UFRJ.

Como projeto final, me interessei em pesquisar sobre as implicações da formação continuada de professores na atuação de programas implementados pelo governo federal, em especial, o Programa Mais Educação, já que eu atuava como implementadora desse programa, na Secretaria Municipal de Educação. Durante o processo de construção do projeto de pesquisa, recebi a notícia que estava grávida e como se tratava de uma pesquisa não muito acessível, com base em publicações relativamente recentes, demandaria um esforço que a gestação iria sentir os impactos.

Por isso, em comum acordo com a orientadora, decidimos pesquisar sobre a FAP. Algo tão presente na minha atuação como professora. A FAP, curso que havia concluído anteriormente e da mesma maneira retratava a formação continuada de professores, serviu de mote para a monografia intitulada: Formação Continuada de Professores Alfabetizadores: a experiência de Duque de Caxias – Rio de Janeiro.

Ao retornar à sala de aula, após a minha passagem pela Secretaria de Educação, em 2014, pude perceber que alguns impasses, no que se refere aos alunos e sua formação em anos anteriores, poderiam estar relacionados às lacunas quanto à formação dos professores. Mesmo sem ter como comprovar tamanha dedução, algo me fez refletir e sentir a necessidade de aprofundar meus conhecimentos sobre a temática. Perceber o aluno como um personagem interessado ao aprendizado e, sobretudo perceber o aluno como sujeito que também ensina, rompe paradigmas que, possivelmente, são compreendidos a partir de estudos por parte dos professores.

No ano de 2019, fui convidada a integrar a Coordenadoria Dinamizadora de Leitura Literária, da Secretaria de Educação de Duque de Caxias, como implementadora de projetos e minhas reflexões acerca da formação continuada de professores puderam ser aplicadas às formações oferecidas pela equipe da Coordenadoria. À Coordenadoria cabe desenvolver, junto aos professores dinamizadores de leitura, projetos de leitura nas escolas municipais de Duque de Caxias, bem como promover formações para os professores concursados que ocupam a função de dinamizadores de leitura literária.

Nesse mesmo ano, iniciei o Mestrado na área de Humanidades, Cultura e Artes tendo como foco compreender as implicações das formações continuadas na atividade de trabalho dos dinamizadores de leitura literária da rede municipal de Duque de Caxias. Compreendendo que a educação abriga fatores para que ela aconteça efetivamente, a formação continuada de professores tem considerável relevância nesse processo. Refletir acerca da formação continuada de professores, aprofundando teoricamente, assim como ir a campo analisar os reflexos das formações ou a ausência delas motivaram o interesse pela pesquisa.

A formação continuada de professores frequentemente esteve ligada ao desenvolvimento do trabalho de professores, na obtenção dos conteúdos científicos

atualizados com o objetivo de compartilhá-los com seus alunos. Segundo Maués (2003), nos períodos após a Primeira Guerra Mundial, surgiu a necessidade de uma formação para professores que contemplasse questões ideológicas, políticas e econômicas. A partir dos anos de 1990, houve no Brasil uma nova maneira de pensar a educação, em virtude da globalização. Escola e sociedade direcionaram esforços para acompanhar essa nova demanda. Com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394/96, fica determinado que “a formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação...” (art.62). No momento, foi estabelecido que 2007 seria o ano limite para o cumprimento dessa exigência. Vale ressaltar que, atualmente, a redação da Lei nº 9394/96, foi modificada pela Lei nº 13415/17 que exclui os institutos de educação, especificamente os que ofereciam o curso Normal Superior, como espaço para esta formação superior. Segundo dados do Censo Escolar 2018, o Brasil ainda apresenta 21,6% (INEP, 2021) de professores sem nível superior atuando na Educação Básica.

Mesmo reconhecendo na formação um meio enriquecedor de ação na transformação das práticas pedagógicas, também é necessário reconhecer seus alcances e limites. Refletir como acontece a formação de professores possibilita resgatar a história de vida de cada um, ou seja, a influência da vida pessoal na vida profissional dos professores. Para Perrenoud (1999), a aprendizagem deve acontecer associada ao social, à vida dos atores envolvidos no processo, não somente aos professores, bem como na vida dos alunos.

Na perspectiva da formação continuada de professores, o acúmulo de cursos, técnicas e conhecimentos se torna irrelevante se não estiver integrado à reflexão e à criticidade da prática docente. A apropriação do conhecimento adquirido faz sentido ou é aceito, incorporado ou não, se houver afetividade ou identificação cultural, ultrapassando a barreira cognitiva (GATTI, 2003). Segundo Nóvoa (2009), trazer a formação continuada para dentro da profissão resultaria em experiências consideravelmente significativas.

Ao direcionarmos a afetividade para a Literatura, nos deparamos com a relevância da troca entre professores e alunos. A afetividade permite aos professores transitarem pelo mundo dos alunos, identificando neles os meios aos quais os

alcançará. Ao contar histórias, o Dinamizador de Leitura também necessita acessar a sua criança interior para melhor compreender quem é o seu aluno.

Dentre os espaços voltados para promoção da leitura, a escola tem função primordial no desenvolvimento das potencialidades do aluno, oferecendo subsídios para sua vida em sociedade. Anterior ao espaço escolar, segundo Yunes (1985), a prática leitora tem início através das histórias contadas e ouvidas. Antes da decodificação dos símbolos atribuídos às letras e da percepção que leitura está diretamente ligada à função social que ela exerce, a magia das histórias permeia a infância, possibilitando uma viagem acessível aos pequenos ouvintes.

Ao valorizar as experiências trazidas pelos alunos, é papel da escola formar cidadãos ativos e a leitura é essencial para o exercício pleno da cidadania. Para que seja efetivado esse papel que a escola tem de formar, cada vez mais sujeitos-leitores, atividades voltadas para a leitura literária, nos espaços de sala de leitura, tem se intensificado. Aqueles que não dominam a leitura ficam à margem da sociedade e pensar no papel da escola, nessa formação de leitores, tem caráter de urgência. Nessa perspectiva, o professor dinamizador de leitura literária desempenha papel fundamental na aproximação dos alunos à leitura literária, ao livro, à contação de histórias. Consequentemente, levando em consideração a necessidade de analisar como a formação do professor de educação básica, especificamente, o dinamizador de leitura literária reflete na prática docente, chegamos à seguinte questão: quais as implicações da formação continuada na atividade de trabalho dos professores dinamizadores de leitura literária?

A formação inicial do professor dinamizador de leitura literária pode não oferecer subsídios necessários à sua atividade de trabalho. A formação continuada possibilita novos caminhos para o desenvolvimento da atividade de trabalho do professor dinamizador de leitura literária, ressignificando a atividade docente.

Com o objetivo de analisar as implicações da formação continuada na atividade de trabalho dos professores dinamizadores de leitura literária, tendo como objetivos secundários investigar as contribuições da formação continuada na atividade de trabalho de professores dinamizadores de leitura literária; conhecer os critérios adotados na identificação dos cursos de formação continuada para professores

dinamizadores de leitura literária; e identificar saberes ressignificados e recontextualizados na atividade de trabalho dos professores dinamizadores de leitura literária, a presente pesquisa se desenvolveu com o intuito de esclarecer tais questões.

Partindo do quantitativo total de professoras que atuam como Dinamizadoras de Leitura, tendo em vista que o quantitativo de professores Dinamizadores é inferior, optamos por nos referir aos sujeitos da pesquisa como Dinamizadoras de Leitura. Assumimos o substantivo no gênero feminino no intuito de respeitar a identidade das professoras Dinamizadoras que disponibilizaram seu tempo colaborando com a pesquisa.

Estava prevista a participação de 6 (seis) professoras Dinamizadoras de Leitura Literária da rede de ensino de Duque de Caxias, obedecendo aos seguintes critérios: a) atuarem no ensino fundamental dos anos iniciais na rede municipal; b) terem formação superior; c) serem estatutários; d) estarem atuando em sala de aula como Dinamizadoras de Leitura Literária; e) terem disponibilidade para participar da pesquisa. Além dos quesitos apresentados, tendo em vista o quantitativo total de 123 (cento e vinte e três) dinamizadoras atuando em unidades escolares de ensino, demais critérios foram estabelecidos justificando a amostra da pesquisa, observando aos seguintes critérios: uma professora de uma escola urbana do 1º distrito, uma professora de escola de campo do 4º distrito, uma professora pertencente à menor faixa etária das dinamizadoras, uma da maior faixa etária das dinamizadoras, uma com mais tempo de serviço na rede municipal, uma com menos tempo de serviço, uma professora com maior tempo de atuação como Dinamizadora de Leitura Literária e outra com menor tempo de atuação nesta função. Cabe ressaltar que cada professora pode representar mais de um critério.

Como procedimento planejado, as entrevistas aconteceriam na Secretaria Municipal de Educação, durante a realização das formações que aconteciam bimestralmente. Porém, em virtude da pandemia do Coronavírus<sup>2</sup>, tanto o quantitativo

---

<sup>2</sup>A COVID-19 é uma doença causada pelo Coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves. De acordo com a Organização Mundial de Saúde, a maioria (cerca de 80%) dos pacientes com COVID-19 podem ser assintomáticos ou oligossintomáticos (poucos sintomas), e aproximadamente 20% dos casos detectados requer

de entrevistadas, quanto o local para que as entrevistas acontecessem, tiveram que ser modificados. Das 6 (seis) dinamizadoras elencadas para serem entrevistadas, apenas 5 (cinco) aceitaram participar da entrevista e respeitando o protocolo estabelecido pela Organização Mundial da Saúde, as reuniões em locais fechados precisaram ser canceladas. Houve a necessidade de acordar com as entrevistadas o melhor local para que as entrevistas fossem realizadas. Além das mudanças no quantitativo de sujeitos da pesquisa e mudança no local das entrevistas, a observação dos sujeitos, em seu local de trabalho também necessitou ser cancelada.

A presente investigação está organizada em quatro seções. Na Introdução, correspondente à primeira seção, apresentamos os objetivos, a questão da investigação, bem como as motivações que nos conduziram ao estudo.

Na segunda seção, intitulada “Sobre a Pesquisa”, com base em Mello (2012), Silva (2015), Portelli (2017) apresentamos informações referentes ao município de Duque de Caxias. Além dos distritos e o do quantitativo de unidades escolares da rede municipal de ensino, abordamos conceitos essenciais para iniciarmos a pesquisa, tais como: mediação e contação de histórias. Nesta seção, listamos os sujeitos da pesquisa e a origem da função de Dinamizador de Leitura Literária. Retratamos o “narrador” de Benjamin (1994) como crucial para a continuidade da história oral e perpetuação cultural. Em virtude do quantitativo de profissionais do sexo feminino que atua como Dinamizador de Leitura ser substancialmente superior ao quantitativo de profissionais do sexo masculino – dos 123 dinamizadores, apenas 3 são profissionais do sexo masculino (SME, 2020) – utilizaremos, ao longo da pesquisa, o termo Dinamizadora quando nos referirmos, em especial aos sujeitos da pesquisa.

Na terceira seção, cujo título é “Atividade de Trabalho Docente”, discorreremos sobre a definição de trabalho e atividade de trabalho, contribuição esta de Schwartz (2000; 2002; 2003; 2004; 2010; 2011), Shulman (1987) e Tardif (2000), ao se debruçarem nos saberes docentes evidenciaram fatores necessários para que o professor se aproprie do que aprende, juntamente com a sua prática diária. Por este motivo, os autores embasaram a análise das narrativas compartilhadas pelas

---

atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória, dos quais aproximadamente 5% podem necessitar de suporte ventilatório. <https://coronavirus.saude.gov.br>

Dinamizadoras de Leitura Literária. Assim como os autores citados, Pimenta (1997) trouxe como contribuição a organização dos saberes que norteiam a atividade de trabalho do professor.

Na quarta e última seção, intitulada “Formação Continuada de Professores”, iniciamos apresentando o panorama histórico, tendo como aporte os estudos de Freire (1996), Alarcão e Roldão (2014) transcorremos sobre a busca pela formação e a certeza do inacabado, da busca pelo desafio. Moreira (2011) também colaborou com sua análise histórica sobre a formação de professores, bem como Huberman (2000) e seus estudos empíricos referentes ao ciclo de vida profissional de professores. Ainda nesta seção, apresentamos a Formação Continuada dos Dinamizadores de Leitura Literária e buscamos referências nos estudos de Paulino (2005) e Butlen (2008), autores que focam seus estudos na leitura literária e na formação de professores leitores.

## 2 A PESQUISA E SEUS CAMINHOS

“Ao ler estou abrindo uma porta entre meu mundo e o mundo do outro. O sentido do texto só se completa quando esse trânsito se efetiva, quando se faz a passagem de sentidos entre um e outro. Se acredito que o mundo está absolutamente completo e nada mais pode ser dito, a leitura não faz sentido para mim.”  
Rildo Cosson

Tão relevante quanto à escuta dos sujeitos está o fato de conhecermos o contexto ao qual estão inseridos. Mediante a coleta de dados, documentos e registros podemos entrelaçar estas informações às narrativas apresentadas pelos entrevistados. Segundo Mello (2012, p. 8), contextualizar etimologicamente significa enraizar. Para o autor “[...] Contextualizar, portanto, é uma estratégia fundamental para a construção de significações”, ou seja, a contextualização, no que se refere à pesquisa, diz respeito a articular local e os sujeitos da pesquisa.

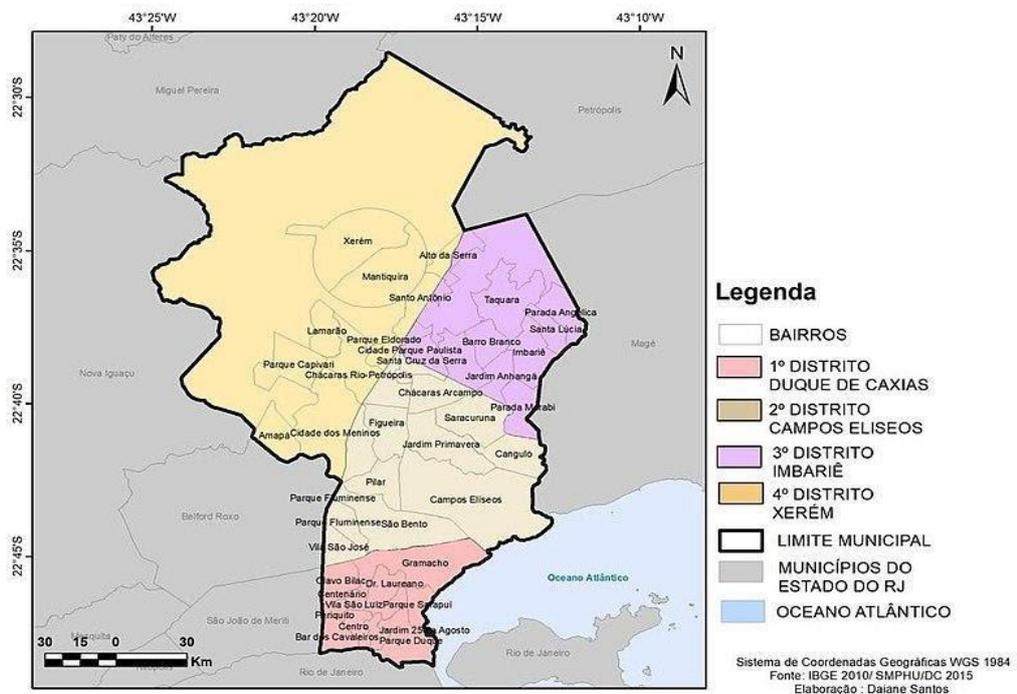
É de suma importância conhecer o local de inserção dos sujeitos para compreender qual o sentido de suas próprias impressões. Contexto e narrativa entrelaçados possibilitam substanciar a pesquisa. O foco da investigação é a importância da formação continuada na atividade de trabalho das dinamizadoras de leitura literária da rede municipal de ensino. Conhecer e apresentar o cenário de inserção da dinamizadora, bem como o seu órgão regulador e qual a sua percepção sobre a função que exerce estão diretamente relacionados ao capítulo apresentado a seguir.

### 2.1 Contexto da pesquisa: o caminho a ser trilhado

Ao buscar por uma temática que articulasse com a nossa prática e pelo fato de atuarmos na rede municipal de ensino de Duque de Caxias, a pesquisa foi desenvolvida nesta rede de ensino. Visando à compreensão do estudo, apresentamos informações gerais sobre a rede municipal de ensino. Segundo o IBGE (2020), Duque de Caxias tem uma população estimada de 924.624 habitantes, com área territorial de 467,319 km<sup>2</sup>. Situado na região de planícies costeiras pertencentes ao estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, assim como Belford Roxo, Japeri, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, São João de Meriti, Nova Iguaçu e Queimados, compõem a Baixada Fluminense.

O município de Duque de Caxias está dividido em quatro distritos, sendo eles: 1º Distrito - Centro; 2º Distrito - Campos Elíseos; 3º Distrito - Imbariê; e 4º Distrito - Xerém. Para melhor visualização dos limites entre os distritos que fazem parte de Duque de Caxias. A Figura 1 ilustra a divisão dos distritos, assim como seus 41 bairros:

**Figura 1: Mapa de Duque de Caxias**



Fonte: [https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Mapa\\_IBGE.jpg](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Mapa_IBGE.jpg) (2021)

Dentre os distritos do município, os 3º e 4º distritos apresentam características rurais, visto que no 2º distrito está localizada a sede da Prefeitura e no 1º distrito a Secretaria Municipal de Educação, distrito mais urbano de Duque de Caxias. Tais características, justificam a necessidade de a amostra ter como representatividade, pelo menos, 1 dinamizador por distrito. Segundo dados da Secretaria Municipal de Educação (SME, 2020), em 2020, o município conta com 178 (cento e setenta e oito) unidades escolares, composto por 5.700 professores, 1.400 funcionários e cerca de 80 mil alunos. A rede municipal de ensino possui os seguintes segmentos: Educação Infantil (nas escolas de ensino fundamental e nos CCAICs – Creche e Centro de Atendimento à Infância Caxiense), Ensino Fundamental, incluindo a modalidade Educação de Jovens e Adultos. Na Tabela 1, é possível visualizar as 178 unidades escolares do município de Duque de Caxias que estão acomodadas em prédios

próprios, casas adaptadas, CIEPs, distribuídos nos quatro distritos, conforme apresentado no quadro a seguir:

**Tabela 1: Quantitativo de unidades escolares da rede municipal de Duque de Caxias**

DISTRITOS	UNIDADES ESCOLARES				
	LOCALIZAÇÃO	ESCOLAS	CRECHES/ PRÉ- ESCOLA	CCAICS	TOTAL
1º DISTRITO	CENTRO	47	16	2	65
2º DISTRITO	CAMPOS ELÍSEOS	47	7	2	56
3º DISTRITO	IMBARIÊ	28	3	1	32
4º DISTRITO	XERÉM	21	2	2	25

Fonte: <https://smeduquedecaxias.rj.gov.br/>, 2020

A sede da Secretaria Municipal de Educação (SME) é responsável por planejar, junto às unidades escolares, a execução de atividades, bem como avaliar suas ações. A SME é composta por departamentos e coordenadorias cujo objetivo é a promoção de uma educação que possibilite o pleno desenvolvimento dos alunos.

Estruturada em duas subsecretarias, a SME administra departamentos e coordenadorias que atuam no funcionamento das unidades escolares. Dentre as coordenadorias responsáveis pela formação continuada de professores, foco principal desta pesquisa, citamos o Centro de Pesquisa e Formação Continuada Paulo Freire. Conforme informações contidas no site da Secretaria Municipal de Educação (SME, 2020), o CPFPPF – como é conhecido – “é um departamento responsável por elaborar, organizar e gerir formação continuada dos profissionais da rede municipal de ensino de Duque de Caxias”.

As formações continuadas oferecidas pela Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias são supervisionadas pelo CPFPPF (Centro de Pesquisa e Formação Continuada Paulo Freire). Entretanto, nos debruçaremos, em especial, na formação continuada oferecida pela Coordenadoria Dinamizadora de Leitura Literária, equipe supervisionada pelo CPFPPF, no que diz respeito às formações continuadas ofertadas aos dinamizadores de leitura literária.

A Coordenadoria Dinamizadora de Leitura Literária foi criada no ano de 1992, ainda denominada de Equipe de Leitura. Com o objetivo de estimular e proporcionar aos alunos da rede municipal de ensino de Duque de Caxias acesso à leitura. A partir da formação da equipe, além de espaço próprio na sede da Secretaria Municipal de Educação, professores concursados pertencentes à Divisão de Ensino Fundamental foram convidados a dinamizar ações especificamente voltadas para a promoção de incentivo à leitura ofertada às unidades escolares da rede municipal de ensino. Segundo registros acessados na Secretaria Municipal de Educação, a partir do ano de 1992, a Equipe de Leitura passou a pensar em atividades que possibilitassem a aproximação dos alunos às obras literárias.

No processo de construção de alternativas que pudessem aproximar os alunos - leitores em potencial - das obras literárias, os professores pertencentes à Equipe de Leitura atuam, junto aos alunos, fazendo uso da mediação de leitura e da contação de histórias. A priori, eram alternativas possíveis para alcançar o maior número de alunos, visto que o número de professores responsáveis por esta tarefa não supria a demanda de alunos matriculados nas escolas da rede municipal de ensino de Duque de Caxias.

Atualmente, as dinamizadoras atuam nas unidades escolares a partir de ações sugeridas pela Coordenadoria Dinamizadora de Leitura Literária. A Coordenadoria Dinamizadora de Leitura Literária é composta por uma chefia (coordenadora); sete profissionais concursados (implementadores) e uma funcionária contratada, através de processo seletivo (assistente administrativo). Em contato com a CDLL, obtivemos a relação nominal das dinamizadoras que atuam nas unidades escolares da rede municipal de ensino, para que pudéssemos estruturar a coleta de dados, junto às dinamizadoras.

Para o desenvolvimento da pesquisa, estabelecemos critérios para a seleção das entrevistadas, sendo eles: a) atuarem no ensino fundamental dos anos iniciais na rede municipal; b) terem formação superior; c) serem estatutárias; d) estarem atuando em sala de aula como Dinamizadoras de Leitura Literária; e) terem disponibilidade para participar da pesquisa. Iniciamos a verificação dos dados das dinamizadoras, traçamos o perfil dos sujeitos da pesquisa.

Com o objetivo de preservar a identidade das Dinamizadoras, propomos que as entrevistadas escolhessem personagens literários ou escritores que mais as identificassem. No Quadro 1, observamos as informações das entrevistadas, seguindo a ordem em que as entrevistas<sup>3</sup> aconteceram:

### Quadro 1 - Perfil Sujeitos da Pesquisa

Nome literário escolhido	Justificativa escolha do nome literário	Idade	Escola de atuação	Distrito	Formação Acadêmica
Petra	Personagem de sua autoria. Petra significa: "Forte como uma pedra"	52 anos	E. M. Mauro de Castro	1º	Graduação: Pedagogia Pós-Graduação: Pedagogia Empresarial
Emília	Pela identificação com a personagem de Monteiro Lobato, da obra Sítio do Pica-Pau Amarelo	59 anos	E. M. Monteiro Lobato	3º	Graduação: História Pós-Graduação: História Social e Cultural do Brasil Colônia
Liesel	Em homenagem à protagonista do livro "A Menina que roubava livros" que se chama Liesel (ZUSAK, 2005)	45 anos	E. M. Paulo Roberto de Moraes Loureiro	2º	Graduação: História Pós-Graduação: História Social do Brasil História do Brasil Pós 30
Lygia	Em homenagem à escritora Lygia Bojunga, autora de "Ciranda de Pedra" (TELLES, 1954), grande inspiração para a Dinamizadora	47 anos	CIEP 407 Neusa Goulart Brizola	3º	Graduação: Letras Pós-Graduação: Língua Portuguesa
Rapunzel	Personagem de conto de fadas escrito pelos Irmãos Grimm, em 1835 e traz memórias da infância da sobrinha	46 anos	E. M. Ana Nery E. M. Dr Gastão Reis	1º	Graduação: Letras (Português/Literatura) Pós-Graduação: Prevenção de Uso de Drogas nas Escolas

Fonte: Dados da pesquisa, 2020

Em conformidade com os critérios previamente estabelecidos para a realização da pesquisa, a amostra deveria contemplar uma dinamizadora por distrito, com o intuito de coletar dados em diferentes ambientes. Os quatro distritos de Duque de Caxias apresentam estruturas diferentes entre si, o que agregaria substancialmente à pesquisa. Entretanto, não houve a disponibilidade desta representatividade em virtude da não aceitação das entrevistadas por temerem à exposição ao Coronavírus. No decorrer da pesquisa, iremos detalhar como as entrevistas aconteceram para melhor compreensão dos dados coletados junto às dinamizadoras.

<sup>3</sup> A transcrição das entrevistas encontra-se no ANEXO C da presente pesquisa.

## 2.2 Narradores e narrativas: os sujeitos da pesquisa

Para estruturar a pesquisa, estabelecemos critérios para a seleção dos sujeitos, visando à ampliação do leque de narrativas na construção do presente estudo. Esta intenção se justifica na necessidade de ampliar a gama de diversidade apresentada pelos sujeitos, em seus diferentes ambientes, seja na zona urbana do 1º distrito do município de Duque de Caxias, ou na zona rural do 4º distrito.

No que se refere às experiências compartilhadas, Benjamin (1994, p. 199), em seu ensaio “O narrador” evidencia que não há uma história melhor do que a outra:

A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. “Quem viaja tem muito para contar”, diz o povo, e com isso imagina um narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. Se quisermos concretizar esse dois grupos através dos seus representantes arcaicos, podemos dizer que um é exemplificado pelo camponês sedentário, e o outro pelo marinho comerciante. Na realidade, esses dois estilos de vida produziram de certo modo suas respectivas famílias de narradores. (BENJAMIN, 1994, p. 199)

As narrativas “contadas” pelas professoras dinamizadoras carregam muito de suas experiências vividas em seus anos de profissão e em suas vivências pessoais. Nesta construção da linguagem, suas falas transmitem sentido ao objeto de estudo pesquisado: a formação continuada. Para Benjamin (1994, p. 198) as histórias orais contadas por anônimos também são ricas e não podemos privilegiar um grupo de narradores em detrimento de outro. Questão esta relacionada ao fato de os sujeitos da pesquisa contribuírem igualmente com suas experiências, independente do seu local geográfico de atuação.

A pesquisa proporciona a inserção do pesquisador no mundo do sujeito, que naquele momento, é o “narrador” de suas experiências. Segundo Benjamin (1994, p. 197) “[...] a arte de narrar está em vias de extinção”, resultando na “[...] morte da narrativa e o surgimento do romance” (BENJAMIN, 1994, p. 201). Transpondo para a pesquisa, a era da informação tem se infiltrado no tempo dedicado às trocas de experiências e a tamanha velocidade não nos permite a circulação das histórias orais, entrelaçadas de cultura popular.

Tanto o camponês sedentário quanto o marinheiro viajante, citados por Benjamin (1994, p. 167) contribuem com suas histórias multiplicando narradores, contadores de suas marcas culturais. Para a Dinamizadora Emília, sua atividade de trabalho se relaciona diretamente com o modo de vida de seus alunos:

Meu principal objetivo é levar os alunos a entenderem que a leitura é um complemento na vida deles. Porque não é só dentro de sala de aula que a leitura é importante. Através da leitura de sala de aula, ele aprende a fazer a leitura da vida. Porque ele aprende a interpretar o que a vida está mostrando para ele. O que costumava dizer para eles: ler palavras não é ser leitor. Ser leitor é ler as palavras, interpretar cada frase e aplicar na vida. (DINAMIZADORA EMÍLIA, 2020)

A partir da narrativa da Dinamizadora Emília, observamos a associação da atividade de trabalho exercida por ela com a realidade vivida pelos alunos, assim como em relação ao seu modo de viver. Ao narrar “Através da leitura de sala de aula, ele aprende a fazer a leitura da vida”, está intrínseca a importância de aproximar as suas próprias experiências às experiências dos alunos, por meio da leitura literária. Relacionando a Benjamin (1994, p. 221), para o autor, “[...] o narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, mas para muitos casos, como o sábio”. A relação estabelecida entre a Dinamizadora Emília e seus alunos nos leva a perceber que há uma preocupação em associar o contato com a leitura literária aos acontecimentos cotidianos dos alunos. Além dessa relação estabelecida pelo “narrador” como ponte, há o caminho de troca, em que a Dinamizadora adquire experiências através desta relação.

Por maior que seja a crítica de Benjamin (1994, p. 197) ao desaparecimento do narrador das experiências, das tradições orais, a fim de confinar história em “romances” longos, não temos a pretensão de atribuir à Dinamizadora Emília ao resgate deste narrador. Entretanto, cabe ressaltar que sua prática pedagógica demonstra, mediante a sua narrativa, o desejo de compartilhar com seus alunos a importância de unir a leitura literária com as suas próprias vidas.

Tendo a entrevista como ferramenta de coleta de dados, mergulhamos nessa troca de experiência, remetendo-nos aos pensamentos de Benjamin quando o autor se refere à capacidade que a narrativa nos proporciona de “intercambiar experiências”. Contar histórias é um acontecimento infinito, ao passo que o ato vivido

tem fim, é limitado ao momento. McLuhan (apud POMBO<sup>4</sup>, 1994, p. 4) diz sobre a palavra falada e a palavra escutada e a importância dessa troca, desse momento singular ao dizer que “a palavra falada é também uma palavra escutada e, enquanto tal, a cultura oral/acústica supõe um outro tipo de proximidade, a proximidade dos homens entre si, isto é, a constituição de fortes relações grupais.”

Não apenas analisando pelo viés otimista, vale ressaltar que para Benjamin (1994, p. 198) “a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente”. Tal análise se relaciona à falta de diálogo, de escuta, resultantes da era do consumismo e da velocidade que a informação, muitas vezes pobre e líquida, nos é imposta. Não somente está ameaçada a troca de experiências, como também a comunicação em sala de aula, como narra a Dinamizadora Rapunzel:

A dificuldade é um pouco maior quando você esbarra com os alunos de quinto ano, quarto ano. Eles são seduzidos mais pela internet, pelo jogo interativo, pela coisa da informação, aquela situação que eles gostam. Eles não têm o hábito de leitura. Mas a gente vai tentando ajudar da melhor maneira possível. (DINAMIZADORA RAPUNZEL, 2020)

A partir da narrativa da Dinamizadora Rapunzel podemos analisar que a tecnologia, sem o devido planejamento, desvia o foco dos alunos. Ao afirmar que “Eles são seduzidos pela Internet, pelo jogo interativo, pela coisa da informação, pela situação que eles gostam” a Dinamizadora nos apresenta a realidade citada por Benjamin, referente à perda de valorização pelo único, pelo autêntico. A sedução pela tela do celular, em detrimento de um livro, trabalho “artesanal” construído pelo autor, ilustra a fala de Benjamin (1994, p. 170) sobre a reprodutibilidade e a banalização do único:

Fazer as coisas “ficarem mais próximas” é uma preocupação tão apaixonada das massas modernas como sua tendência a superar o caráter único de todos os fatos através de sua reprodutibilidade. [...] Cada dia fica mais nítida a diferença entre reprodução, como ela nos é oferecida pelas revistas ilustradas e pelas atualidades cinematográficas, e a imagem. [...] Nesta, a unidade e a durabilidade

---

<sup>4</sup> Olga Pombo é filósofa, doutora em Filosofia da Educação, evidencia em seu artigo “O meio é a mensagem”, expressão criada por McLuhan, as contribuições do filósofo no que diz respeito à palavra falada e à palavra escrita. Tendo como marca a interdisciplinaridade, Pombo estabelece um link entre a educação e a comunicação.

se associam tão intimamente como, na reprodução, a transitoriedade e a repetibilidade. (BENJAMIN, 1994, p. 198)

Ainda ao analisarmos a narrativa da Dinamizadora Rapunzel, ao narrar que “Eles são seduzidos pela Internet, pelo jogo interativo, pela coisa da informação [...]”, para McLuhan (apud POMBO, 1994, p. 2) não é o conteúdo o responsável pelo desvio da atenção e sim o meio eletrônico, seja o celular ou computador, ou o tablet: “o meio, o canal, a tecnologia em que a comunicação se estabelece, não apenas constitui a forma comunicativa, mas determina o próprio conteúdo da comunicação.”

É correto afirmar que a tecnologia permite ampliar espaços educativos e que torna acessível o livro. Entretanto, vale ressaltar a importância da circulação do livro impresso, a arte da construção textual, com suas ilustrações ou não. A velocidade das mídias acessadas pelos alunos supera uma história contada, mas a relação que se estabelece entre Dinamizador de Leitura, Livro/História, Aluno é insubstituível. E a importância de obter relatos referentes a esses momentos, como na narrativa da Dinamizadora Liesel ao avaliar sua função frente aos futuros leitores:

Não é questão de só porque ele não está lendo, que ele não vai mexer nos livros. Ele vai mexer. Só que aí você vai separar histórias mais curtinhas. Não vai pegar também um negócio de duzentas páginas e deixar para ele mexer. Você separa: “Você terminou de ler, olhar? Você coloca aqui para o outro coleguinha.” “Você quer ver esse livro? Você espera.” O meu trabalho como Dinamizadora de Leitura Literária seria basicamente esse: propiciar esses comportamentos leitores. (DINAMIZADORA LIESEL, 2020)

A Dinamizadora Liesel ao narrar que “o meu trabalho como Dinamizadora de Leitura Literária seria basicamente esse: propiciar esses comportamentos leitores” nos remete à escola como meio de comunicação entre professores e alunos e romper com o tradicional, conforme afirma McLuhan (apud Pombo, 1994, p. 10) requer um esforço de todos aqueles que percebem na escola uma oportunidade de mudança social quando afirma que “o que importa é a escola abrir o campo para a análise das novas condições comunicativas que se desenvolveram à sua margem e para o questionamento crítico das suas novas determinações e efeitos.”

### 2.3 Entrevista junto aos sujeitos/Instrumentos e Procedimentos

A técnica de coleta de dados, previamente estabelecida, foi a entrevista. Segundo Cervo & Bervian (2002), a entrevista é uma das principais técnicas para coletar dados. A partir de uma conversa realizada, presencialmente, pelo pesquisador ao entrevistado. A entrevista apresenta um método para obtenção de informações sobre um determinado assunto. Para Lakatos e Marconi e (1986, p. 94), a entrevista é o “encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de um determinado assunto”. A técnica de entrevista aberta, tendo como referência um roteiro com perguntas relacionadas aos objetivos propostos pela pesquisa permite a troca entre os sujeitos e o pesquisador, que também é um sujeito constituído por suas próprias histórias.

Endossando a escolha da entrevista como técnica de coleta de dados, para Portelli (2017, p. 183), documentos históricos são fontes estáticas de informação, visto que a entrevista é construída entre entrevistado e pesquisador:

Diferentemente da maior parte dos documentos dos quais se vale a pesquisa histórica, as fontes orais não são achados do historiador, mas construídas em sua presença, com sua direta e determinante participação. Trata-se, então, de uma fonte relacional, em que a comunicação vem sob a forma de troca de olhar (entre/vista), de perguntas e de respostas, não necessariamente em uma só direção. (PORTELLI, 2017, p. 183)

A entrevista como técnica de coleta de dados, mesmo permitindo a troca entre entrevistador e pesquisador, sofre a influência da transcrição, ou seja, são feitos ajustes, interpretações que podem convergir para o sentido oposto do que o sujeito da pesquisa quis transmitir (PORTELLI, 1997, p. 27). Por isso, houve a necessidade do encontro presencial, ainda que houvesse autorização para que as entrevistas fossem realizadas por contato virtual.

Após entrar em contato (telefônico e mensagens pela internet) com as 16 (dezesesseis) dinamizadoras que apresentavam o perfil estabelecido para a realização da entrevista, ciente das dificuldades da entrevista presencial, recebemos devolutiva de 5 (cinco) dinamizadoras. Entretanto, estava previsto entrevistar 6 (seis) dinamizadoras. Dentre os empasses relacionados pelas 11 (onze) pessoas que não puderam participar, podemos citar: dificuldade de locomoção, já que o trânsito de

transporte estava reduzido; doenças pré-existentes - alvo fácil para infecção do Coronavírus, familiares idosos vivendo próximo da dinamizadora, bem como filhos com comorbidades. Com o quantitativo de 5 (cinco) entrevistadas, o próximo passo seria marcar em locais próximos ou em locais que fossem de preferência das dinamizadoras.

A primeira entrevistada, Dinamizadora Petra, optou por nos encontrar em um shopping próximo à sua residência (Ilha Plaza – Ilha do Governador). A entrevista ocorreu na praça de alimentação do shopping. O ambiente estava com baixo fluxo de pessoas, provavelmente, relacionado ao horário marcado para entrevista, às 10h – horário de abertura do Shopping e também por conta da circulação restrita devido à quarentena. Conforme proposto, a Dinamizadora pôde escolher um pseudônimo para identificá-la, tendo como referência a Literatura Infantil. A Dinamizadora escolheu Petra, personagem presente em suas próprias criações literárias. “Forte como uma pedra”, assim reforçou. A entrevista transcorreu tranquilamente, mesmo que o local não fosse muito adequado. Percebemos segurança no depoimento da dinamizadora e o amor pelo que faz, ao contar histórias, ao criá-las também, já que é autora de livros infantis.

Respeitando a disponibilidade da segunda entrevistada, a Dinamizadora Emília, nos dirigimos ao shopping próximo a sua residência (Bangu Shopping – Bangu) nos gerando certa insegurança, pois a entrevistada não havia saído de casa, até aquele momento, por conta da quarentena. Fizemos a entrevista no quiosque de uma cafeteria, afastado da praça de alimentação. Por ter sido no período da tarde, o shopping se encontrava cheio e o som ambiente influenciou negativamente para a fluidez da entrevista. Optando pelo pseudônimo Emília, pela identificação com a personagem de Monteiro Lobato, a entrevista transcorreu de maneira descontraída, . Para Emília, a formação continuada é necessária à prática de trabalho por possibilitar adaptações do que se aprende ao que será compartilhado.

Em relação à terceira dinamizadora entrevistada, Dinamizadora Liesel, nos prontificamos a ir até a professora, pelo fato dela morar em São João de Meriti, município próximo a Duque de Caxias. A Dinamizadora é autora de obras literárias, assim como a Dinamizadora Petra. Liesel solicitou que a entrevista acontecesse na Secretaria Municipal de Educação (Duque de Caxias – 25 de Agosto). Em espaço

reservado, na sede da Secretaria de Educação, a entrevista aconteceu tranquilamente. O pseudônimo escolhido pela dinamizadora foi Liesel, em homenagem à protagonista do livro “A menina que roubava livros” (ZUSAK, 2005). Segundo a dinamizadora, a coragem da personagem e a sua capacidade de resiliência foram os fatores que a fizeram se identificar com Liesel. A entrevista foi extensa. Liesel falou sobre sua experiência no município de Duque de Caxias e no município do Rio de Janeiro.

A entrevistada ressaltou que a formação continuada é tudo aquilo que o professor vive diariamente. Não somente os cursos formais selecionados. Tendo um de seus projetos premiados em concursos e receber como prêmio as despesas pagas para a FLIP – Festa Literária Internacional de Paraty, Liesel pôde conhecer o evento e ao retornar de Paraty, propôs que a sua escola de lotação também desenvolvesse uma festa literária.

A quarta entrevistada, Dinamizadora Lygia, sugeriu que fôssemos para um shopping próximo à sua residência (Barra Shopping – Barra da Tijuca). A entrevista aconteceu em uma das praças de alimentação do shopping. Por ser um shopping amplo, mesmo com grande fluxo de pessoas, a entrevista não foi impactada pelo som externo. A entrevista foi rica e esclarecedora. Lygia foi o pseudônimo escolhido pela dinamizadora em homenagem à escritora Lygia Bojunga. A professora atua como dinamizadora há 20 anos e também fez parte da Coordenadoria Dinamizadora de Leitura Literária – SME. Dentre as contribuições compartilhadas, Lygia ressaltou a importância da formação continuada na efetiva mudança na própria atuação, junto aos alunos. A dinamizadora relatou que, através de um curso de formação, deixou de ser somente mediadora de leitura – leitora de livros – e passou a ser contadora de histórias, também.

A quinta entrevistada, Dinamizadora Rapunzel, optou pela Secretaria de Educação (Duque de Caxias - 25 de Agosto) como local para sua entrevista. A entrevista aconteceu em local reservado, na sede da Secretaria Municipal de Educação. Há sete anos como Dinamizadora, Rapunzel (como optou por ser identificada, já que a personagem de conto de fadas traz memórias da infância da sobrinha) demonstrou prazer ao falar sobre sua atuação em sala de leitura. Em virtude da pandemia, a dinamizadora reforçou a ideia do quão importante é a formação

continuada. Exemplificou utilizando os ajustes e atualizações que tiveram que ser feitas na nova maneira de dar aula, de contar histórias. Rapunzel ressaltou que os alunos dos 4º e 5º anos de escolaridade se sentem mais motivados ao aparato eletrônico e que, por este motivo, o livro deve fazer cada vez mais parte da rotina dos alunos.

Efetivamente, por conta da pandemia, assuntos como volta às aulas, exclusão digital foram assuntos recorrentes na maioria das entrevistas. As gravações foram feitas por celular e as entrevistadas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Mesmo com a restrição de locomoção, a realização das entrevistas ocorreu de maneira satisfatória e o principal objetivo foi alcançado: ouvir as narrativas das dinamizadoras e suas impressões acerca do trabalho desenvolvido por elas. Conforme Ruiz (1996, p. 63) o sujeito da pesquisa pode ser definido como a pessoa, o fato ou o fenômeno sobre o qual se quer saber algo. As adequações foram feitas para que a pesquisa transcorresse sem sofrer os impactos causados pelas restrições físicas. Em decorrência do cancelamento dos encontros organizados pela Coordenadoria Dinamizadora de Leitura Literária, encontros de formação bimestrais, além da suspensão das aulas presenciais, a pesquisa não pôde ser desenvolvida através da observação junto à prática das dinamizadoras atuando nesses dois ambientes: interno – SME; externo – unidades escolares.

### 3 ATIVIDADE DE TRABALHO DOCENTE

Os professores devem combater a dispersão e valorizar o seu próprio conhecimento profissional docente, construído a partir de uma reflexão sobre a prática e de uma teorização da experiência. É no coração da profissão, no ensino e no trabalho escolar que devemos centrar nosso esforço de renovação da formação de professores.  
António Nóvoa

Pensar na atividade docente requer atenção, tendo em vista as demandas da atualidade e as inúmeras funções assumidas por professores e professoras. Deparamo-nos com a predominância da modalidade educacional a distância, em decorrência da pandemia do Coronavírus e esta realidade nos permite refletir sobre a atuação de professores e professoras em sala de aula, mesmo que estejam em ambientes presenciais e virtuais, alternadamente, na atual conjuntura pandêmica.

A temática principal da presente pesquisa é a formação continuada de professores Dinamizadores de Leitura Literária. Sobretudo, a compreensão dos professores, frente às formações vivenciadas por eles, a partir de sua prática cotidiana. Para compreender as ideias que as dinamizadoras têm sobre formação, cabe ressaltar que é necessário compreender sobre o que elas pensam em relação ao seu trabalho e, por conseguinte, sobre suas atividades de trabalho.

#### 3.1 O trabalho dos Dinamizadores de Leitura Literária

Para compreender a atuação docente e a sua construção, a partir da prática, se faz necessária a compreensão do que efetivamente seja a “atividade de trabalho” (SCHWARTZ<sup>5</sup>, 2011, p. 20). Conceitos relacionados à prática possibilitam fundamentar este significado e potencializa a importância de as professoras compreenderem o exercício de sua profissão, bem como os saberes incorporados à prática docente das dinamizadoras de leitura literária.

Anteriormente à apresentação dos dados da pesquisa, há a necessidade de debruçarmos no significado da palavra Dinamizador, visando à contextualização da

---

<sup>5</sup>Yves Schwartz, filósofo francês especialista em análise da atividade de trabalho. Precursor da Ergologia, área que analisa pluridisciplinarmente situações do trabalho. (WIKIPÉDIA, 2021). Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Yves\\_Schwartz](https://pt.wikipedia.org/wiki/Yves_Schwartz). Acesso em: 22 set. 2021

função do professor à palavra. A palavra “dinamizar” define-se como “tornar energético; aumentar a atividade de; incentivar”. “Dinamizar” também apresenta uma definição que atende à Farmacologia que se refere a “aumentar a eficácia terapêutica de (um medicamento) por diluição e trituração” (OXFORD, 2021). Partindo do significado da palavra e sua variante, podemos associar ambos significados à atividade de trabalho do Dinamizador de Leitura.

No que se refere ao significado da palavra “dinamizar” e às ações desenvolvidas pelo dinamizador de leitura literária, especificamente, no município de Duque de Caxias, assim registradas na Normatização do Dinamizador de Leitura Literária<sup>6</sup> (anexo 2), há relação do significado da palavra e a ação desenvolvida pelo dinamizador. Na Normatização (SME, 2019), uma das funções atribuídas ao Dinamizador, dentre outras é: “incentivar e desenvolver práticas leitoras inclusivas, democratizando a leitura” surge como uma atividade prescrita (SCHWARTZ, 2005, p. 459) condizente ao significado da palavra “dinamizar”.

Ampliando o significado da palavra “dinamizar”, associando à Farmacologia, a sua aplicabilidade se insere em um dos pilares da Homeopatia. Os medicamentos dinamizados são produtos homeopáticos “preparados a partir de substâncias submetidas a triturações sucessivas ou diluições seguidas de succussão, ou outra forma de agitação ritmada, com finalidade preventiva, paliativa ou curativa” (ANVISA, 2018).

Assim como na Homeopatia, que “é uma especialidade médica e farmacêutica que consiste em ministrar doses mínimas do medicamento ao doente para evitar intoxicação e estimular a reação orgânica” (FUTURO, 2012, p. 1), a variedade das ações referentes à atividade de trabalho do Dinamizador diz respeito ao planejamento de “atividades que promovam a leitura literária [...] estimulando na comunidade escolar o prazer de ler através de encontros literários, leitura programada de textos, debates [...]” (NORMATIZAÇÃO, 2019, p. 2), em pequenas doses, para que a leitura literária seja uma prática efetiva na vida dos sujeitos envolvidos no processo.

Na homeopatia tradicional ou unicista (VITAT, 2019), “o médico indica apenas

---

<sup>6</sup> A Normatização de Leitura Literária da rede municipal de ensino de Duque de Caxias consiste no documento ao qual estão registrados o perfil, critérios para seleção do professor dinamizador, assim como as atribuições da função. Anexo D, da presente pesquisa.

um medicamento por vez, bastante concentrado, dando preferência para aquele que trate o maior número de sintomas relatados pelo paciente”. Assim também acontece com a Dinamização de Leitura, já que um bom leitor consegue equilibrar todas as demais disciplinas. O dinamizador de leitura literária, bem como o homeopata unicista, “receitam” apenas um remédio que desencadeará inúmeros benefícios. Para Grossi (2008, p. 03 apud Arana e Klebis, 2015, p. 03) a formação de leitores abre os horizontes para além do mundo globalizado:

Pessoas que não são leitoras têm a vida restrita à comunicação oral e dificilmente ampliam seus horizontes, por ter contato com ideias próximas das suas, nas conversas com amigos. [...] é nos livros que temos a chance de entrar em contato com o desconhecido, conhecer outras épocas e outros lugares – e, com eles abrir a cabeça. Por isso, incentivar a formação de leitores é não apenas fundamental no mundo globalizado em que vivemos. É trabalhar pela sustentabilidade do planeta, ao garantir a convivência pacífica entre todos e o respeito à diversidade. (GROSSI, 2008 apud ARANA E KLEBIS, 2015, p. 03)

A associação do homeopata unicista ao dinamizador de leitura se justifica pelo fato de ambos utilizarem um único artifício com o objetivo de desdobrar em outras soluções. Para atuar como Dinamizador de Leitura é necessário compreender que o professor deve ter uma relação próxima com a leitura literária. O trabalho de leitura literária requer uma identificação, por parte do professor, à Literatura. A Dinamizadora Lygia demonstra esta identificação ao narrar como iniciou o seu percurso como dinamizadora de leitura:

Eu comecei na sala de leitura por indicação de uma diretora. Porque ela viu o meu perfil. Eu sempre levava livros, contava histórias para os alunos. E ela viu em mim, aquilo que eu ainda não enxergava. Ela falou: “Lygia, você tem todo o perfil de sala de leitura.” E ela me convidou para ser a professora de sala de leitura, da escola. E aí, eu me encontrei. Eu acho que foi um lugar que eu nunca mais saí, na rede. Daí, eu acho que eu não saberia fazer outra coisa que não seja trabalhar com livros, incentivo à leitura. (DINAMIZADORA LYGIA, 2000)

Analisando a narrativa da Dinamizadora Lygia, observamos a importância do perfil que a dinamizadora deve ter ao dizer que “Eu comecei na sala de leitura por indicação de uma diretora. Porque ela viu o meu perfil. Eu sempre levava livros, contava histórias para os alunos.” Segundo Reyes (2012, p. 28), o professor

dinamizador de leitura necessita ter a habilidade e a sensibilidade para encantar através da leitura:

Um professor de leitura é, simplesmente, uma voz que conta; uma mão que abre portas e traça caminhos entre a alma dos textos e a alma dos leitores. E para fazer seu trabalho não deve esquecer que, para além de professor, é também um ser humano, com zonas de luz e sombra, com uma vida secreta e uma casa de palavras que têm sua própria história. Seu trabalho, como a literatura mesma, é risco e incerteza. Seu ofício privilegiado é, basicamente, ler. E seus textos de leitura não são apenas os livros, mas também os leitores. Não se trata de um ofício, mas de uma atividade de vida. Não figura em dicionários nem nos textos escolares, tampouco no manual de funções, mas pode ser ensinado. E essa atitude será o texto que os alunos irão ler. Quando saírem do colégio e esquecerem datas e nomes, poderão recordar a essência dessas conversas de vida que se teciam entre as linhas. No fundo, os livros são isto: conversas sobre a vida. E é urgente, sobretudo, aprender a conversar. (REYES, 2012, p. 28)

Para melhor compreensão dos termos citados anteriormente, bem como observar suas particularidades - mediação de leitura e contação de história - cabe ressaltar a diferença fundamental entre eles. Na busca por conceitos que tragam clareza ao termo mediação de leitura, existem estudos pautados na Ciência da Informação. Para Silva (2015), a mediação da informação se refere às relações estabelecidas entre seres sociais:

[...] a mediação da informação é um construto que parte dos 'seres sociais' (relações múltiplas, plurais e coletivas entre os seres) e se consolida na formação da consciência do ser (passível de singularidade interpretativa de cada ser). De outro modo, a mediação é um construto social que se estabelece entre o ser e o mundo aproximando a teoria (conhecimento) da prática (ação), sendo que a construção de conhecimento deve ser composta a partir do real ou concreto (das configurações sociais, materiais e históricas), com vistas à transformação da realidade do(s) ser(es). (SILVA, 2015, p. 102)

O professor mediador de leitura se torna a ponte entre o livro e o aluno, aplicando assim a conceituação de "mediador de leitura", uma ramificação da palavra atribuída à mediação. Nesse contexto, a palavra mediador se encaixa ao professor leitor que compartilha a leitura de obras na íntegra. A linguagem oral é a ferramenta principal de conexão entre o livro impresso e o aluno. Para a Dinamizadora de Leitura Liesel, a medição é de suma importância nesse processo de aquisição da leitura:

Você faz a mediação e as crianças têm esse contato com esse material riquíssimo. Então esse trabalho é uma atividade importante para criança e para escola. No final das contas, isso vai, direta e indiretamente, isso vai aparecer no rendimento da criança com professor regente. (DINAMIZADORA LIESEL, 2020)

Ao narrar “Você faz a mediação e as crianças têm esse contato com esse material riquíssimo”, a Dinamizadora Liesel enfatiza a importância da mediação e a presença da Literatura na dinamização. Mesmo que o aluno não tenha o livro em mãos, a leitura promovida pela mediação, tendo a Dinamizadora como ponte, alcança o aluno. Iniciamos nossa história como leitores desde o nascimento, mas a escola é fundamental para consolidar a relação do indivíduo com a leitura.

Experiências positivas relacionadas à literatura tendem a acontecer com mais frequência na escola, em virtude do tempo de permanência dos alunos nesse espaço bem como as experiências negativas (NEITZEL, BRIDON e WEISS, 2016, p. 307). Positiva, tendo em vista que a literatura tem o poder de se entrelaçar na vida do leitor. Passa a ser a sua voz, justificando assim a importância da leitura no ambiente escolar. Além da complexa decodificação de símbolos, encontra-se a oportunidade, não apenas da leitura e manuseio do livro. Ao mesmo tempo que, a ausência da leitura literária na aprendizagem traz lacunas no processo de construção de conhecimento.

Em consonância com a ideia de construção de conhecimento, através das relações sociais, Vygotsky evidencia que precisamos do outro para essa construção. Segundo Oliveira (2002), Vygotsky conceitua mediação como “o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação”. E acrescenta que:

O processo de mediação, por meio de instrumentos e signos, é fundamental para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, distinguindo o homem dos outros animais. A mediação é um processo essencial para tornar possível as atividades psicológicas voluntárias, intencionais, controladas pelo próprio indivíduo (OLIVEIRA, 2002, p. 33)

A partir das contribuições de Vygotsky, vinculamos o conceito de mediação ao conceito de mediação relacionado à leitura, compreendemos a sua importância como caminho de acesso às inúmeras obras literárias oferecidas aos alunos. Nesse percurso, a contação de história contribui igualmente à mediação, como meio para alcançar os alunos no que se refere ao mundo literário. Segundo a Dinamizadora Petra

(2020), articular a leitura às demais linguagens, faz parte do seu trabalho de fomento à leitura:

Eu acredito no poder, na potência da leitura. Eu acho que o espaço de leitura, as salas de leitura, elas devem ser locais de encontro, locais de produção de conhecimento, de troca e aí de diferentes formas de leitura. Então, é a leitura literária, é a leitura de uma obra de arte, de diferentes portadores do texto, eu acho que sala de leitura é um local de encontro, é um espaço de aprendizagem, de interação, de cura, de alento, através da literatura. (DINAMIZADORA PETRA, 2020)

A leitura literária passa a ser porta-voz de seus ouvintes quando têm a possibilidade de acessá-la. Na fala da Dinamizadora Petra, ao narrar que a “sala de leitura é um local de encontro, é um espaço de aprendizagem, de interação”, por mais que a medição seja o professor conduzindo a leitura de um livro, por exemplo, há a interação do aluno, ao reagir, ao se identificar com a mensagem transmitida na história escolhida para ser lida. A narrativa da Dinamizadora Petra nos remete à definição de Barthes (2013, p. 25) em relação aos tipos de texto literário. Os textos literários são classificados pelo autor como texto de prazer e texto de fruição. O texto de prazer é “[...] aquele que contenta, enche, dá euforia [...] está ligado a uma prática confortável de leitura”. Já o texto fruição, segundo Ranke e Magalhães (2011), é ler para o enfrentamento da realidade, para refletir, frente às ideias do texto:

Nossa concepção de fruição literária está relacionada à leitura literária que parte do pressuposto de entrega, de imersão no texto, não para desvelar suas verdades, mas para expandi-lo, alargar suas significações. O leitor, portanto, não é um mero decodificador, este está em constante conflito com o texto, conflito que pode ser entendido como um desejo de compreender, de concordar, de discordar. Conflito, enfim, no qual quem lê não somente capta o objeto da leitura, mas atribui sentidos, impregnando o texto com sua carga de experiência humana e intelectual. (RANKE e MAGALHÃES, 2011, p. 48)

Além do prazer que a leitura literária proporciona, utilizar o texto como um caminho aberto à reflexão, ao debate entre escritor e leitor, ou mais do que isso: texto, mediador e leitor é um dos desafios que as dinamizadoras têm em sua prática cotidiana. Segundo Moraes (2018, p. 19), “o ato de ler [...] passa a não ser mais aceitável para que uma pessoa alcance uma vida social e profissional de sucesso, bem como desempenhe o exercício de uma cidadania ativa e interventiva”, ou seja,

os personagens do texto interagem com os leitores, mesmo que seja por intermédio do Dinamizador ao mediar a leitura. Essa troca enriquece a caminhada trilhada pelos alunos. O leitor não está apenas decodificando símbolos (RANKE e MAGALHÃES, 2011, p. 2), mas ele busca dialogar com o texto, impregnando da interpretação traços de experiências vividas por ele.

A contação de história não é apenas uma prática associada ao ensino-aprendizagem. Contar história tem grande relevância na construção da nossa identidade, mediante a transmissão oral da história, através dos nossos antepassados. A tradição oral nos permitiu herdar crenças, saberes e costumes por meio deste hábito antigo (BUSSATO, 2003; PATRINI, 2005). Para Patrini (2005), o conto oral proporciona a transmissão da história, transcendendo a mera verbalização dos fatos ocorridos:

O conto oral é uma das mais antigas formas de expressão. E a voz constitui o mais antigo meio de transmissão. Graças à voz, o conto é difundido no mundo inteiro, preenche diferentes funções, dando conselhos, estabelecendo normas e valores, atentando os desejos sonhados e imaginados, levando às regiões mais longínquas a sabedoria dos homens experimentados (PATRINI, 2005, p. 118).

Situando o contador de histórias no contexto escolar, o ato de contar histórias é um rico instrumento capaz de articular as dimensões afetivas, cognitivas e sociais. Essa aproximação entre o contador de histórias e o aluno torna o momento mais afetivo e humano, ampliando o social e coletivo através da escuta afetiva e efetiva (BUSSATTO, 2013). Para a Dinamizadora Lygia, contar histórias aproxima professor e aluno:

Lygia, eu quero ver você contando a minha história sem o livro.” Que era a história do João Jiló. Eu fico até arrepiada. E ele falou: “Você tem todo o brilho, mas não é lendo. Eu quero ver você contando, sem o livro.” E eu aprendi a contar essa história do João Jiló, contei até no Caminhão<sup>7</sup> várias vezes, quando eu era da Equipe. E assim, foi uma coisa que abriu o horizonte para mim. Eu passei a ser, realmente, contadora de história. A contar sem o livro. Para mim, foi uma experiência incrível. (DINAMIZADORA LYGIA)

---

<sup>7</sup> Explicaremos, com mais detalhes, sobre o Caminhão da Leitura “Leia Caxias” no decorrer da pesquisa.

A partir da narrativa da Dinamizadora Lygia, a possibilidade de contar histórias, ultrapassando a necessidade de ter o livro como apoio para vencer a timidez, a fez perceber que o prazer de contar aquilo que leu a permite ser livre. Podemos identificar na fala de Lygia as conquistas, a partir do seu prazer de contar histórias, no momento em que a Dinamizadora narra que “Eu passei a ser, realmente, uma contadora de história. Ao contar sem o livro.” Não há regra entre contar uma história com ou sem o livro. Entretanto, perceber a diferença entre mediar e contar nos permite ajustar as definições que permeiam a atividade de trabalho das Dinamizadoras de Leitura Literária.

Como a Dinamizadora Lygia narrou, contar uma história proporciona um duplo prazer: de quem conta e de quem a ouve. Corroborando com a declaração da Dinamizadora Lygia, a Dinamizadora Rapunzel narra sobre os múltiplos caminhos proporcionados pela contação. Segundo a Dinamizadora Rapunzel, autores renomados são fundamentais:

O que eu tenho incorporado é que não, necessariamente, eu tenha que pegar um livro para contar essa história. Eu posso contar uma história que eu criei. Eu posso contar uma história com o tapete. Eu posso montar... isso é o que eu estou... baseado naqueles fatos. Vai trazer novidades para o seu dia a dia. Que a gente fica assim: “Não, você tem que contar uma história.” Mas todo mundo cobra: “Que história é essa? De onde?” Aí você pega um livro de um autor renomado para mostrar...é história desse, daquele. Mas você pode também ter uma história para contar, um caso. Você pode criar a sua história, criar personagens. (DINAMIZADORA RAPUNZEL)

Ter em mãos o livro e mediar também faz parte do processo. Entretanto, ao abrir a possibilidade de contar uma história criada por você, é um meio de agregar valor ao texto autoral. A Dinamizadora Rapunzel nos permite refletir acerca da atitude do professor como um dos responsáveis por despertar o gosto pela leitura em alunos, que não têm acesso ao prazer da leitura ao narrar. Ao narrar que “O que eu tenho incorporado é que não, necessariamente, eu tenha que pegar um livro para contar uma história”, a dinamizadora evidencia os variados canais que podem ser utilizados, assim como: imagens, histórias de memória, músicas, poesias. A compreensão que o encantamento literário deve se fazer presente na infância, nos permite entender que a literatura é um “lugar de afetos, onde as palavras, usadas de forma poética e

plurissignificativa, são frequentemente emolduradas de silêncios eloquentes, estimulando a capacidade inferencial da criança” (MENDES, 2013, p. 36).

Tendo em vista os benefícios que a leitura literária agrega ao aluno, partindo da necessidade de atender um maior número de alunos, visto que a Equipe de Leitura lotada na SME não possuía meios para atender a totalidade de unidades escolares, por volta do ano de 1996, a Refinaria de Petróleo - REDUC - sediada em Duque de Caxias, passou a receber visitas de uma biblioteca itinerante e encontros de formação para promotores de leitura, através do Programa de Incentivo à Leitura da Petrobrás, o Leia Brasil. Esta formação fortaleceu a necessidade de um profissional lotado nas escolas com a função de dinamizador de leituras. Caberia à direção identificar um profissional com perfil para essa função, que além de promover leituras, deveria ser um líder integrador, responsável por formar elos entre leitores e leituras em toda a escola. O dinamizador de leitura, tem sua carga horária dividida em prática educativa (uma hora por semana em cada turma) e planejamento de atividades, tendo como colaboradora a Equipe de Leitura da Secretaria Municipal de Educação. (2019)

No ano de 1997, a Equipe de Leitura, passa a ser nomeada de Divisão de Leitura, ascendendo ao patamar de divisão, tendo seu primeiro coordenador à frente da equipe. O dinamizador de leitura passou a receber apoio e formações oferecidas especificamente pela Divisão de Leitura.

Em 2001, a Secretaria Municipal de Educação, adquiriu um caminhão baú de pequeno porte e acervo de livros literários, recebendo o nome de “Leia Caxias”, inspirado no programa “Leia Brasil”. O caminhão passou a ser uma biblioteca itinerante, realizando visitas às unidades escolares. Contando com contações de histórias ministradas por professores lotados na SME, inicialmente, as escolas poderiam pegar 40 livros emprestados durante a visita do caminhão. Segundo Alves, França e Tomé (2015, p. 3) o caminhão Leia Caxias “através da promoção da leitura literária, de grande importância para a formação dos alunos e de toda comunidade escolar, enquanto cidadãos, pretende se formar uma comunidade leitora”.

O caminhão Leia Caxias possui mais de setecentos e trinta livros organizados em prateleiras, categorizados e de fácil acesso para que os visitantes tenham autonomia para explorá-los. O Leia Caxias possibilita não somente aos alunos

momentos de leitura, quando exploram o acervo da biblioteca, como também contações de histórias por parte da equipe da Coordenadoria Dinamizadora de Leitura Literária que acompanha a visitação do caminhão, seja na unidade escolar, seja na comunidade.

Nos dias destinados à visitação das unidades escolares, agendados previamente pela equipe da SME, as UEs se organizam para um dia diferente da rotina comumente seguida pela escola. Em virtude do quantitativo de alunos, é organizada uma escala de visitação, respeitando o espaço interno do baú do caminhão.

**Figura 2: Visitação interior Caminhão Leia Caxias**



Fonte: Acervo CDLL/SME, 2020

No primeiro momento, cada grupo participa de contações de histórias por parte da equipe da SME, geralmente histórias interativas, sejam elas de memória – contação ou mediação, tendo o livro como apoio. Há um encantamento com a ambientação do espaço, espaço aconchegante com tapetes, livros, ilustrações. Após a contação de história, os alunos iniciam o contato com os livros do caminhão. Neste momento, a curiosidade adentra no caminhão e é possível manusear os livros, se sentar para que a leitura seja feita. Professores e alunos participam desse rico momento. Vale ressaltar que a atividade de visitação do Leia Caxias às unidades

escolares contribui diretamente para a formação continuada dos professores de sala de aula e Dinamizadoras de Leitura. Sugestões literárias, diferentes maneiras de abordagem das histórias e troca de experiências entre a equipe da SME e da equipe da unidade escolar são feitas.

Em 2021, ano em que completa 20 anos de existência, o caminhão Leia Caxias está desativado, aguardando manutenção.

**Figura 3: Caminhão da Leitura**



Fonte: Arquivo CDLL/SME, 2005

A partir de 2009, a então Divisão de Leitura adotou a organização de projetos semestrais e anuais, norteando o trabalho literário, fortalecendo a frequência das formações pautadas nas temáticas abordadas para cada projeto. As formações acontecem bimestralmente com algumas participações de escritores/pesquisadores convidados. Formações externas aconteciam com frequência, em locais como a Casa da Leitura, Paço Imperial, PUC-Rio oferecidas aos dinamizadores de leitura.

Atualmente, a Equipe de Leitura, denominada de Coordenadoria Dinamizadora de Leitura Literária, é regida por um documento que instrumentaliza as ações que conduzem alunos ao desenvolvimento de hábitos de leitura literária junto às escolas: Normatização do Dinamizador de Leitura Literária. A normatização estabelece

diretrizes que visam organizar e orientar o funcionamento das atividades literárias nas unidades escolares da rede municipal de Duque de Caxias.

Além das visitas do Caminhão Leia Caxias e as formações bimestrais para os dinamizadores de leitura, a Coordenadoria desenvolve atividades para a promoção da leitura na sede da SME e participa de ações promovidas pela Prefeitura de Duque de Caxias.

Ingressar como professor da rede municipal de ensino de Duque de Caxias se faz por meio de concurso público. Especificamente, no que se refere ao Dinamizador de Leitura Literária, não há um concurso destinado à função. Segundo o documento que regulamenta a função de Dinamizador de Leitura Literária (CDLL, 2021), a Dinamizadora deve se enquadrar no perfil abaixo:

A indicação do Dinamizador de Leitura deverá ser feita pela Equipe Diretiva, em conformidade com o Projeto Político Pedagógico, seguindo atentamente o perfil descrito pela Equipe da Coordenadoria Dinamizadora de Leitura Literária e observando-se, primeiramente, a carência em turma regular de Primeiro Segmento, EJA (Etapas I, II e III) e de Educação Infantil na escola. (NORMATIZAÇÃO DINAMIZADOR DE LEITURA LITERÁRIA, 2019)

Porém, através da indicação da Equipe Diretiva da unidade escolar, o professor deve se enquadrar nas diretrizes estabelecidas na Normatização do Dinamizador de Leitura Literária, documento este, oficializado pela Secretaria Municipal de Educação, no ano de 2019 e atualizado conforme a necessidade:

Pertencer ao quadro de efetivos da Rede Municipal de Educação de Duque de Caxias; Ser Professor Docente II<sup>8</sup>; Reunir conhecimentos acerca da Literatura Infantil e Infantojuvenil brasileira e estrangeira; Relacionar-se de forma satisfatória com todos os funcionários, servidores e comunidade escolar; ser proativo, ter espírito de liderança e organização do trabalho. (NORMATIZAÇÃO DINAMIZADOR DE LEITURA LITERÁRIA, 2019)

Com base na Normatização do Dinamizador de Leitura Literária, a prescrição do trabalho do dinamizador se estabelece. Visando à melhor compreender os conceitos que permeiam a função, primeiramente, se faz necessário apresentar a conceituação referente ao que significa trabalho. Mesmo que Schwartz (2002, p. 135)

---

<sup>8</sup> Docente II: professor das séries iniciais – rede municipal de ensino de Duque de Caxias.

considere que conceituar seja um tipo de mutilação, por outro lado, conceituar é organizar as palavras para que um determinado conteúdo seja compreendido e compartilhado. Para Durrive e Schwartz (2008, p. 24), conceituar amplia o conhecimento acerca de um determinado assunto, desde que ele seja, além de formatado, seja vivenciado, aplicável. Para os autores, "[...] o conceito é um instrumento para pensar; ele permite recortar, definir, generalizar, abstrair-se do presente", porém, "forma com a vida uma unidade dialética".

O trabalho, antes visto somente como mecânico, passa a ser visto como subjetivo na concepção de Schwartz (2000). Mesmo que para definir o que seja trabalho, pensar que mesmo com a prescrição, que são as regras, normas, documentos que estabelecem as diretrizes que serão executadas na atividade de trabalho, o sujeito a recebe e a realiza como melhor se adequa a elas. Segundo o autor, o trabalho como uso de si diz respeito a um lugar de movimento, de flexibilidade, de negociação interna:

Certamente para que a produção se realize, que os objetivos sejam vendáveis nas condições do mercado, que trens sejam dirigidos na hora combinada e dossiês corretamente enquadrados no tempo desejado, os prescritores do trabalho não somente não encontram, mas não devem imperativamente encontrar autômatos ou mortos-vivos. (SCHWARTZ, 2000. p. 41)

Ao relacionar o trabalho à escola, observamos que o professor é regido por normas, regras e prazos inerentes ao desenvolvimento de sua atividade de trabalho. Mesmo com a distância entre a sede (SME) e o que, efetivamente, acontece nas unidades escolares, documentos visam estreitar essas ações. Partindo do princípio de que o Dinamizador de Leitura seja um profissional interligado com o mundo literário, que tenha atitudes leitoras e que esteja comprometido com a promoção da leitura junto aos alunos, ele é um profissional sugerido pela Direção da unidade escolar. Por um lado, a necessidade de um profissional que atenda aos requisitos sugeridos pela Secretaria Municipal de Educação, em especial pela Coordenadoria Dinamizadora de Leitura Literária; por outro lado, a Direção que identifica no espaço escolar, a pessoa que mais se encaixa no perfil para exercer a função de Dinamizador de Leitura Literária.

Atualmente, das 178 (cento e setenta e oito) unidades escolares, 120 (cento e vinte) contam com Dinamizadores de Leitura (CDLL, 2020) e dentre as atividades que devem ser desenvolvidas estabelecidas na Normatização (SME, 2019), podemos citar:

Desenvolver na escola o Projeto Literário implementado pela SME durante o ano letivo, integrado com a Equipe Pedagógica e o corpo docente da UE; Encaminhar para a Coordenadoria de Leitura, dentro do prazo estipulado, o horário de atuação nas turmas devidamente assinado pela Direção da Escola, bem como o Projeto Literário Anual desenvolvido na UE e todos os documentos solicitados pela mesma; Participar de reuniões, oficinas pedagógicas, promovidas pela Coordenadoria de Leitura; Participar de cursos, seminários, e palestras promovidos pelo Centro de Pesquisa e Formação Continuada Paulo Freire; Planejar as atividades que promovam a leitura literária, inclusive em datas específicas previstas no Calendário Escolar, estimulando na comunidade escolar o prazer de ler através de encontros literários, leitura programada de textos, debates e/ou quaisquer outras atividades relacionadas à Literatura; Buscar estratégias de abordagem visando à formação de leitores de textos literários; Incentivar e desenvolver práticas leitoras inclusivas, democratizando a leitura; Fomentar práticas de escrita autoral, promovendo o contato com as diferentes tipologias textuais; Oportunizar o acesso aos livros, criando mecanismos de controle de rotatividade de acervo da Unidade Escolar. (NORMATIZAÇÃO-DINAMIZADOR DE LEITURA LITERÁRIA/SME, 2019)

Recorrendo aos registros arquivados na Secretaria Municipal de Educação (2015), a função de Dinamizador de Leitura surgiu, no ano de 1996, após a iniciação de atividades literárias voltadas para a promoção e incentivo à leitura. Após o lançamento do Programa de Alfabetização e Leitura - PROALE, criado pela Universidade Federal Fluminense, no ano de 1991, com o objetivo de ressignificar a oferta da leitura nas redes públicas de ensino. A rede municipal de ensino de Duque de Caxias passou a receber orientações para o desenvolvimento do Programa nas unidades escolares municipais. Ainda em 1991, a partir do recebimento de 244 títulos infantis e infantojuvenis que a universidade ofereceu às unidades escolares municipais, a Secretaria Municipal de Educação sentiu a necessidade de criar um grupo específico de professores que atuassem junto às unidades escolares, dinamizando atividades de leitura. No ano de 1992, em local próprio, na sede da Secretaria de Educação, foi criada a Equipe de Leitura, tendo como componentes professores lotados na SME e que participaram do PROALE – Programa de Extensão, Alfabetização e Leitura, da Universidade Federal Fluminense, no ano anterior.

No decorrer dos anos, o perfil do Dinamizador de Leitura foi se adequando às demandas das unidades escolares, assim como às propostas pedagógicas da rede municipal de ensino. Este profissional atende às turmas regulares do primeiro segmento, EJA (Etapas I, II e III) e a Educação Infantil nas escolas municipais. Desde a criação da Equipe de Leitura, em 1992, o grupo “começou a pensar em atividades em que a mediação e a contação de histórias pudessem reunir alunos em torno do ato de ler.” Iniciaram então, as formações voltadas especificamente para a contação de história/mediação de leitura, orientados pela Professora Benita Prieto, rompendo os muros da Secretaria de Educação, indo às unidades escolares contar histórias aos alunos. Em virtude do número pequeno de Dinamizadores, poucas escolas eram atendidas, surgindo a necessidade de ampliar o número de atendimento.

Na mesma época que a Equipe de Leitura atuava nas unidades escolares, os professores interessados em compartilhar leituras passaram a se reunir nos momentos em que seus alunos participavam das atividades, surgindo o Clube de Leitura. Com as atividades consolidadas, em 2002, foi oficializada a criação da Equipe de Leitura/SME. A partir das formações oferecidas aos professores lotados nas escolas, o número de atendimentos foi ampliado. Dentre as iniciativas pertencentes à Equipe: A Biblioteca Volante Leia Caxias (Caminhão da Leitura passou a atender às unidades escolares, oferecendo empréstimo de 40 livros que ficavam sob a responsabilidade do dinamizador de leitura, que neste momento, era um professor das séries iniciais, lotado na unidade escolar e que tinha participado das formações oferecidas pela Equipe de Leitura, na SME.

As atividades desenvolvidas pelos Dinamizadores partem do projeto piloto anual, elaborado pela Coordenadoria Dinamizadora de Leitura Literária. Com base no documento apresentado no início do ano letivo, cada dinamizador elabora um projeto direcionado ao seu público, visando ao respeito às características e peculiaridades de cada comunidade escolar. Reconhecer a sua função e quais são suas atribuições oferece direcionamento à atividade de trabalho da Dinamizador de Leitura Literária, tendo em vista a importância da sua atuação nas unidades escolares para o fomento à leitura. Cada dinamizadora descreveu o que entende sobre o seu trabalho, conforme o quadro abaixo:

## Quadro 2: Definição de “Trabalho do Dinamizador de Leitura Literária”

O TRABALHO DO DINAMIZADOR DE LEITURA LITERÁRIA Sujeitos do Estudo	
Dinamizadora Liesel	“É uma atividade que é importante para a criança. Quando você amplia o repertório leitor das crianças, dando essa oportunidade, você oportuniza, você garante o acesso ao acervo. Coisa que o nosso público-alvo aqui da nossa escola é um público alvo muito carente. Então esse acervo, com certeza, na grande maioria esmagadora, os pais não comprariam esses livros para as crianças. Você faz a mediação e as crianças têm esse contato com esse material riquíssimo. Então esse trabalho é uma atividade importante para criança e para escola. No final das contas, isso vai, direta e indiretamente, isso vai aparecer no rendimento da criança com professor regente.”
Dinamizadora Rapunzel	“Em minha opinião, é um trabalho super bacana, que ajuda a desenvolver, principalmente em Duque de Caxias, na localidade que eu trabalho, que é o Corte Oito e na escola de complementação também, que é uma comunidade que os pais não ajudam. Não estou culpando os pais, não. Porque alguns dos pais não sabem ler, também. Então, é uma outra dificuldade. Não é dizer assim: “Ah, são relapsos!” Não é esse o caso. Eles não podem dar, não podem oferecer. É importantíssimo o nosso trabalho nessa questão.”
Dinamizadora Petra	“O trabalho dos Dinamizadores de Leitura é fundamental dentro de uma escola. Algumas pessoas dizem que a sala de leitura é o coração da escola. Justamente pelo poder que a leitura tem, pela força e pelas possibilidades, especialmente a Literatura Literária, pode proporcionar e contribuir no processo de produção do conhecimento, da leitura e da escrita. Eu acredito no poder, na potência da leitura.”
Dinamizadora Emília	“Meu principal objetivo é levar os alunos a entenderem que a leitura é um complemento na vida deles. Porque não é só dentro de sala de aula que a leitura é importante. Através da leitura de sala de aula, ele aprende a fazer a leitura da vida. Porque ele aprende a interpretar o que a vida está mostrando para ele. O que costumo dizer para eles: ler palavras não é ser leitor. Ser leitor, é ler as palavras, interpretar cada frase e aplicar na vida.”
Dinamizadora Lygia	“Eu acho que é um trabalho essencial. Porque ele trabalha com a criação, com a fantasia, com a imaginação. Esse tipo de trabalho, às vezes, o único personagem que faz esse trabalho dentro da escola, muitas vezes, é só o dinamizador de leitura. [...] Então ele é uma figura muito importante dentro da escola. Porque ele vai formar essa mentalidade leitora, vamos dizer assim. Essa formação para leitura.”

Fonte: Dados da pesquisa, 2020

As narrativas apresentadas acima nos possibilitam compreender que o trabalhador, por mais pressões que o trabalho exerça em sua rotina, é o principal responsável pelas suas escolhas e modo de exercer as funções a ele destinadas. Segundo Schwartz, Duc e Durrive (2010, p. 27), o sujeito é único e suas histórias agregam valor ao seu trabalho. Fazer uso de si consiste exatamente em fazer o que o sujeito, no seu ser, pensa sobre como concluirá sua tarefa.

Com base nas narrativas das dinamizadoras, observamos, nas entrelinhas, exemplos de trabalho interno e externo. Segundo Aranha e Daniel (2017, p. 53), dentre as contribuições mais relevantes de Schwartz, a ergologia situa o trabalho dentro de si e o externo:

Outrossim, a ergologia reafirma o papel fundamental exercido por aqueles que trabalham, ao evidenciar que, mesmo que as influências externas não possam ser desconsideradas, cada profissional irá situar as regras que se encontram definidas no contexto que vivenciam mais diretamente, promovendo ajustes, bem como reorientações, em consonância com as exigências do meio e também com as suas próprias percepções. (ARANHA e DANIEL, 2017, p. 53)

Nas narrativas das Dinamizadoras de Leitura observamos a presença intrínseca das influências externas e internas no trabalho para as professoras entrevistadas. Para a Dinamizadora Liesel, ao definir o que é trabalho, na sua concepção ela afirma que “[...] esse trabalho é uma atividade importante para criança e para escola”. Ou seja, sua atuação tem fim no aluno, na escola. O mesmo observamos na narrativa da Dinamizadora Rapunzel quando narra que o trabalho “[...] é um trabalho super bacana, que ajuda a desenvolver, principalmente em Duque de Caxias, na localidade em que eu trabalho [...]”. A influência do meio na execução do seu trabalho e a concepção do trabalho fora do sujeito se faz presente nessas narrativas.

Entretanto, para a Dinamizadora Petra, seu trabalho “[...] pode proporcionar e contribuir no processo de produção do conhecimento, da leitura e da escrita [...]”. Antes de impactar na escola, na comunidade, o trabalho desenvolvido pela Dinamizadora, segundo sua concepção, refletirá uma mudança dentro do sujeito. A mesma concepção embasa a definição de trabalho, segundo a Dinamizadora Emília, para quem o trabalho depende muito do uso de si, ao narrar que “Meu principal objetivo é levar os alunos a entenderem que a leitura é um complemento na vida deles.” A Dinamizadora criará meios internos para que esse objetivo seja alcançado, mesmo que a prescrição a oriente, sua ação em particular, a conduzirá a alcançar esse objetivo. Da mesma maneira analisando a concepção de trabalho narrada pela Dinamizadora Lygia, “[...] ele trabalha com a criação, com a fantasia com a imaginação.” Sua narrativa nos remete às escolhas internas, à construção de ferramentas em si para dar sentido ao trabalho a ser desenvolvido.

Através das falas, analisamos que as dinamizadoras compreendem que sua função social, juntos aos alunos, está explícita ao definirem a concepção do trabalho exercida por elas. Ora evidenciado pela Dinamizadora Petra a força e o encantamento que a Literatura possui, ora relatado pela Dinamizadora Emília que a leitura é importante para interpretar a vida, por mais que a atividade do dinamizador diferencie da atividade do professor regente, percebemos que a definição central do professor global, formado pelos saberes da experiência está presente nas falas das dinamizadoras. Para a Dinamizadora Lygia, o Dinamizador é uma figura essencial no desenvolvimento da “mentalidade leitora” dos alunos. Assim como a Dinamizadora Liesel que percebe o avanço pedagógico que a atividade de leitura pode promover em sala de aula e a Dinamizadora Rapunzel relata a falta de acesso à leitura tentando ser suprida pela função do Dinamizador de Leitura no espaço escolar.

Com base em documentos pesquisados, compreendemos que esta função é exercida por um professor docente, em regime extraclasse. As aulas têm uma hora de duração e em média são atendidas 15 (quinze) turmas em cada unidade escolar. Entretanto, vale ressaltar que a narrativa das entrevistas tem um ponto em comum: a função social da leitura literária.

### **3.2 Sobre Atividade de Trabalho Docente**

Para iniciar a temática, se faz necessário lançar mão de determinados conceitos, tais como o que é “atividade de trabalho”? Recorreremos aos estudos de Schwartz (2011) que buscou problematizar um conceito para um assunto amplo, que não abriga apenas um campo de conhecimento. Pelo viés educacional, Schwartz constituiu conceitos anteriormente pesquisados por Canguilhem<sup>9</sup>, indicado por Althusser (CUNHA, 2013).

No que concerne à atividade de trabalho, podemos ressaltar que, anteriormente à definição de atividade de trabalho, se faz necessário definir o que vem a ser trabalho. Dentre os estudiosos que se dispõem a pesquisar sobre este tema, evidenciaremos no presente artigo, os pensamentos de Schwartz (1996). Para o autor, como lugar de “acontecimentos complexos”, o trabalho é compreendido como uma desarmonia entre

---

<sup>9</sup> **Georges Canguilhem** “foi um filósofo e médico francês. Especialista em epistemologia e história da ciência” (WIKIPÉDIA, 2021). Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Georges\\_Canguilhem](https://pt.wikipedia.org/wiki/Georges_Canguilhem). Acesso em: 22 set. 2021.

a atividade humana, as condições reais e os resultados obtidos. É uma junção/articulação entre a história individual e o coletivo externo:

Os conhecimentos acionados, os sistemas produtivos, as tecnologias utilizadas, as formas de organização, os procedimentos escolhidos, os valores de uso selecionados e, por detrás, as relações sociais que se entrelaçam e opõem os homens entre si [...] toda atividade de trabalho encontra saberes acumulados nos instrumentos, nas técnicas, nos dispositivos coletivos; toda situação de trabalho está saturada de normas de vida, de formas de exploração da natureza e dos homens uns pelos outros. (SCHWARTZ, 2003, p. 23).

Pensar, efetivamente, como se dá o movimento do trabalho e seus reflexos traz pistas para compreender e modificar concepções cristalizadas e perpetuadas, vivenciadas rotineiramente. O fator humano é algo que torna a atividade de trabalho imprevisível. Por mais que regras sejam estabelecidas e que elas sirvam de parâmetro para uma linearidade no ambiente de trabalho, não há como prever ações fechadas, visto que o ambiente docente é um ambiente técnico, humano e cultural. (SCHWARTZ, 2004, p.25).

A atividade de trabalho carrega consigo marcas sociais, marcas históricas. Não há como fragmentar a atividade de trabalho como sendo somente conteúdo, ou somente vivência. Mediante a associação do trabalho à história, a função docente passa a ter um sentido próprio. Defini-la tecnicamente, fechando conceitos e formas, a afasta da sua função integral. Segundo Schwartz (2003), o trabalho está impregnado de história:

Se o trabalho é atravessado pela história, se 'nós fazemos história' em toda atividade de trabalho, então, não levar em conta esta verdade nas práticas das esferas educativas e culturais, nos ofícios de pesquisadores, de formadores, nas nossas práticas de gestores, de organização do trabalho, e também nas nossas práticas de cidadãos, é desconhecer o trabalho, é mutilar a atividade dos homens e das mulheres que, enquanto 'fabricantes' de história, re-questionam os saberes, reproduzindo em permanência novas tarefas para o conhecimento. (SCHWARTZ, 2003, p.23)

No intento de definir trabalho, unir três dimensões fundamentais à estruturação no conceito, nos fornece pistas sobre a atividade de trabalho. Pensando no trabalho docente, a relação direta com esta definição se faz presente. Aulas planejadas, com a utilização de recursos ou não, professor atuando como sujeito social, detentor da

sua história e o ambiente que o cerca são articulações desta atividade. Segundo Schwartz (2007), o trabalho está relacionado às ferramentas, aos valores e ao meio físico:

Trabalhar significa, para a ergologia, o encontro entre três dimensões. A primeira diz respeito a todos os conhecimentos necessários para a execução do trabalho, os quais se apresentam de várias formas: livros, ferramentas, máquinas, etc. A segunda diz respeito aos indivíduos que realizam ou efetuam o trabalho sempre de uma forma singular, com seus valores, com suas escolhas e histórias de vida. A terceira dimensão diz respeito às variações do ambiente físico, do meio social, entre outros. As articulações entre essas três dimensões são infinitas, por essa razão toda atividade de trabalho é sempre singular, jamais é igual e constantemente de modifica. (SCHWARTZ, 2007 apud OLIVEIRA e FRANZOI, 2015)

Conforme Santos e Silva (2017), a ergologia tem como objetivo conhecer de perto as situações do trabalho e a atividade humana de quem trabalha. Ergo, em grego, significa trabalho, atividade e a ergologia visa analisar o trabalho e a interferência humana da atividade exercida. Devemos compreender que a ergologia está voltada para as atividades humanas, bem como para as atividades do trabalho e suas articulações.

Uma questão que integra as definições acerca do trabalho é a diferença entre o trabalho prescrito e o trabalho real. O trabalho prescrito se refere ao que é estabelecido antecipadamente para ser planejado, previamente, pelo trabalhador e o trabalho real é a prática do que foi prescrito. Entre o que foi prescrito e o que foi executado, está a atividade humana. O trabalho não se faz sozinho (CUNHA e ALVES, 2012). O papel do professor, junto ao planejamento e a execução do que se planeja está pautado na realidade que o cerca. É inerente à atividade de trabalho o processo de construção e planejamento prévio, tendo em vista as adequações e flexibilizações da atividade planejada. A autonomia do professor se faz presente nesses momentos. Articular os saberes conceituais e os saberes da experiência requer autonomia.

Relacionando a atividade de trabalho à função do professor, Roldão (2003) defende que a função de professores e professoras se apresentou em variados formatos e estatutos ao longo da história. Roldão ressalta a necessidade de estruturar a função em consequência da modernidade, em especial a partir do século XVIII. Mediante as facetas adquiridas pelos profissionais de educação, em relação à função docente, se faz necessário evidenciar que há uma linha tênue entre o

descomprometimento de professores em detrimento dos resultados de aprendizagem. Corroborando com a ideia de adequação frente às demandas, a dinamizadora Lygia justifica a necessidade de mudança de postura do professor, em sua atividade docente:

Os cursos aprimoram a sua prática, fazem você superar limites. Eu tinha medo, eu tinha vergonha. Eu sou tímida. Eu sou extremamente tímida. E, no entanto, quando eu me vejo contando histórias, eu esqueço de tudo, da minha timidez e mergulho nesse mundo da imaginação e da fantasia. Então, para mim foi um grande ganho, um grande “boom”. (DINAMIZADORA LYGIA)

Ao narrar que “Os cursos aprimoram a sua prática, fazem você superar limites”, a Dinamizadora Lygia atribui aos cursos uma mudança na sua prática, em sala de aula. Entretanto, para Schwartz (1996) o fator humano é que torna a atividade de trabalho imprevisível, ou seja, além dos cursos, a mudança interna, frente aos estímulos externos, torna essa adequação possível. Por isso, provavelmente, por conta da imprevisibilidade do humano é que não temos como considerar o professor estagnado. Concebemos a sociedade formada por sujeitos que, em alguns momentos, estão na família, na escola, no templo religioso e todos inseridos na sociedade, em constante movimento. Assim podemos admitir que o movimento da escola, considerando suas especificidades, é o mesmo movimento da sociedade.

Vale ressaltar que todo questionamento, no tocante à atividade de trabalho, abarca questões voltadas para o contexto sociológico. Rancière (2007) evidencia a importância da emancipação intelectual. Já no século XIX, o autor destaca que há possibilidade de aprender sem a necessidade de um professor, que em algumas vezes, segundo o autor, embrutece o aluno. O professor seria o meio para se alcançar a autonomia para além dos moldes transmitidos em aula. Como avaliar a escola negativamente, se a escola é o reflexo da sociedade? Para Valle (1997, p.13), a partir dessa idealização de escola dos sonhos, a instituição escola se mantém e perpetua a configuração existente na sociedade:

[...] é como instituição imaginária que a Escola se edifica, em sua origem, como projeto político de uma sociedade; e é pela capacidade de permanente reconstrução de seu sentido imaginário que ela pôde [...] resistir ao tempo como instituição duravelmente enraizada na vida social. (VALLE, 1997, p.13)

A atividade política de professores e professoras está inerente à sua atividade de trabalho. Cabe aos professores redefinir, diariamente, em “termos pedagógicos, curriculares, metodológicos, técnicos etc., as características da escola comprometida com ideais democráticos de participação” (VALLE, 1997, p. 28). Vale ressaltar que a responsabilidade pelo sucesso educacional não está atrelada, exclusivamente, ao professor e à sua prática docente. Há uma junção de fatores, inclusive políticos que corroboram para que sejam construídas atitudes de mudança.

Nessa vertente conceitual, ao pensarmos na atividade de trabalho docente, associamos o trabalho à profissão. Cabe esclarecer que ambos, apesar de versarem numa mesma concepção, apresentam significados diferentes. A reflexão acerca da atividade de trabalho docente amplia as questões subentendidas no papel de professores e professoras. A valorização profissional está inserida em duas variantes do termo profissão. Para Matavale, Roldão e Costa (2019), o termo profissão abriga duas vertentes significativas para a discussão apresentada sobre profissionalidade docente:

O termo profissão tem duas acepções principais: ocupação permanente de alguém como fonte principal de subsistência e ocupação especializada bem remunerada e prestigiada. Do ponto de vista da sociologia, distinguem-se três níveis de significação do conceito (amplo, intermédio e restrito), associados ao grau de reflexividade teórica que envolvem (Monteiro, 2010). Nota-se que o conceito amplo é ligado à noção de profissionalidade de nível baixo, e o restrito corresponde ao conceito de nível alto. (MATAVELE, ROLDÃO E COSTA, 2019, p. 4)

Conforme as discussões acerca do termo profissão, em seu sentido restrito, Matavele et. al (2019) se debruçam na conceituação de profissionalidade. A profissionalidade docente, por exemplo, seria compreendida “como um processo permanente, marcado pelo desenvolvimento da capacidade reflexiva, crítica e criativa, conferindo ao professor autonomia na profissão e elevando seu estatuto profissional” (PONTUSCHKA et al, 2007, p. 91-92). Este conceito tem buscado reconhecer a ação docente, ratificando a atuação de professores e professoras como “atores ou sujeitos e produtores do saber”, sobretudo, como mediadores em suas atuações como educadores e educadoras. Ao se reconhecer como mediador, junto aos educandos, professores e professoras identificam a importância da busca pelos diferentes saberes. Para Dinamizadora Liesel, a aprendizagem é contínua e na prática, a sua atividade de trabalho a impulsiona em sua profissionalidade docente:

E é mais ou menos isso: não sei...só sei que nada sei. A gente está sempre aprendendo. E aprender é aquilo que a gente aprendeu, a gente de alguma forma, tentar colocar na prática. Porque o que não falta são coisas, ensinamentos, propostas muito interessantes. Mas se a gente também não colocar zero por cento em prática, você também continua na mesmice. (DINAMIZADORA LIESEL)“

“A gente está sempre aprendendo” nos remete à incompletude do ser humano. A Dinamizadora Liesel reforçou a ideia de aprendizagem contínua, intercalando a vida pessoal do professor à sua atividade de trabalho como educadora. O espaço coletivo da atividade de trabalho nos remete a essa aprendizagem, seja formalmente, através de cursos, oficinas, palestras ou na interação com parceiros de trabalho, alunos, pais, comunidade. A atividade de trabalho docente possibilita compreender a diferença entre a própria atividade e a ação vinculada a ela, porque o trabalho é concebido com um lugar de “acontecimentos complexos”. Não há como prever o resultado de uma atividade de trabalho. Mesmo que o professor desempenhe atividades com objetivo, o resultado não será imediato, já que se trata de construção do indivíduo (BASSO, 1998). A atividade humana é constituída por um conjunto de ações para a obtenção de um resultado que pode não ser imediato.

Tendo como base o conceito de mediação, em Vygotsky, segundo Oliveira (2002) é “o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação”. A atividade pedagógica do professor é um somatório de ações intencionais com um objetivo específico, ao mediar essas ações de um jeito peculiar, fundamentado numa relação de afeto. Para Aranha e Daniel (2017), por mais que o trabalho esteja atrelado aos cursos de formação, vale ressaltar a relevância das afetividades e a construção social do trabalhador/professor:

Evidentemente, no decorrer de sua trajetória profissional, muitos profissionais participam de cursos e treinamentos, obtendo novas informações e habilidades. Essa é uma fonte de conhecimento adquirida no trabalho. Mas, para além dessa, há todo um processo cultural, interpessoal e social em que os trabalhadores, por sua própria experiência laboral e por suas vivências em diversos ambientes, constroem e adquirem um conhecimento contínuo sobre o seu fazer. Esse conhecimento nem sempre é codificável, mas é extremamente significativo para o andamento do trabalho. Trata-se do que se denomina como conhecimento tácito, na sociologia do trabalho e na área de formação profissional. (ARANHA e DANIEL, 2017, p. 51)

Segundo Shulman<sup>10</sup> (1986), reconhecer a diferença entre os conhecimentos pedagógicos e do conteúdo é fundamental para uma condução satisfatória no processo ensino-aprendizagem. O conhecimento pedagógico diz respeito ao “como” ensinar, meios estes adquiridos através de cursos e através das experiências vivenciadas pelos educadores. Ao passo que o conhecimento do conteúdo se refere ao “o quê” ensinar. Com o intuito de defender a ideia de que o professor apoia seus conhecimentos em sua vivência, propondo a amplitude conceitual, a partir de sua intencionalidade e objetivos, o autor dividiu o conhecimento em sete categorias:

Conhecimento do conteúdo; conhecimento pedagógico geral, com especial referência aos princípios e estratégias mais abrangentes de gerenciamento e organização de sala de aula, que parecem transcender a matéria; conhecimento do currículo, particularmente dos materiais e programas que servem como “ferramentas do ofício” para os professores; conhecimento pedagógico do conteúdo, esse amálgama especial de conteúdo e pedagogia que é o terreno exclusivo dos professores, seu meio especial de compreensão profissional; conhecimento dos alunos e de suas características; conhecimento de contextos educacionais, desde o funcionamento do grupo ou da sala de aula, passando pela gestão e financiamento dos sistemas educacionais, até as características das comunidades e suas culturas; e conhecimento dos fins, propósitos e valores da educação e de sua base histórica e filosófica. (SHULMAN, 1986, p.11)

Com base nas categorias elencadas por Shulman, e partindo de sua própria análise, dentre as sete categorias, três estão diretamente ligadas ao ato de ensinar. O conhecimento do conteúdo - referente ao conhecimento profissional, o que diferencia um professor de determinada disciplina de outro professor de outra disciplina, o conhecimento do currículo e o conhecimento pedagógico do conteúdo são aspectos relevantes e de suma importância aos que atuam como professores e professoras. Não há como ensinar sem ter domínio do conteúdo que desejamos compartilhar. Para o autor, não somente de conteúdo se faz a prática do ato de ensinar. Ensinar requer humanidade e afetividade. Afetividade, que é uma outra dimensão do trabalho docente que, segundo Schwartz, envolve valores e escolhas,

---

<sup>10</sup> “Lee Shulman, professor emérito da Faculdade de Educação da Universidade de Stanford, é um dos mais importantes intelectuais e pesquisadores da educação mundial e tem influenciado a reflexão e a concepção contemporânea a respeito da profissão docente. O seu olhar interdisciplinar a respeito de diferentes profissões o levou a uma abordagem original e transformadora acerca da profissão docente e o professor.” (EDUCAETHOS, 2020) Disponível em: <https://educaethos.com.br/entrevista-com-lee-schulman>. Acesso em: 22 set. 2021

citada pela Dinamizadora Petra ao evidenciar o “poder de cura” que a leitura literária proporciona aos alunos, tendo o dinamizador como mediador desse processo:

A leitura tem um poder de cura, então quando a gente fala em espaço de troca, de espaço de aprendizagem, a gente também está falando nessa questão. É um espaço de você interagir, de você levar conforto, de alento através da literatura. Uma coisa que eu acho muito legal, quando a gente pega um livro, um livro é uma viagem. Então, quando a gente pega um livro, alguém pode não gostar muito porque tem uma bruxa. Mas a bruxa é importante. A bruxa tem papel importante, porque a bruxa, os vilões servem para dizer, para mostrar para uma criança que, de repente, alguma coisa pode mudar, alguma coisa ruim pode acontecer. Aí você vem com os contos de fada, você vem com a fantasia e aí ela te traz a esperança, ela traz a possibilidade de mudança. Então assim, eu vejo as salas de leitura, os espaços de leitura como um espaço realmente de conexão, de cura, de libertação. (DINAMIZADORA PETRA)

A partir da narrativa da Dinamizadora Petra, podemos inferir que a atividade de trabalho das professoras, especificamente das dinamizadoras de leitura, não se restringe à decodificação de símbolos presentes em livros, contos de fadas. A cura mencionada pela Dinamizadora nos remete ao sonho, ao encantamento que a leitura literária desperta nos alunos. A atividade de trabalho das Dinamizadoras vai além da mera transmissão de conteúdo. Talvez por esta razão, a Dinamizadora Petra diz que “um livro é uma viagem”. O encantamento é o diferencial na atividade de trabalho da professora. Encantamento este presente na definição de Paulino (2021) segundo o glossário on-line CEALE<sup>11</sup> (2021), conceituando leitura literária:

A leitura se diz literária quando a ação do leitor constitui predominantemente uma prática cultural de natureza artística, estabelecendo com o texto lido uma interação prazerosa. O gosto da leitura acompanha seu desenvolvimento, sem que outros objetivos sejam vivenciados como mais importantes, embora possam também existir. O pacto entre leitor e texto inclui, necessariamente, a dimensão imaginária, em que se destaca a linguagem como foco de atenção, pois através dela se inventam outros mundos, em que nascem seres diversos, com suas ações, pensamentos, emoções. (CEALE, 2021)

Em consonância com a definição de Paulino, a Dinamizadora Liesel, menciona que a leitura literária proporciona aos alunos admirar a magia dos livros e a atuação da professora é fundamental para despertar este encantamento:

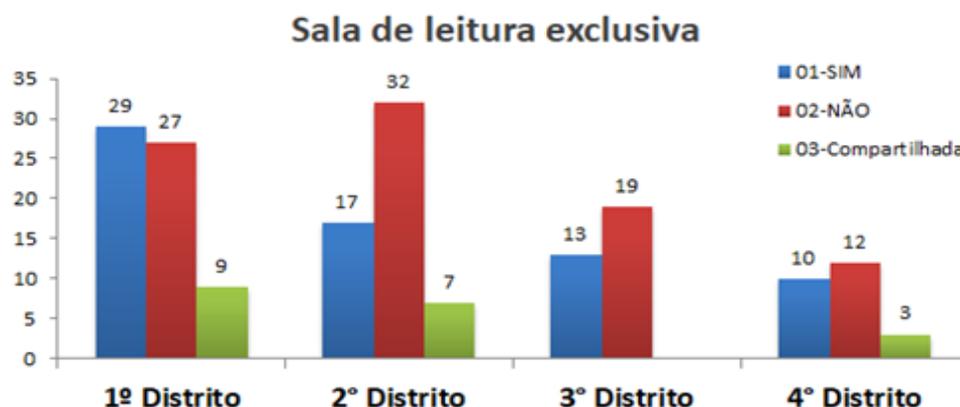
---

<sup>11</sup> Glossário On-line CEALE: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/leitura-literaria>. Acesso em 21 de março de 2021.

Quando você pega as crianças de quatro anos, quando você vai a primeira vez, que a professora faz a campanha: “Vai vir aqui uma professora aqui que vai levar vocês para um lugar muito legal!” Quando você chega lá e fala: “Gente, eu sou a tia x!” Igual esse ano, eu tinha que ter filmado. E você fala assim: “Gente, agora vamos lá para o outro lado da escola, que vocês vão conhecer o melhor lugar da escola que vocês não conheciam. Vocês já conhecem esse lugar?” “Nããooo”. “Vocês vão conhecer hoje!” E aí quando você abre, que eles entram...esse ano eu só me arrependo de não ter filmado. Eles ficaram assim, eles entraram: “Ohhhhhhhh” Todos com a boca aberta! “Ohhhhhh, muito livro” Aqui é muito bonito!”. E ter o tempo deles, cada turma a gente tem uma estratégia. É uma contação de história mais curtinha, aquela coisa mais da atenção. Porque eles têm que saber: “Oh, o livro, a gente mexe assim...oh! Esse lado aqui vocês vão poder mexer” - ou coloca os livros nas mesas e fala: “Só não pode puxar da mão do coleguinha, não. Você tem que esperar a sua vez.” (Dinamizadora Liesel)

“Vocês já conhecem esse lugar? [...] eles entraram: ‘Ohhhhhhhh’”, possivelmente o espaço preparado para a atividade coletiva da Dinamizadora Liesel surpreendeu as crianças de quatro anos de idade, provavelmente por ser um espaço agradável. No dizer de Schwartz (2011, p.64), a terceira dimensão da atividade de trabalho diz respeito às variações do ambiente físico, na própria unidade escolar. As unidades escolares da rede municipal de Duque de Caxias não possuem, necessariamente, espaços exclusivos para atendimento às aulas de leitura literária. Com base em documentos disponibilizados pela Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias, observamos o quantitativo de salas de leitura, bibliotecas e/ou espaços alternativos utilizados pelos alunos durante as aulas de leitura literárias:

**Gráfico 1: UEs e locais para as aulas de leitura literária**



Fonte: Dados CDLL/SME, 2019

Através do gráfico apresentado, observamos a narrativa da Dinamizadora Liesel quanto aos espaços exclusivos para que as aulas de leitura literária aconteçam. No gráfico, apenas no 1º Distrito de Duque de Caxias, os alunos, em sua maioria, têm aula em um espaço destinado à leitura. Esta informação reforça a reação dos alunos ao entrarem na sala de leitura pela primeira vez. Sendo a escola da Dinamizadora Liesel pertencente ao 2º Distrito de Duque de Caxias, distrito este com metade de suas escolas sem espaços exclusivos para que as aulas de leitura literária aconteçam em local apropriado.

Ainda “Oh! O livro, a gente mexe assim” nos possibilita pensar nas normas que são estabelecidas antecipadamente e a prática do que foi prescrito, talvez por essa razão, a Dinamizadora Liesel tenha acrescentado “Só não pode puxar a mão do coleguinha”. Mediante a narrativa da Dinamizadora compreendemos que a atividade de trabalho dos professores e das professoras está permeada por valores que entrelaçam ou opõem os homens entre si. A atividade de trabalho docente está interligada à constante formação de professores e compreender que o aluno tem suas vivências antes da escola e, sobretudo compreender a sua incompletude, torna o processo ensino-aprendizagem uma constante construção.

Podemos observar, através do gráfico 1, que na rede municipal de ensino de Duque de Caxias não possui, em sua maioria, espaços definidos como uma sala exclusivamente destinada à leitura. Entretanto, recorrendo a Zabalza e Fornero (apud BARBOSA E HORN, 2008, p. 48) na sala de leitura, temos uma diferença preponderante entre o espaço e o ambiente:

Apesar de terem a clareza de que são conceitos intimamente ligados. Afirmam que o termo espaço se refere aos locais onde atividades são realizadas e caracterizam-se pelos objetos, pelos móveis, pelos materiais didáticos e pela decoração. O ambiente, por sua vez, diz respeito ao conjunto desse espaço físico e às relações que nele se estabelecem, as quais envolvem os afetos e as relações interpessoais dos envolvidos no processo - adultos e crianças. Em outras palavras, podemos dizer que o espaço se refere aos aspectos mais objetivos, enquanto o ambiente refere-se aos aspectos mais subjetivos. (ZABALZA E FORNERO apud BARBOSA E HORN, 2008, p. 48)

Conforme a diferenciação apresentada por Zabalza e Fornero (2008), um ambiente diz respeito ao sentimento, ao afeto. Os ambientes destinados ao desenvolvimento das atividades de trabalho dos Dinamizadores de Leitura, na rede

municipal de ensino de Duque de Caxias variam entre as salas de leitura, atividades compartilhadas com outras atividades, tais como biblioteca, sala de recursos, laboratório de Informática, ou na própria sala de aula. O trabalho de leitura literária encontra nesses ambientes muito afeto e dedicação por parte das Dinamizadoras de Leitura. A ambientação dos espaços se entrelaça com a dedicação, com a afetividade que as Dinamizadoras planejam suas aulas.

Segundo Wallon (2007), atrelado ao processo ensino-aprendizagem, está a afetividade. Embasadas na teoria de Wallon, Mahoney e Almeida (2007), afirmam que a afetividade “refere-se à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo e interno por meio de sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis”. Para o autor, as bases do materialismo histórico-dialético fornecem referências para compreender a construção da aprendizagem considerando a criança a partir das suas rupturas, descontinuidades e conflitos. Tais conflitos não são negativos ao processo e sim constituintes para a consolidação da aprendizagem:

É contra a natureza tratar a criança fragmentariamente. Em cada idade, ela constitui um conjunto indissociável e original. Na sucessão de suas idades, ela é um único e mesmo ser em curso de metamorfoses. Feita de contrastes e de conflitos, a sua unidade será por isso ainda mais suscetível de desenvolvimento e de novidade. (WALLON, 2007, p. 1986).

Nessa perspectiva, interligando a afetividade ao processo de ensino-aprendizagem - como afirma Wallon, a Dinamizadora Emília associa sua atividade de trabalho à possibilidade de mostrar aos alunos como as histórias contidas nos livros, textos, ilustrações se relacionam à vida real dos alunos:

Meu principal objetivo é levar os alunos a entenderem que a leitura é um complemento na vida deles. Porque não é só dentro de sala de aula que a leitura é importante. Através da leitura em sala de aula, ele aprende a fazer a leitura da vida. Porque ele aprende a interpretar o que vida está mostrando para ele. O que costume dizer para eles: ler palavras não é ser leitor. Ser leitor, é ler as palavras, interpretar cada frase e aplicar na vida. E a Literatura leva o aluno a viajar e eles conseguem absorver o mundo da leitura. Eu fui criada assim: a ler, mas explicar o que eu estou lendo. O que você entendeu da leitura. Depois, eu entendi que isso acrescentou na minha formação. (DINAMIZADORA EMÍLIA, 2020)

“Porque não é só dentro da sala de aula que a leitura é importante. Através da leitura em sala de aula, ele aprende a leitura da vida” se associa ao que Wallon (1995) se refere a um intenso processo de sensibilização. Segundo o autor, a criança se identifica com as pessoas que a rodeiam, e se sensibiliza aos pequenos indícios da disponibilidade do outro em relação a si própria. A Dinamizadora Emília narra, nas entrelinhas, a dedicação e a responsabilidade associada à sua atividade de trabalho, corroborando com a ideia de Tassoni e Leite (2013), que com base nos estudos de Wallon, afirmam que:

[...] há uma sensibilidade em relação ao tipo de mediação feita pelo professor, que revela a forma como os alunos são afetados, provocando diferentes sentimentos que influenciam a aprendizagem e interferem na relação com os conteúdos e na visão que cada aluno tem de si mesmo. (TASSONI e LEITE, 2013, p.264)

Ainda segundo Wallon (2007), a ligação entre o desenvolvimento psíquico e o desenvolvimento biológico não deve ser desvinculada. Sobretudo, não há um aspecto que seja superior ao outro. São relações de reciprocidade entre o sujeito e o meio ao qual está inserido. Ao perceber que o aluno deve reconhecer na leitura um dos mecanismos para a “leitura de mundo”, a “leitura da vida”, a Dinamizadora Emília reforça a ideia de reconhecer em sua atividade de trabalho a importância da constante formação que devemos nos debruçar.

Ainda no caminho da afetividade, contribuições de Edgar Morin (2000) evidenciam a importância de sabermos lidar com as emoções em sala de aula. Para o autor, os sentimentos são de grande valia no processo ensino-aprendizagem. Levar em consideração que a “inteligência é inseparável do mundo da afetividade” (MORIN, 2000, p. 20) nos faz entender a importância das relações estabelecidas entre professor-aluno-comunidade escolar:

A afetividade pode asfixiar o conhecimento, mas pode também fortalecê-lo. Há estreita relação entre inteligência e afetividade: a faculdade de raciocinar pode ser diminuída, ou mesmo destruída, pelo déficit de emoção; o enfraquecimento da capacidade de reagir emocionalmente pode mesmo estar na raiz de comportamentos irracionais. (MORIN, 2000, p. 20)

Partindo dos estudos de Morin (2000), afetividade perpassa pelo trabalho dos Dinamizadores de Leitura Literária, a partir do momento que sua atividade é uma

atividade pedagógica com viés artístico nos diversos portadores literários e nos desdobramentos propostos durante as aulas: música, peças teatrais, dramatizações, saraus, artes plásticas. Para a Dinamizadora Liesel é de suma importância incentivar os alunos:

Esse poema é Desencanto, de Manuel Bandeira. Você ler isso é uma coisa; você ouvir o poema é outra. É oportunizar essas situações para as crianças de que eles também, além de ser leitores, que eles também podem ser escritores. [...] Eu vi um menino fazendo um poema! [...] Eu falei: Deixa-me dar uma olhadinha...que coisa linda! E ele não queria que eu visse, mas foi uma coisa linda que ele escreveu! Mas ele não acreditava no próprio potencial dele. Ele achava que aquilo ali era horrível. Mas era uma coisa linda! (DINAMIZADORA LIESEL)

A Dinamizadora Liesel ao falar “[...] Eu vi um menino fazendo um poema” fez despertar na Dinamizadora uma oportunidade de proximidade com aquele determinado aluno, visto que a Dinamizadora é poetisa e escritora. “Deixa-me dar uma olhadinha...que coisa linda!” demonstrando, através da narrativa que o elogio, o carinho são maneiras de mostrar para o aluno o quanto ele é capaz.

### **3.3 A construção dos saberes e o tempo de atuação docente**

Partindo da definição de atividade de trabalho, especificamente do trabalho docente, observamos que “trabalhar não é exclusivamente transformar um objeto ou situação em outra coisa, é também transformar a si mesmo em e pelo trabalho” (DUBAR, 1992 apud TARDIF e RAYMOND, 2000, p.209). O trabalho, em si, não apenas culmina em um produto, como também transforma o trabalhador. Para Schwartz (1997, p. 7) na atividade de trabalho, o trabalhador negocia “entre o uso de si por si mesmo e o uso de si pelo(s) outros(s)”.

Estudos relativamente atuais passaram a valorizar os saberes construídos por professores e professoras no decorrer de suas carreiras. Ou seja, reconhecer as vivências do professor como parte integrante do seu trabalho docente impulsionou a busca na identificação dos diferentes saberes implícitos na sua prática de trabalho. A construção dos saberes, bem como o tempo de atuação de professores e professoras, se relaciona diretamente com a identidade dos educadores e educadoras. Identidade esta que vai “sofrendo” mudanças com o passar do tempo. Carregamos nossas marcas (TARDIF; REYMOND, p. 210), agregamos valor, abrimos mão do que

pensávamos ser o correto e na prática, refletimos que tal caminho não era o mais adequado, unindo às formações e às experiências vividas. Corroborando com a ideia de mudança, a Dinamizadora Emília explicita, afirmando que a formação continuada deve fazer parte da vida do professor como o indivíduo responsável pela sua própria mudança e aplicabilidade:

A formação continuada é necessária. Porque não adianta você ter títulos, mas se você não der vida a eles. Por isso, que é continuada. Você não para nessa que você está fazendo. Você tem que continuar, porque a vida é um ciclo. Ela está passando, modificando. Atualmente, agora, a gente tem que reciclar tudo que nós aprendemos, para trazer para atualidade. Professor que não se atualiza, ele não se forma.  
(DINAMIZADORA EMÍLIA)

A frase "não adianta você ter títulos [...] se você não der vida e eles" nos remete ao pensamento de Tardif e Raymond (2000) no sentido de reafirmar que o trabalho está diretamente relacionado com a nossa vida. Como define Schwartz (2000), trabalho é vida e história. Uma visão que, inicialmente, se volta para a mera transmissão de conteúdo, com o passar do tempo, nos modifica como pessoa e também o nosso "saber trabalhar", talvez por essa razão a Dinamizadora Emília acrescenta "professor que não se atualiza, ele não se forma":

De fato, em toda ocupação, o tempo surge como um fator importante para compreender os saberes dos trabalhadores, na medida em que trabalhar remete a aprender a trabalhar, ou seja, a dominar progressivamente os saberes necessários à realização do trabalho: "a vida é breve, a arte é longa", diz o provérbio. (TARDIF E RAYMOND, 2000 p. 210)

Como dizem Tardif e Raymond (2000) não há possibilidade de desvincular a aprendizagem da execução do trabalho. Com o passar dos anos, adequamos nossa aprendizagem ao modo como desempenhamos nosso trabalho. São caminhos sendo abertos e que culminam na execução individual e mais adequada aos padrões que estabelecemos internamente. A subjetividade do trabalho está na nossa construção particular de nossas ações frente ao trabalho.

Adquirimos, com o passar dos anos, associadas à teoria ou às vivências, maneiras de conduzir nosso trabalho, articulando conteúdo e experiências. Não nos abastecemos somente dos conteúdos aprendidos em cursos, oficinas, universidade.

Vale ressaltar que os saberes são construídos não apenas colocando em prática conceitos aprendidos, mas moldando vivências, amadurecendo pessoalmente. Tais saberes se relacionam com a identidade do professor. Para além dos saberes atrelados à formação acadêmica, o “saber-ensinar” depende de outros saberes associados às facetas exercidas pelo professor como ser social. Sua interação com os colegas de trabalho, com os pais, com os alunos, bem como sua criatividade, entusiasmo, o tornam um profissional diferenciado e tamanha atitude, pautada na segurança, está relacionada ao saber da experiência.

No que tange ao entusiasmo, os saberes citados por Shulman (1987) articulados com os saberes citados por Tardif e Raymond (2000) são representados pela fala da Dinamizadora Liesel, quando a dinamizadora compartilha a sua experiência entrelaçada aos saberes adquiridos em sua caminhada:

Você vê uma exposição, você vê uma atividade circense, você uma contação de história. Oficina de abayomi na beira da praia (...) fiz o que eu nunca tinha feito. E no final das contas, todas essas situações entram como formação continuada, no meu entender, porque isso, no final das contas, vai ao encontro da sua prática. Às vezes, você vê uma peça de teatro, uma música, ou um filme, ou um curta e você fala: mas isso aqui é superinteressante; isso aqui dá para dar um gancho nisso aqui. E quando você chega lá na frente, que você vai trabalhar determinada coisa, você fala: não, ah, mas tem aquele negócio de estourar balão. As pessoas chegavam - eu fiz isso na escola - o pessoal do SESC chegou lá nas ruas de Paraty, eles cantavam com sanfona e com tudo e as pessoas estouravam um balão e aí tinha um trecho de uma música. E eles cantavam a música para pessoa. Eu falei: vou adaptar isso com várias coisas. Eu fiz várias adaptações. (DINAMIZADORA LIESEL)

“A oficina de abayomi na beira da praia [...] fiz o que eu nunca tinha feito”, nos ajuda a pensar sobre a defesa que Tardif (2000) faz ao entrelaçar atividade de trabalho e vida. Inevitavelmente, nos deparamos com o trabalho invadindo nossos pensamentos, ajudando em planejamentos, mesmo que seja um final de semana. Podemos inferir que por essa razão a Dinamizadora tenha feito referência ao “pessoal do SESC chegou lá nas ruas de Paraty, eles cantavam com sanfona e com tudo e as pessoas estouravam um balão e aí tinha um trecho de uma música. E eles cantavam a música para as pessoas. Eu falei: vou adaptar isso com várias coisas”. Tardif (idem) destaca que os professores, como membros de uma mesma sociedade, muitas vezes, se referem aos conhecimentos sociais compartilhados em comum com os alunos.

Defende o autor que os saberes são incorporados à experiência individual e coletiva sob a forma de habilidades, de saber-fazer e de saber-ser. Nesse sentido, o autor classifica os saberes como: da formação profissional, os saberes disciplinares, saberes curriculares e saberes experienciais, talvez por esse motivo o "pessoal do SESC [...] nas ruas de Paraty " foi apontado como importante vivência na construção do saber docente, tendo como referência as próprias experiências da Dinamizadora Petra.

Ainda sobre as transformações necessárias no decorrer da vida profissional, Petra cita a atitude de professores que cristalizam suas ações reproduzindo posturas exercidas desde o início de sua atuação com professores:

Eu acho que é impossível a gente falar de uma vida de um professor que ele não está o tempo todo pensando na sua formação. A sociedade muda, a gente muda o tempo todo. Não dá para viver com o mesmo pensamento, com as mesmas formações de anos atrás. Tem uma coisa que eu detesto é ver professores com mentalidades de "professauros". Pessoas que carregam seus planos de aula, seus cadernos de plano e não só o seu material como a sua cabeça ainda está lá. São extremamente conteudistas e não se percebem, não dão conta do seu papel, enquanto agentes de transformação. Se a gente quer ser agente de transformação, a gente não pode estar parado. Você não pode estar inerte, esperando as coisas acontecerem, vendo a sociedade mudar. É tudo muito dinâmico. Quando a gente fala que quer ser agente, mudar a história, a história é dinâmica. (DINAMIZADORA PETRA)

"Tem uma coisa que eu detesto é ver professores com mentalidades de "professauros". 'Professauro' é um termo usado por Antunes<sup>12</sup> (2014) ao fazer um paralelo entre o perfil do professor que acompanha novas metodologias de ensino e outro professor que têm características engessadas, identificando nele formas de pensamentos comuns ao período cretáceo. Continua a Dinamizadora Petra definindo como "professauros": "Pessoas que carregam seus planos de aula, seus cadernos de plano e não só o seu material como a sua cabeça ainda está lá." Ao problematizarmos a atividade de trabalho do professor junto a seus pares ou aos discentes, o acúmulo de experiência e de conhecimento, não se relacionam com o "engessamento", isso

---

<sup>12</sup> "Celso Antunes tem bacharelado e licenciatura em Geografia. É mestre em Ciências Humanas pela USP e é considerado um grande formador de opinião no mundo da educação. Tem mais de 280 publicações e suas obras forma traduzidas pra mais de seis países. Celso Antunes também ministra palestras em diversos países como Argentina, Uruguai, Peru, México, entre outros." (DIRECIONAL ESCOLAS, 2021). Disponível em: <https://direcionalescolas.com.br/author/celso-antunes>. Acesso em: 22 set. 2021

porque como a própria dinamizadora destaca "é tudo muito dinâmico". A atividade de trabalho pressupõe o encontro do trabalhador consigo mesmo e com o outro, segundo Schwartz (2000) não há como prever, a priori, o que vai acontecer no encontro entre seres humanos. Talvez se considerarmos os seres humanos como ativos, os "planos de aula " de anos anteriores não encontraram espaço para a repetição porque, repetimos, "é tudo muito dinâmico", "a história é dinâmica". Ao reafirmar que a atividade de trabalho é vida e história, não podemos reduzi-la à inércia. Os cursos de formação continuada de professores subsidiam a atuação de professores, entretanto a prática, a vivência cotidiana, amplia o horizonte e evidencia a importância, bem como o comprometimento que o professor tem, frente à formação social de seus alunos.

Estudos variados buscaram evidenciar a especificidade da atividade de trabalho do professor, exatamente por não ser esta uma atividade mecânica. Segundo Pimenta (1997), "professorar não é uma atividade burocrática para a qual se adquire conhecimentos e habilidades técnico mecânicas." A autora se refere à natureza do trabalho docente, que juntamente com as questões de conteúdo, o exercício do professor é "ensinar como contribuição ao processo de humanização dos alunos historicamente situados." Pimenta nos remete à reflexão frente às mobilizações que a formação possibilita. Mobilizar os conhecimentos da teoria da educação e da didática para assim compreender a verdadeira função social que a atividade docente é capaz de exercer.

No que se refere aos saberes, Pimenta (2012) apresenta questões relacionadas aos saberes pedagógicos e à atividade docente, conceituando três tipos de saberes: os saberes da experiência - são aqueles que são provenientes do ato de ensinar, a partir da nossa prática; os saberes pedagógicos são aqueles relacionados à didática, aos conhecimentos das ciências educacionais; e os saberes específicos relacionados à disciplina que o professor leciona. A junção dos três saberes se adquire com o passar do tempo, atuando, experimentando, documentando a trajetória do professor. Pimenta (1997) menciona a importância da problematização como um dos pontos fundamentais para a articulação dos saberes por ela elencados:

Nas práticas docentes estão contidos elementos extremamente importantes, tais como a problematização, a intencionalidade para encontrar soluções, a experimentação metodológica, o enfrentamento de situações de ensino complexas, as tentativas mais radicais, mais ricas e mais sugestivas de uma didática inovadora, que ainda não está

configurada teoricamente. [...] Documentar, não apenas as práticas tomadas na sua concreticidade imediata, mas buscar a explicitação das teorias que se praticam, a reflexão sobre os encaminhamentos realizados em termos de resultados conseguidos (PIMENTA, 1997, p.11)

Para Pimenta (1997), o ato de ensinar está impregnado de ações não explícitas, mas que compõem o processo ensino-aprendizagem. Classificar os saberes possibilita analisar as etapas do processo. A autora evidencia a importância de cada etapa e analisar as narrativas das dinamizadoras a partir dos saberes docentes. Distinguir os saberes, assim como classifica-los, nos permite avaliar a nossa prática docente.

Pela trajetória das Dinamizadoras de Leitura Literária entrevistadas, podemos associar suas narrativas aos saberes docentes classificados por Pimenta (1997). No quadro abaixo, mediante a fala da Dinamizadora Liesel, podemos observar e distinguir os seus saberes docentes, tendo como referência os conceitos apresentados por Pimenta (Idem):

**Quadro 3: Saberes Docentes e as Narrativas – Dinamizadora Liesel**

<b>SABERES DOCENTES E NARRATIVAS PIMENTA, S. 1997</b>		
<b>DA EXPERIÊNCIA</b>	<b>PEDAGÓGICOS</b>	<b>ESPECÍFICOS</b>
<p>“A própria Equipe de Leitura, nessa questão da Formação Continuada, se você tem que saber qual é o seu público alvo, o que você faz para alcançar o seu público alvo, você tem que saber qual é a história que você acha que é melhor para aquele grupo, para aquela turma. Quando chega um livro na escola, não é só a questão de você carimbar e catalogar.”</p> <p>“E é interessante, porque como você viu, eu tenho o meu livro de poesias e já tive a oportunidade de colocar no espaço da Secretaria Estadual, espaço da entrada da FLIP, mas eu não queria ficar ali o tempo todo. Meu objetivo ali, era ficar naquele</p>	<p>“O livro não tinha essa coisa tão literária, era mais para o pedagógico. Mas eu vou te dizer, trabalhei numa comunidade em Costa Barros, que eu peguei essas crianças com quatro anos e eu montei um projeto da questão de higiene bucal. Eles ficavam o dia inteiro na escola. E aí o que que aconteceu, um dos livros que eu usei foi esse livro. E as suas ilustrações são lindíssimas. Teve todo um encaminhamento, que era a questão de ter as escovas, da escovação e isso foi todo um projeto.”</p> <p>“Você vai - que na Educação nada se cria, tudo se transforma, tudo se copia -</p>	<p>“Você faz a mediação e as crianças têm esse contato com esse material riquíssimo. Então esse trabalho é uma atividade importante para criança e para escola. No final das contas, isso vai, direta e indiretamente, isso vai aparecer no rendimento da criança com professor regente.”</p> <p>“A gente está tendo toda uma reflexão, todo um trabalho sobre a apreciação literária, sobre o que todo o trabalho tem que ter e a gente está tendo acesso às histórias, para poder montar esse projeto e como dinamizar</p>

<p>período que eu combinei, mas não estou ali só para vender o livro. O meu objetivo era aproveitar aquele mundo, aquele universo. Enquanto leitora, enquanto professora.”</p>	<p>“você vai adaptar aquilo. ‘Gostei dessa atividade aqui, mas não vou colocar o negócio do chapéu, não. Vou fazer isso aqui’, ‘Ah, não porque isso daqui vai dar confusão, porque aquela turma ali é muito cheia. Vou fazer outra coisa.’ Mas você pega aquela ideia central e você vai fazer a sua adaptação. Ter esse suporte é importante porque você nunca está no zero.”</p>	<p>isso com as crianças.”</p>
--	--	-------------------------------

Fonte: Dados da pesquisa, 2020

A Dinamizadora Liesel, há quinze anos como dinamizadora de leitura, intercala na sua fala os saberes docentes (PIMENTA, 1997) da experiência, ao narrar que “[...] você tem que saber qual é o seu público alvo [...] você tem que saber qual é a história que você acha que é melhor para aquele grupo, para aquela turma”. Em sua narrativa, Liesel demonstra conhecer, através da experiência, a importância de distinguir os grupos que atende e qual abordagem será mais efetiva. Assim como Pimenta (Idem), Nóvoa (1997, p.25) também afirma que o professor é uma pessoa e que sua história está indissociável da sua atuação profissional.

Analisando a narrativa da Dinamizadora Liesel, identificamos características relacionadas aos saberes pedagógicos retratados por Pimenta (1997) ao lançar mão de adaptações para executar as atividades literárias mais efetivas para o grupo, em termos de organização didática. “[...] Eu peguei essas crianças com quatro anos e eu montei um projeto da questão de higiene bucal. [...] um dos livros que eu usei foi esse livro”, ao narrar sobre a organização de um projeto, Liesel afirma utilizar seus saberes pedagógicos/didáticos. Pimenta (Idem) afirma que “muitos professores sabem a matéria, mas não sabem ensinar”. Liesel busca a melhor maneira para ensinar o conteúdo de higiene bucal. O modo que a Dinamizadora utilizará para alcançar seus objetivos está relacionado à didática aplicada em suas aulas, o modo ao qual conduzirá o conteúdo abordado.

Ao narrar “A gente está tendo toda uma reflexão, todo um trabalho sobre a apreciação literária, sobre o que todo o trabalho tem que ter e a gente está tendo acesso às histórias”, a Dinamizadora Liesel ilustra o que Pimenta (1997) diz sobre os

saberes específicos. Os saberes específicos estão relacionados ao conteúdo. Segundo Tardif (2002) os saberes específicos, em sua concepção, são chamados de saberes disciplinares, que são aqueles relacionados às áreas de conhecimento, sobre a matéria que vai ser ensinada.

Nessa perspectiva de valorização da experiência, a autonomia é um ponto fundamental na caminhada de professores e professoras engajados em sua atividade de trabalho, tendo como viés a transformação social. Freire (1996) se debruçou em elencar os saberes necessários à conquista dessa autonomia, tanto para os professores, quanto para os alunos. Dentre as contribuições de Paulo Freire, no que se refere aos saberes docentes, evidenciar a autonomia de professores e professoras ratificou a importância de uma atuação voltada para a responsabilidade individual. Assumir a responsabilidade para si, frente às questões políticas e sociais é possível quando o professor se compromete em trilhar esse caminho. A educação fundamentada na ética, respeito e na dignidade foi uma constante preocupação durante a sua vida como educador e político. Para o autor, são três os saberes essenciais para essa tomada de decisão/ação.

O primeiro saber citado por Freire (1999) é: “Não há docência sem discência” - se refere ao respeito que o professor deve ter perante o aluno: suas vivências, cultura, sua bagagem pessoal. No processo ensino-aprendizagem o movimento é cíclico - professores ensinando e aprendendo com os alunos e essa troca recíproca estão fundamentados nos resultados que se deseja alcançar. Ambos caminham na busca por respostas, com certo rigor metódico, porém, abertos ao aprendizado mútuo. Freire (1996) reforça essa ideia de processo transformador e que é possível aprender criticamente:

Faz parte das condições em que aprender criticamente é possível a pressuposição por parte dos educandos de que o educador já teve ou continua tendo experiência da produção de certos saberes e que estes não podem a eles, os educandos, ser simplesmente transferidos. Pelo contrário, nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. (FREIRE, 1996, p. 29)

A Dinamizadora Petra reconhece a sala de leitura como um espaço de troca, assim como citado por Freire:

Eu acho que o espaço de leitura, as salas de leitura, elas devem ser locais de encontro, locais de produção de conhecimento, de troca e aí de diferentes formas de leitura. Então, é a leitura literária, é a leitura de uma obra de arte, de diferentes portadores do texto, eu acho que sala de leitura elas devem ela na verdade é um local de encontro, é um espaço de abertura. A leitura tem um poder de cura, então quando a gente fala em espaço de troca, de espaço de aprendizagem, a gente também está falando nessa questão. É um espaço de você interagir, de você levar conforto, de alento através da literatura. Uma coisa que eu acho muito legal, quando a gente pega um livro, um livro é uma viagem. (DINAMIZADORA PETRA)

Ao narrar que o “[...] espaço de leitura, as salas de leitura, elas devem ser locais de encontro, locais de produção de conhecimento, de troca e aí de diferentes formas de leitura”, a Dinamizadora Petra observa a importância da troca em seu trabalho. Não está explícita a troca a qual ela se refere. Entretanto, assumir que a leitura literária proporciona esses momentos, ratifica a fala de Paulo Freire referente ao reconhecimento que o professor deve ter no tocante à sua função mediadora.

**Figura 4: Aula de Sala de Leitura**



Fonte: Acervo CDLL/SME, 2019

O segundo saber ao qual Freire se refere é: “Ensinar não é transferir conhecimento”. Saber este que se refere a quebra de paradigma que o professor, a professora detém o conhecimento e que deve depositar o conteúdo na mente dos alunos. Vale pensar que o ser humano está sempre em construção, é um ser inacabado (FREIRE, 1996, p. 55). Freire cita: "Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas consciente do inacabamento, sei que posso ir além dele." Em consonância com o pensamento de Freire (1996, p. 59), a Dinamizadora Petra reforça a ideia de inacabamento:

Estou o tempo todo fazendo formação continuada. Primeiro porque eu acho que isso deve fazer parte da nossa vida, da nossa carreira, não só como pessoa, mas como profissional. O professor tem que estar sempre aprendendo, sempre ressignificando a sua prática. Eu nem sei se posso dizer qual foi o último. No momento, estou fazendo um curso de Escrita Criativa e estou adorando, estou amando. Outros também que a própria rede fornece. (DINAMIZADORA PETRA)

Assim como a Dinamizadora Liesel relatou a respeito do não esgotamento da busca pelo conhecimento:

Eu estou naquele momento: eu só sei que nada sei. Porque você acha que sabe, mas no final das contas, você não sabe. Você acha que sabe. É um eterno aprendizado. Saber que o conhecimento é infinito. Por mais que você estude, você vai ter sempre coisas para você aprender. A Formação Continuada é estudo, é aprimoramento, é agregar conhecimento. E isso, você não vai fazer uma coisa sobre Sônia Rosa e depois, nunca mais, vai ler sobre Sônia Rosa. Você nunca mais vai ver uma live sobre Sônia Rosa. Você nunca mais vai ler um livro sobre Sônia Rosa. Nada! “Não, porque agora eu sei tudo sobre Sônia Rosa.” Não! E tudo isso é um ciclo. Você vai aprimorando e os conhecimentos que você tinha vão se misturando com os novos e você vai tendo outras percepções que você não tinha com o conhecimento anterior. (DINAMIZADORA LIESEL)

Para a Dinamizadora Liesel, “[...] eu só sei que nada sei. Porque você acha que sabe, mas no final das contas, você não sabe. Você acha que sabe. É um eterno aprendizado”, diz respeito à curiosidade que o professor necessita ter. A inquietude o faz buscar a contínua aprendizagem e é fundamental que o professor esteja aberto à aprendizagem, que seja um eterno questionador. Freire (1996) enfatiza que não há aprendizagem, nem ensino, não havendo a curiosidade: “Como professor devo saber

que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino.”

**Figura 5: Apresentação de Atividade de Sala de Leitura**



Fonte: Acervo CDLL/SME, 2019

E, ainda para Freire (1996, p. 115), o terceiro saber: “Ensinar é uma especificidade humana” que evidencia o comprometimento e a segurança são aspectos relacionados à competência. Ter a consciência que ensinar é um compromisso assumido e que exige respeito aos alunos. Freire refletiu sobre a importância que a educação representa para intervir no mundo. A intencionalidade se apresenta nesse saber com o objetivo de mostrar ao professor que a sua tomada de posição é crucial para o resultado do seu trabalho e da sua dedicação. Segundo Freire, o professor não pode assumir uma postura neutra:

Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não ser neutra, a minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. Exige de mim que escolha entre isto e aquilo. Não posso ser professor a favor de quem quer que seja e a favor de não importa o quê. (FREIRE, 1996, p. 115)

Ciente do seu compromisso com a Educação, o Dinamizador de Leitura Literária, antes de ser um funcionário público, necessita ter consciência do seu papel

como cidadão atuante na sociedade. Desse modo, os saberes docentes, mesmo com abordagens diferentes, segundo a concepção de Pimenta (1997), perpassando nas ideias de Nóvoa (1997), assim como Shulman (1987) e Tardif (2002) ao classificarem os saberes e suas variações, c na transformação dos conhecimentos adquiridos ao longo da formação e atuação profissional.

**Figura 6: Atividade de Contação de história Caminhão Leia Caxias**



Fonte: Acervo CDLL/SME, 2018

## 4 FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES

Inteligência não é possuir todas as ferramentas.  
Inteligência é possuir poucas (para andar leve), e  
saber onde encontrar as que não se têm, na  
eventualidade de se precisar delas.  
Sabedoria não é ter. É saber onde encontrar  
Rubem Alves

Atualmente, a formação continuada de professores tem sido evidenciada em decorrência das demandas tecnológicas, em especial, pela necessidade dos professores se adequarem ao ensino híbrido<sup>13</sup>. A crise sanitária proveniente do Coronavírus trouxe uma nova realidade à prática docente, cabendo aos professores a busca por meios de se conectarem aos alunos. Esta nova demanda, em muitas situações, é uma mudança impactante para muitos professores: a tecnologia como ponte na relação aluno-professor. Além da barreira ainda enfrentada pelos professores, no que se refere ao aparato tecnológico, alunos sem acesso à tecnologia, conseqüentemente excluídos e sem acesso à informação um contraponto ao compararmos com os alunos da rede privada de ensino.

Pensar em formação continuada de professores é pensar que, por mais cursos, diplomas que tenhamos, devemos ter a compreensão que “ensinar exige consciência do inacabamento”, (FREIRE, 1996, p. 55). Sobretudo, compreender que nunca estaremos devidamente prontos, completos e uma das condições fundamentais ao exercício de nossa atividade, segundo Freire (1996) é aceitarmos mudanças e nos adaptarmos a elas. A busca pela contínua formação parece ser uma demanda atual. Entretanto, a partir da década de 1980, as propostas tiveram repercussão internacional, sobre a influência de países da Europa e América, norteados pela preocupação em melhorar a qualidade da educação (GATTI, 2019, p. 259).

De acordo com o Artigo publicado na Revista Brasileira de Pesquisa sobre a Formação Docente, intitulado “Um passo importante no desenvolvimento profissional dos professores: o ano de indução”:

O conhecimento que se detêm sobre a realidade da formação de professores, por trabalharem nesta área há vários anos, permite-lhes

---

<sup>13</sup> Híbrido, em Canclini (2003) são os “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 2003, pp. XIX). O termo híbrido se aplica à educação, por se tratar de uma articulação entre o presencial e virtual, tendo a internet como ponto central neste processo.

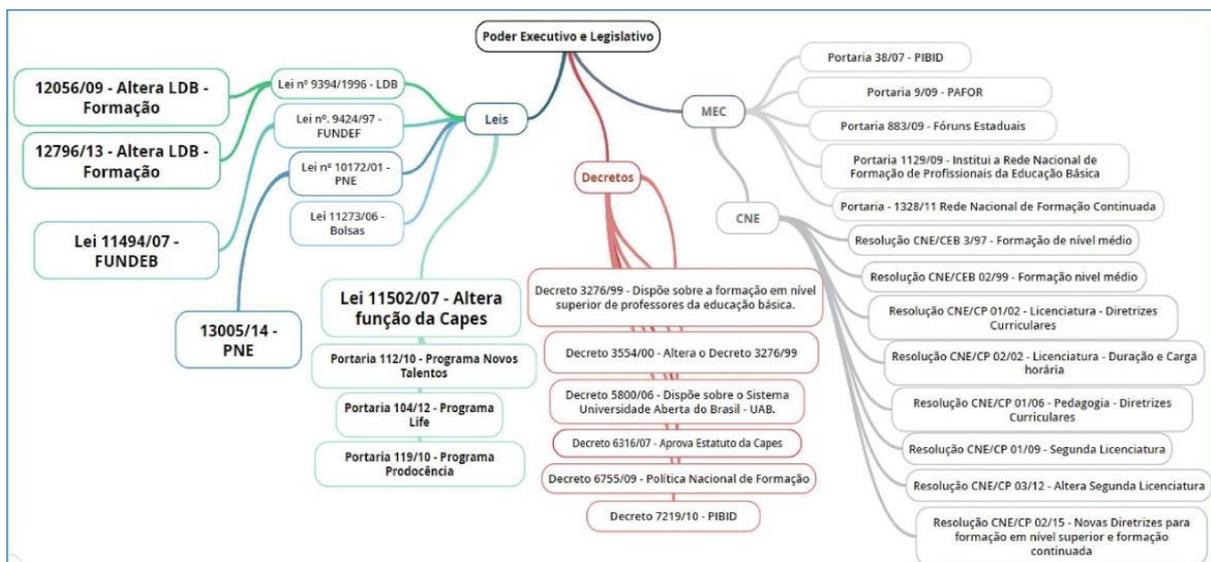
reconhecer as dificuldades sentidas pelos professores no confronto com a realidade nos primeiros anos de vida do seu exercício profissional e a importância do que se tem vindo a designar por período de indução, por vezes até confundido com período probatório. (ALARCÃO e ROLDÃO, 2014, p.110).

A narrativa acima vem reforçar as dificuldades pelas quais passam os professores em seu cotidiano, muitas vezes influenciadas pelos processos sociais e evolutivos aos quais os sistemas de ensino, por vezes, estão mergulhados e subjugados aos revezes sociais e do cotidiano. Buscar a origem dessas dificuldades pode ser um caminho possível para iniciar algumas transformações ou adequações na história da Educação.

#### 4.1 Políticas Públicas Educacionais e a Formação do Professor

Tendo como mote central a formação continuada, a partir de políticas públicas voltadas para a formação do professor, buscamos encaminhar a trajetória pública e suas iniciativas para incentivar professores e professoras na busca por melhores condições de trabalho. Para melhor ilustrar esse percurso político, iremos observar o mapa com os referenciais legais que sustentaram e ainda sustentam a formação de professores:

**Figura 7: Mapa Referenciais Legais Formação de Professores**



Fonte: OLIVEIRA, Hosana Larissa Guimarães; LEIRO, Augusto César Rios. Políticas de formação de professores no Brasil: referenciais legais em foco (2019, p. 4)

Ao analisarmos o mapa acima, através dos marcos nele expostos, observamos as conquistas, regulamentações, atos legais que, na prática, apresentam lacunas ou que não saíram do papel, sobretudo estabelecidos pela lei em relação à formação de professores, especialmente.

Dentre os impasses, no que concernem à formação de professores, está o fato de uma parcela deles não acompanhar as mudanças educativas e reforçarem o ensino tradicional até os dias de hoje (MALANCHE, DUARTE, 2018, p. 16). No combate à manutenção de padrões reprodutivos de uma realidade que reforça as desigualdades, políticas públicas voltadas para a formação e emancipação do professor, da professora, batem urgentemente à nossa porta. Segundo Adorno (1996, p. 338), “reformas pedagógicas isoladas, indispensáveis, não trazem contribuições substanciais” exatamente pela “onipresença do espírito alienado”. Temos a falsa ideia de que o acúmulo de informações, de conteúdo nos potencializa para a mudança. Entretanto, o que potencializamos, em muitos momentos teleguiados pela cultura, é a semiformação, nos distanciando da efetiva mudança.

Podemos, ao menos, imaginar que a crise institucional que se traduz na qualidade do ensino, a partir do profissional de educação, deva estar diretamente atrelada à função social que a escola desempenha, considerando a gama de entraves onde instituição e os profissionais estejam inseridos. Tempos atrás, a transmissão do conhecimento – como ainda era vista a função docente - foi pensada de forma que a escola não era para todos e sim, inacessível para pessoas mais pobres. Este fator busca recorrências antes das revoluções burguesas (Francesa em 1789 e Purita e Gloriosa na Inglaterra do século XVII).

Numa sociedade capitalista, a educação formal está associada à divisão social do trabalho e potencialização dos valores ideológicos das classes mais abastadas, bem como à manutenção dos que detém o poder. Juntamente com a escola moderna, surgem as fábricas, com a Revolução Industrial. A substituição do artesanal para a produção fabril gera espaço para a instituição escolar pública. (MENDONÇA, 2011, p. 343). Segundo Mendonça (2011), a função do professor das classes baixas, neste modelo escolar, era a transmissão e reprodução de conhecimentos necessários para aqueles que iriam desempenhar atividades profissionais em locais regidos pelo capital.

Pensar em políticas públicas educacionais nos remete ao seu conceito como ponto de partida para desdobrá-la. Segundo Azevedo (2003), este conceito sucede ao conceito de política pública que “é tudo o que um governo faz e deixa de fazer, com todos os impactos de suas ações e de suas omissões” (apud OLIVEIRA, 2010, s/p). Partindo do conceito de políticas públicas, Oliveira (2010) compartilhou o conceito de políticas públicas educacionais:

[...] políticas públicas educacionais é tudo aquilo que um governo faz ou deixa de fazer em educação. Porém, educação é um conceito muito amplo para se tratar das políticas educacionais. Isso quer dizer que políticas educacionais é um foco mais específico do tratamento da educação, que em geral se aplica às questões escolares. Em outras palavras, pode-se dizer que políticas públicas educacionais dizem respeito à educação escolar. (OLIVEIRA, 2010, s/p)

Cabe aos governantes o direcionamento dessas políticas e é justamente nesse ponto que as questões são voltadas para interesses próprios. Ou porque as ações demoram para acontecer, ou porque são decisões tomadas sem a participação de todos. Se refere aos prédios – estrutura física, à comunidade pertencente à escola, à gestão escolar, à formação de professores. Compreendemos que a Formação de Professores, seja ela inicial ou contínua, requer significativa atenção, pois reconhecemos que seja através dela a proveniência de fatores relevantes para modificar padrões educacionais culturalmente estabelecidos. Conforme Garcia (1999), por meio da formação, os professores se apropriam de ferramentas efetivas para reverter o quadro educacional atual:

A Formação de Professores é área de conhecimentos, investigação e de propostas teóricas e práticas que, no âmbito da Didática e da Organização Escolar, estuda os processos através dos quais professores - em formação ou em exercício - se implicam individualmente ou em equipe, em experiências de aprendizagem através das quais adquirem ou melhoram os seus conhecimentos, competências e disposições, e que lhes permite intervir profissionalmente no desenvolvimento do seu ensino, do currículo e da escola, com o objetivo de melhorar a qualidade da educação que os alunos recebem. (GARCIA, 1999, p. 26)

Houve a necessidade de mudanças sociais e a escola seria o elemento primordial e fundamental nos processos de formação de novos modos de ser e viver das pessoas. Os indivíduos abdicariam de seus valores particulares, dos ensinamentos

voltados para a cultura popular e experimentariam uma nova maneira ampla e unificada de ensino. Tornava-se oficial o modelo educacional, considerado o único e válido, com propósitos de adquirir as condições mínimas voltadas para o mercado de trabalho. Também neste período, surge uma nova classe social, o Proletariado<sup>14</sup> e a denominação trabalhista operário, cujos saberes eram diretamente proporcionados pelo modelo educacional apropriado (MENDONÇA, 2011, p. 345).

Com o passar do tempo, foi necessário reformular a educação, voltando-a para “capacitação de recursos humanos” nos níveis político, governamental, econômico e educativo. Tais ações foram desenvolvidas estrategicamente com foco na disseminação ideológica. Havia uma concepção de que, para se formar, o professor precisaria observar um professor mais experiente (SCHEIBE, 2008, p.41). Até a década de 1980, atividades voltadas para melhoria da qualidade da educação foram desenvolvidas com foco na alfabetização, para formação de mão de obra qualificada. As palavras de ordem eram “capacitação, reciclagem e treinamento”. Segundo Frigotto (2001), citado por Bazzo (2004, p. 270), a LDB 9394/96 foi criada com o propósito da democracia, de uma escola para todos:

É no contexto das lutas travadas pelas forças comprometidas com uma democracia e cidadania efetivas, nos debates da constituinte e na formulação do novo projeto da Lei de diretrizes e Bases da Educação (LDB), que o campo educativo capitaliza as propostas alternativas, gestadas na sociedade ao longo dos anos 70 e 80, em torno do ideário de uma escola pública, gratuita, unitária, laica e universal e da institucionalização da gestão democrática. (FRIGOTTO, 2001, p. 59)

Ao contrário da LDB 4024/61, que foi instituída sem debates, sendo imposta aos brasileiros, a lei 9394/96 buscou oferecer um maior acesso à educação, tendo como pano de fundo a democracia. Mesmo que esta ideia tenha figurado apenas no papel. Os professores discutiram, efetivamente, um avanço considerável para época. Com abertura na Câmara dos Deputados, o projeto “tramitou por quase quatro anos,

---

<sup>14</sup> A palavra proletariado é mais antiga do que parece. Remete à Roma Antiga, onde designava os cidadãos pobres, sem propriedades, cuja função para o Império Romano era gerar prole para abastecer o exército, ou seja, seu uso era negativo e pejorativo. <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/proletariado.htm>. Acesso em: 09 abr. 2021

trocando de relator e recebendo muitas mudanças por meio de emendas” (BAZZO, 2004, p. 270).

Com a exigência de ensino superior, surge o termo “universitarização”, isto é “o movimento de absorção das instituições de formação de professores pelas estruturas habituais das universidades” (MAUES, 2003, p. 99). A “universitarização” seria uma maneira de elaboração mais complexa de formação, com vistas à profissionalização. Seria uma elevação da formação para o nível superior para a obtenção de maior domínio no exercício da função.

O arcabouço legal de políticas públicas no Brasil, voltadas para a educação, tem início na Constituição de 1988, quando iniciou as discussões acerca de investimentos para a área educacional. Antecedendo o Plano Nacional de Educação teve a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases, grande marco democrático da época.

A partir da aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394/96, em especial o artigo 62, que versa sobre a obrigatoriedade de nível superior para professores que atuam na educação infantil e séries iniciais do ensino Fundamental, ressurgem os institutos superiores de educação com o propósito de formar e especializar esses professores, validando o Normal Superior. O ano de 2007 foi o prazo estipulado para que professores e professoras conseguissem cumprir o estabelecido por lei: formação em nível superior. Atualmente, os institutos superiores de educação, especificamente no que se refere ao Normal Superior, não são mais citados na LDB.

A formação docente no Brasil consiste em um processo complexo e isso tende a se acentuar se considerarmos que vivemos num país de grande diversidade cultural, política e econômica. No que concerne à formação continuada de professores, é possível afirmar que o interesse pelo assunto ganhou atenção e ênfase nos últimos anos (GATTI; BARRETO, 2019, p. 295). No entanto, a formação continuada, que à primeira vista, possuía como propósitos a atualização e o aprofundamento de conhecimentos dos professores, em determinados momentos, se propõe a suprir lacunas apresentadas em sua formação inicial. A escola de base, enquanto instituição social e de ensino, oferece uma formação pouco integrada com o local onde o profissional-professor vai atuar.

Para garantir o cumprimento da LDB, a Lei 9424/96, referente ao Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério, o FUNDEF, foi aprovada.

Segundo o portal do MEC (2021), o FUNDEF foi criado para garantir uma melhor divisão dos recursos entre estados e municípios:

O FUNDEF foi instituído pela Emenda Constitucional n.º 14, de setembro de 1996, e regulamentado pela Lei n.º 9.424, de 24 de dezembro do mesmo ano, e pelo Decreto n.º 2.264, de junho de 1997. O FUNDEF foi implantado, nacionalmente, em 1º de janeiro de 1998, quando passou a vigorar a nova sistemática de redistribuição dos recursos destinados ao Ensino Fundamental. (MEC, 2021)

A previsão era de 60% para remuneração dos professores, bem como contribuir para a formação dos professores leigos<sup>15</sup> e os 40% restantes seriam destinados à manutenção e desenvolvimento do ensino. O FUNDEF vigorou de 1997 a 2006 e foi substituído pelo Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério, o FUNDEB. O FUNDEB vigorou de 1997 até 2020 e foi renovado em 2021 com novas propostas de investimentos para a educação e houve um aumento de 10% para o recurso destinado ao professor da Educação Básica, de 60% para 70%.

O Plano Nacional de Educação - PNE - aprovado pela Lei 10.172, foi instituído em 2001, se refere à elaboração e apresentação de um plano para educação com o intuito de concretizar as propostas explícitas na Constituinte de 1988. O Plano Nacional de Educação foi elaborado em 1996, pela sociedade civil, juntamente com os sindicatos e trabalhadores da educação tendo o apoio de senadores e deputados que eram contra o governo, naquela época. O plano teve como meta vigorar de 2001 a 2010. No que concerne à formação de professores, o PNE atrela a melhora da educação à valorização do professor.

Grandes marcos legais nacionais se desdobram em ações estaduais e municipais, no âmbito educacional. Em Duque de Caxias, o Plano Municipal de

---

<sup>15</sup> Segundo a LDB 9394/96, são considerados professores leigos: professores que tenham apenas o Ensino Fundamental, completo ou incompleto; que lecionem para turmas de 1º ao 5º ano e não possuam o Ensino Médio, modalidade normal (antigo Magistério); que lecionem para turmas de 6º ao 9º ano sem que tenham concluído o Ensino Superior, em cursos de licenciatura em área específica. (MEC, 2021) Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/prof.pdf>

Educação<sup>16</sup> traçou metas para serem alcançadas no decênio 2015 a 2025. As discussões referentes ao PME foram iniciadas em 2009, tendo como referência o PNE decênio 2001/2010. Após paralisadas as discussões, em fevereiro de 2014 houve a integralização do plano com metas a serem seguidas pelo município (RODRIGUES, 2015, p. 2). Na construção do PME no item 16.4, destinado à formação e valorização dos profissionais de educação, formação continuada e em serviço, a primeira diretriz explicita um dos objetivos do plano:

Políticas públicas de formação dos profissionais da educação que assegurem o seu desenvolvimento, contribuindo, assim, para o comprometimento com a melhoria da qualidade de ensino, com vistas ainda ao avanço científico e tecnológico (PME, 2015, p.146)

Ao analisarmos o PME de Duque de Caxias, observamos a intenção de mudanças efetivas no que diz respeito às políticas públicas voltadas para Educação, e especificamente, para a formação inicial e continuada de professores do município. Documentos referendam esta preocupação com a educação de qualidade, porém as ações ainda não são condizentes com o planejado, possivelmente por não haver revisitação ao PME, documento este datado do ano 2004. Atualmente, a SME tem se debruçado nas questões referentes à Reestruturação Curricular<sup>17</sup>, ou seja, “trata-se do aprimoramento e da validação de um texto elaborado com base nas concepções de currículo adotadas pelos profissionais da Educação no Município.” (SME, 2021)

#### **4.2 Entre a Formação Inicial e a Formação Continuada**

A análise de políticas públicas educacionais nos remete a diferenciação da formação inicial para a formação continuada. Por meio da pesquisa, observamos que a prática associada às experiências vividas no trabalho pode contribuir para um melhor desempenho da função docente (PIMENTA, 1997, p.11). Distinguir essas duas etapas corrobora para um direcionamento mais assertivo nas ações voltadas para cada etapa profissional.

Um dos quesitos para traçar o perfil dos Dinamizadores de Leitura foi o tempo de concursado na rede municipal de Duque de Caxias. Não necessariamente tempo do magistério. Entretanto, este quesito se justifica pelas vivências dos sujeitos da

---

<sup>16</sup> Para acessar o Plano Municipal de Educação de Duque de Caxias integralmente: <https://bit.ly/3nJghtml>

<sup>17</sup> O documento referente à Reestruturação Curricular se encontra disponível no link: <https://bit.ly/3yFvPUKf>

pesquisa. Mesmo que tenhamos nos adaptado às restrições impostas pela crise sanitária, buscamos respeitar as informações trazidas pelas Dinamizadoras que aceitaram colaborar com a pesquisa:

#### Quadro 4: Levantamento de tempo de serviço na rede municipal de ensino

Nome	Tempo na rede municipal de ensino de Duque de Caxias	Tempo como Dinamizadora de Leitura Literária
Petra	13 anos	09 anos
Emília	16 anos	09 anos
Liesel	21 anos	15 anos
Lygia	26 anos	20 anos
Rapunzel	27 anos	07 anos

Fonte: Dados da pesquisa, 2020

O quadro acima apresenta o tempo de exercício profissional como concursada da rede municipal de Duque de Caxias e o tempo de atuação como Dinamizadora de Leitura Literária. Ordenamos os nomes respeitando a coluna “Tempo de serviço na rede municipal de Duque de Caxias”. O tempo de serviço da Dinamizadora Petra, 13 anos, é quase o dobro do tempo de serviço da Dinamizadora Lygia, de 27 anos na profissão. Porém, não há como categorizar suas ações, junto aos alunos, junto ao exercício da profissão. Segundo Huberman (2000), pelo viés da carreira, a trajetória profissional de professores possui ciclos, denominando as fases de “Ciclo de Vida dos Professores”:

Em primeiro lugar, permite comparar pessoas no exercício de diferentes profissões. Depois, é mais focalizado, mais restrito que o estudo da "vida" de uma série de indivíduos. Por outro lado, e isso é importante, comporta uma abordagem a um tempo psicológico e sociológico. Trata-se, com efeito, de estudar o percurso de uma pessoa numa organização (ou numa série de organizações) e bem assim de compreender como as características dessa pessoa exercem influência sobre a organização e são, ao mesmo tempo, influenciadas por ela (HUBERMAN, 2000, p. 38 tradução nossa).

Para Huberman (2000), não existe um padrão de características que sirva de parâmetro visando ao agrupamento de profissionais e seus ciclos, em virtude dos meios sociais aos quais estão inseridos. O autor traçou características como marco

de cada fase vivida pelos professores. Aproximando as narrativas dos sujeitos da pesquisa, ou seja, das Dinamizadoras de Leitura, observamos algumas dessas características, tendo como referência as contribuições de Huberman (Idem) na narrativa da Dinamizadora Petra:

“Uma coisa que eu achei muito legal, foi que eu aprendi recentemente, é o uso das ferramentas digitais incorporadas, porque até nesse momento, eu acho que a pandemia nos ajudou nesse sentido.”

DINAMIZADORA PETRA

Também presente na narrativa da Dinamizadora Lygia:

“E assim, foi uma coisa que abriu o horizonte para mim. Eu passei a ser, realmente, contadora de história. A contar sem o livro.”

DINAMIZADORA LYGIA

**Figura 8: Atividade Piquenique Literário**



A partir das narrativas das Dinamizadoras, não temos como atribuir a elas conceitos prontos, nos referindo a quem tem mais ou menos tempo de profissão. Quando a Dinamizadora Petra (2020), que tem 13 anos na rede municipal de ensino de Duque de Caxias, faz referência à sua aprendizagem, ela classifica como “Uma coisa muito legal, [...] é o uso das ferramentas digitais”. Assim como a Dinamizadora Lygia (2020), com 27 anos de rede municipal de ensino Duque de Caxias, que narrou sua experiência em um curso de formação: “E assim, foi uma coisa que abriu o horizonte para mim. Eu passei a ser, realmente, uma contadora de história”. Não tem como definir quem tem mais tempo atuando, partindo das narrativas das Dinamizadoras.

Huberman (2000), através de observação e análise, estabeleceu fases vivenciadas pelo professor para categorizar características afins, conforme o tempo de serviço. São eles: a entrada na carreira - de 0 a 3 anos; a fase de estabilização - 4 a 6 anos; fase de diversificação - 7 a 25 anos; fase de distanciamento afetivo/serenidade (conservantismo/lamentações - 26 a 35 anos; e a fase do desinvestimento, que se ramifica em: o desinvestimento sereno, relacionado aos momentos satisfatórios, vinculados aos projetos pessoais, após a atuação docente e o desinvestimento amargo, que está marcado por acontecimentos não muito agradáveis durante a carreira profissional (BRAGANÇA, 2004, p. 74 apud ALVARENGA; TAUCHEN, 2018, p. 29).

Para Huberman (2000, p. 37), os acontecimentos “atravessam não só as carreiras de indivíduos diferentes, dentro da mesma profissão, como também as carreiras de pessoas no exercício de profissões diferentes”. O ciclo de vida dos professores acontece em um misto de fatos históricos, idade, relações pessoais para se tornar o indivíduo professor que se torna no final de sua carreira profissional.

Transpondo a classificação de Huberman (2000) para o tempo de serviço dos sujeitos da pesquisa, relacionamos o tempo de atuação na rede municipal de Ensino de Duque de Caxias com o enquadramento classificado por Huberman (2000). Apresentamos juntamente com as narrativas das dinamizadoras como elas concebem a formação continuada de professores:

**Quadro 5: Definição de Formação Continuada pelos sujeitos do estudo**

<b>COMO VOCÊ CONCEBE A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES?</b> <b>“Ciclo de Vida Profissional de Professores”</b> <b>(Huberman, 2000, p. 37)</b>			
Petra	13 anos	Diversificação (7-25 anos)	Você não pode estar inerte, esperando as coisas acontecerem, vendo a sociedade mudar. É tudo muito dinâmico. Quando a gente fala que quer ser agente, mudar a história, a história é dinâmica. É impossível você pensar que você não precisa, que você não tem que estar o tempo todo numa formação.
Emília	16 anos	Diversificação (7-25 anos)	Ela é necessária. Porque não adianta você ter títulos, mas se você não der vida a eles. Por isso, que é continuada. Você não para nessa que você está fazendo. Você tem que continuar, porque a vida é um ciclo.
Lygia	21 anos	Diversificação (7-25 anos)	Eu acho fundamental também. Como que você vai dar se você está vazio? Então você tem que estar sempre se reciclando, sempre se atualizando.
Liesel	26 anos	Distância Afetiva/Seriedade (26-35 anos)	Eu penso que é tudo aquilo que a gente possa agregar, que possa aumentar o nosso conhecimento a respeito de algo. No caso, a Literatura. Tem coisas que você até tem uma documentação. Você fez o curso disso, você tem um certificado. Mas nem sempre as coisas tem uma documentação, tem um registro daquilo que você fez.
Rapunzel	27 anos	Distância Afetiva/Seriedade (26-35 anos)	É de extrema importância, até porque nós temos uma vida e a pandemia veio mostrando isso. Como, de repente, a vida muda, as coisas mudam e quanta coisa a gente precisa se adaptar, melhorar, aprender, no dia a dia.

Fonte: Dados da pesquisa, 2020

Huberman (2000, p. 39), a partir de estudos empíricos, definiu a *entrada na carreira*, correspondente aos 3 primeiros anos de profissão como um “estágio de sobrevivência e de descoberta”. Nessa fase, também acontecem as oscilações entre proximidade e distância entre colegas e alunos. Há também uma sensação de prazer por “ter a sua sala de aula, seus alunos, seu programa”. Já a *fase de estabilização*, correspondente dos 4 a 6 anos de profissão, há a sensação de “competência pedagógica crescente” (HUBERMAN, 2000, p. 40). Nessa fase, professores falam mais de “libertação” e “emancipação”, estando nessa fase uma oportunidade grandiosa de mudança de paradigmas sociais. A próxima fase, de 7 a 25 anos, fase esta de *diversificação*, fase de maior concentração dos sujeitos entrevistados. Ao conceber a Formação Continuada de Professores, as Dinamizadoras Petra, Emília e Liesel concordaram ser necessária, mas não definiram o que seja Formação Continuada. A Dinamizadora Petra narra que “Você não pode estar inerte, esperando

as coisas acontecerem, vendo a sociedade mudar. Quando a gente fala que quer ser agente, mudar a história”. Já a Dinamizadora Emília, diz respeito à necessidade de movimentar-se na profissão ao falar que “[...] não adianta você ter títulos, mas se você não der vida a eles”. E a Dinamizadora Lygia fala sobre si mesma, sobre se abastecer para se doar ao aluno, ao dizer “Como que você vai dar se você está vazio?”. As narrativas corroboram com as impressões de Huberman (Idem, p. 41) ao afirmar que a fase de diversificação está relacionada aos mais motivados, mais dinâmicos, “os mais empenhados em suas equipes pedagógicas”. Nessa fase, o professor busca se arriscar mais.

Dando prosseguimento às definições de Huberman (2000), as Dinamizadoras Lygia e Rapunzel, ambas situadas na fase de *distanciamento afetivo/serenidade*, que compreende o período de 26 a 35 anos, apresentam em suas narrativas características condizentes com esta fase. Na narrativa da Dinamizadora Lygia, “[...] você fez o curso disso, você tem um certificado. Mas, nem sempre as coisas têm documentação” está presente a “falta de ambição” (HUBERMAN, 2000, p. 42) em acumular títulos, por exemplo. A satisfaz o valor agregado dos cursos que fez. Bem como para a Dinamizadora Rapunzel, ao falar que “[...] de repente, a vida muda, as coisas mudam e quanta coisa a gente precisa se adaptar, melhorar, aprender, no dia a dia”. Observamos nesta narrativa uma certa tranquilidade, frente às mudanças, algo característico da serenidade citada por Huberman (2000, p. 44). Ainda na mesma fase, voltada para os professores de 50-60 anos, está a fase do conservantismo/lamentações, que diz respeito aos professores que lamentam sobre as diversas questões cotidianas da profissão: dos alunos, da atitude de professores mais novos, da política educacional.

Além das fases supracitadas, o *desinvestimento* (HUBERMAN, 2000, p. 46) que está relacionado com o desejo de “calmaria” diante de uma carreira de investimentos pessoais e profissionais, “um recuo face às ambições e aos ideais presentes à partida”. O desinvestimento não está relacionado diretamente ao descomprometimento com a carreira de lutas, de sucesso docente. Mesmo não havendo comprovação científica, apenas estudos empíricos, não é possível confirmar se o fim de carreira deveria ser uma passagem de missão aos mais novos.

### 4.3 Formação Continuada de Dinamizadores de Leitura Literária

Atualmente, as formações da CDLL estão sob a responsabilidade do CPFPPF que é Centro de Pesquisa e Formação Continuada Paulo Freire. O CPFPPF foi criado em 2014, no governo de Alexandre Cardoso (2012-2016), através do Secretário Municipal de Educação Marcos Villaça Nunes. No atual governo de Washington Reis, tendo como Secretária Municipal de Educação Roseli Duarte e com diretora do CPFPPF, Glacione Ribeiro da Silva, além de 15 membros que são professores da rede municipal de ensino e 2 funcionários contratados.

Com o objetivo de oferecer “[...] atividades diversificadas de capacitação, atualização e formação inicial e continuada com o propósito de contribuir para a qualidade de Educação em Duque de Caxias” (CPFPPF, 2021), o centro também é o departamento responsável por autorizar, orientar e acompanhar as pesquisas de campo na rede municipal de Educação de Duque de Caxias. A Coordenadoria Dinamizadora de Leitura Literária, juntamente com o Centro de Pesquisa e Formação Continuada Paulo Freire elaboram as atividades de formação especificamente para os dinamizadores de leitura literária. A Coordenadoria Dinamizadora de Leitura Literária tem a professora Valéria Angelo dos Santos como coordenadora da equipe, além de 5 funcionárias concursadas, 1 funcionária permutada (Prefeitura do Rio de Janeiro) e uma funcionária contratada.

A proposta pedagógica<sup>18</sup> da Rede Municipal de Educação de Duque de Caxias, datada do ano de 2004, no capítulo 12, Volume 2, apresenta em sua seção encaminhamentos voltados para Políticas Públicas para Formação de Professores:

A perspectiva de formação docente desenvolvida no município parte do entendimento da prática profissional como espaço específico de reflexão, criação e reelaboração de conhecimentos. Para tanto, torna-se imprescindível a proposição de condições pessoais, institucionais e sócio-políticas, sem as quais configura-se apenas uma falácia sobre política de valorização da referida formação. (CPFPPF, 2004, p. 145)

A trajetória da Formação Continuada, especificamente, oferecida aos professores dinamizadores de leitura literária da rede municipal de ensino, em Duque

---

<sup>18</sup> Proposta Pedagógica da Rede Municipal de Educação de Duque de Caxias na íntegra disponível em: <https://bit.ly/2QTNxlZ>

de Caxias comporta marcos significativos, tendo como um dos mais relevantes a origem da Equipe de Leitura, em 1992, sucedendo um curso de formação ofertado pela Universidade Federal Fluminense. Tendo como um dos pressupostos para a formação continuada dos dinamizadores de leitura literária, Bezerra (2010) enfatiza a importância do professor-leitor. A leitura é condição inerente ao professor que deseja despertar no aluno o prazer pela leitura:

A leitura como meio de ensino, implica o reconhecimento de que, independentemente da área de conhecimento específico de cada professor, a aprendizagem dos diversos conteúdos implica necessariamente o trabalho com a leitura e a compreensão de textos. Nesse sentido, todo professor deve, primeiro, constituir-se a si próprio como leitor proficiente, sob pena de não dispor das condições minimamente necessárias ao ensino de seu objeto de conhecimento. (BEZERRA, 2010, p. 67)

A Normatização do Dinamizador de Leitura Literária (2019) destaca que para ser um Dinamizador de Leitura, o professor precisa ter perfil e se identificar com o trabalho que irá desenvolver:

Pertencer ao quadro de efetivos da Rede Municipal de Educação de Duque de Caxias; ser Professor Docente II; reunir conhecimentos acerca da Literatura Infantil e Infantojuvenil brasileira e estrangeira; relacionar-se de forma satisfatória com todos os funcionários, servidores e comunidade escolar; ser proativo, ter espírito de liderança e organização do trabalho. (NORMATIZAÇÃO-DINAMIZADOR DE LEITURA LITERÁRIA/SME, 2019, p. 2)

O professor, ao se apropriar da leitura, tem a missão de compartilhar, de maneira prazerosa, aquilo que selecionou para o aluno. Não podemos oferecer o que não temos. A leitura literária tem o poder de levar encantamento ao ato de ensinar e despertar o prazer pela literatura. Um grande passo é perceber esse compromisso:

A Formação Continuada, no final das contas, esse conjunto de situações que a gente está aprimorando o nosso conhecimento, ela mostra pra gente o quanto que a gente precisa aprender. Porque não é só a criança que aprende. A gente tem que aprender para ensinar. Se a proposta é você mediar a leitura e você transformar; a proposta é você mostrar para ela tem que ser uma criança leitora, que há prazer nisso. Você tem que, de certa forma, mostrar para ele isso. Isso implica que você também seja leitor. (DINAMIZADORA LIESEL)

Liesel, ao narrar que “A Formação Continuada, [...] mostra pra gente o quanto que a gente precisa aprender” corrobora com a ideia de Fusari (1998) sobre a necessidade de não cessar o aprendizado docente:

[...] apontam para a necessidade de se avançar e criar um novo paradigma, no qual a formação do educador se efetive num continuum, processo em que a formação inicial, a formação contínua, a prática profissional, os saberes da profissão e a carreira profissional sejam elementos articulados entre si (FUSARI, 1998, p. 538)

A Formação dos Dinamizadores de Leitura Literária surgiu a partir da necessidade de oferecer as mesmas oportunidades para todas as escolas da rede municipal de ensino, visto que, pelo quantitativo de professores com variadas metodologias poderiam trocar, colaborando um com o trabalho do outro (SME, 2017). Poucos são os registros documentais referentes ao início dos encontros formativos propostos aos Dinamizadores, na Coordenadoria Dinamizadora de Leitura Literária. Acredita-se que, com a mudança de prédio, no ano de 2005, tais registros tenham se perdido.

No ano de 1998, professores que estavam em sala de aula, próximos de se aposentarem, ou até mesmo aqueles que queriam sair de sala de aula e aqueles que também estavam dispostos a se dedicarem à atividade que pudessem intensificar a promoção da leitura, demonstraram interesse em atuar como dinamizadores de leitura. Nessa época, espaços destinados exclusivamente à sala de leitura eram muito raros nas unidades escolares, assim como o acervo que era quase inexistente.

Pensando nessa realidade e desejosos que a leitura fizesse parte do universo dos alunos da rede municipal de ensino, a Equipe de Leitura utilizava o acervo dos próprios implementadores, assim denominados os funcionários lotados na sede da SME e que atuando desenvolvendo atividades, diretrizes para o trabalho de Dinamização de Leitura Literária. Este acervo proveniente dos implementadores passou a ser utilizado nas oficinas de formação para os Dinamizadores de Leitura que atuavam nas unidades escolares, bem como a reprodução do material.

As formações organizadas pela Equipe de Leitura (SME, 2000) acontecem desde 1998 e oportunizam a troca entre os participantes, refletindo no trabalho desenvolvido nas unidades escolares:

Como já tivemos muito aqui em Caxias que é o Projeto da Sala de Leitura e aí existem as oficinas, as formações, ao longo do ano, a gente tem as formações para dar subsídios, para dar um esclarecimento, para ter uma troca de experiências. E é interessante, porque às vezes, como Caxias tem sempre autor homenageado, às vezes não é um autor que você conheça tanto. E aí você dá esse mergulho para você poder também ter esse referencial para passar para as crianças. As formações que sempre foram dadas pela Equipe de Leitura, aqui em Caxias, elas sempre deram esse suporte. (DINAMIZADORA LIESEL)

Assim como para a Dinamizadora Rapunzel:

Para melhorar o meu dia a dia. Para o meu aprendizado. Para que eu possa inserir uma coisa nova nas minhas aulas, que melhore, que chame mais atenção. Que seja algo que dê um “tcham”. Que diga assim: “Nossa!” O que que trouxe de novidade, o que melhorou. Tem que ter qualidade. Para a qualidade do nosso trabalho. Para melhorar e ajudar nesse desenvolvimento.

Na fala da Dinamizadora Liesel, “[...] em Caxias que é o Projeto da Sala de Leitura e aí existem as oficinas, as formações, ao longo do ano, a gente tem as formações para dar subsídios, para dar um esclarecimento, para ter uma troca de experiências [...]” observamos a relevância das formações, não somente pelo acúmulo de conhecimento, mas considerando o olhar que se amplia à sua efetiva prática docente. Segundo Sacristán (1992, p. 74), “o professor não é um técnico nem um improvisador, mas sim um profissional que pode utilizar o seu conhecimento e a sua experiência para se desenvolver em contextos pedagógicos práticos preexistentes”. A intenção da formação, assim como a responsabilidade com a atividade exercida tornam o Dinamizador seu próprio condutor, frente aos desafios da educação pública. Liesel complementa ao narrar que “[...] você dá esse mergulho para você poder também ter esse referencial para passar para as crianças”.

Ao falar sobre as formações oferecidas pela CDLL, a Dinamizadora Rapunzel narra que “Para melhorar o meu dia a dia. Para o meu aprendizado. Para que eu possa inserir uma coisa nova nas minhas aulas, que melhore, que chame mais atenção”. Sacristán (1992, p. 76) evidencia que a “mudança pedagógica e o aperfeiçoamento dos professores devem ser entendidos no quadro de desenvolvimento pessoal e profissional”. Rapunzel ao avaliar a contribuição da formação em serviço, tem como distinguir o que se aplicará ao seu grupo de alunos.

Cabe ressaltar que as formações, conforme constam registradas (CDLL, 2017; 2018; 2019) apresentam atividades que possibilitam a leitura da realidade, sem a imposição de atividades, possibilidade adequações ao grupo, aos assuntos abordados, tendo como fio condutor autores homenageados, previamente sugeridos pelos dinamizadores.

Anteriormente à restrição de eventos com número excessivo de pessoas, as formações aconteciam na sede da Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias, com a participação da equipe da CDLL em quatro momentos (bimestralmente), em dois turnos, com a presença dos dinamizadores de leitura pertencentes aos 4 distritos. Com o objetivo de romper com o paradigma da mera decodificação de signos.

Para Paulino (2011) entrelaçar as vivências aos projetos fornecem embasamento ao aprendizado:

No âmbito escolar, em que as atividades de leitura fazem parte de um projeto de ensino, de uma pedagogia, a leitura mostra-se como uma técnica e uma prática que não podem se esgotar na decodificação dos signos escritos ou nos limites impostos pela frase. A partir do momento em que o leitor e a leitura são vistos como elementos integrantes da produção de sentido, o circuito texto/leitor deixa de ser pensado como uma direção de mão única, em que as significações saltariam do texto e o leitor permaneceria preso irremediavelmente às malhas das letras. (PAULINO, 2011, p. 28)

A Coordenadoria Dinamizadora de Leitura Literária apresenta anualmente um projeto piloto que contribui para a construção do projeto de cada unidade escolar, respeitando a realidade e o contexto de inserção dos alunos da rede municipal de ensino. Como questão central do projeto, autores são sugeridos pelos dinamizadores, na última formação de cada ano. Os 3 autores mais votados, serão homenageados no ano letivo subsequente. Para o ano de 2020, (CDLL, 2020) o Projeto Literário teve como homenageadas as autoras: Roseana Murray, Sônia Rosa e Tatiana Belinky, escritoras estas que abordam temas de suma importância ao cotidiano infantil de maneira literária e encantadora.

**Figura 9: Contação de história Formação Dinamizadores de Leitura Literária**



Fonte: Arquivos CDLL/SME, 2019

Tem sido desafiadora a ação formadora em virtude da pandemia do Coronavírus. Nos deparamos com mudanças significativas e a primordial foi permitir a nossa própria mudança. A formação continuada está exatamente atrelada ao estar aberto à aprendizagem. Aprender é ter a certeza de que se pode mudar. Bakhtin (2011) nos apresenta o que significa mudar:

O sujeito da compreensão não pode excluir a possibilidade de mudança e até de renúncia aos seus pontos de vista e posições já prontos. No ato de compreensão desenvolve-se uma luta cujo resultado é a mudança mútua e o enriquecimento (BAKHTIN, 2011, p. 378).

O Dinamizador de Leitura Literária se permite a mudança, a partir do momento em que se permite aprender. A formação proporciona o contato com a mudança, mesmo que ela não aconteça efetivamente por não ser uma prescrição. E Bakhtin (2011) direciona a mudança ao “sujeito da compreensão”, esse sujeito que deseja aprender.

A formação dos Dinamizadores de Leitura Literária, a partir dos documentos acessados na Coordenadoria Dinamizadora de Leitura Literária, na SME (2017) registram ações de fomento à leitura e preocupação com a construção coletiva no que se refere às aulas dinamizadas pelos professores que atuam com a leitura literária nas unidades escolares de Duque de Caxias.

## 5 CONCLUSÃO

A construção de um registro científico, a partir de hipóteses levantadas, articulando diálogos com o referencial teórico, objetiva encontrar respostas ou parte delas. Sobretudo, compreendemos que não há uma conclusão definitiva e uma única resposta para a questão aqui levantada: quais as implicações da formação continuada na atividade de trabalho dos professores dinamizadores de leitura literária?

A análise dos dados ocorreu a partir das narrativas das Dinamizadoras de Leitura Literária e lançar mão de suas narrativas, articulando-as com o referencial teórico nos ofereceu pistas fundamentais na busca por respostas. Segundo Lüdke e André (1986, p. 45), pesquisadores não devem se preocupar em buscar evidências que comprovem hipóteses definidas previamente. Para as autoras, analisar os dados qualitativos significa “trabalhar” todo o material obtido durante a pesquisa:

A tarefa de análise implica, num primeiro momento, a organização de todo o material, dividindo-o em partes e procurando identificar nele tendências e padrões relevantes. Num segundo momento essas tendências e padrões são reavaliados, buscando-se relações e interferências num nível de abstração mais elevado. (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 45)

Ao analisarmos quais implicações da formação continuada na atividade de trabalho dos professores dinamizadores de leitura literária, observamos que existem aspectos legais da formação continuada, prescritos na Normatização do Dinamizador de Leitura Literária (SME) e por mais que se estabeleçam parâmetros, não há como garantir a formação continuada linear de todos os professores. A experiência de cada profissional, pressupomos que também seja um aspecto fundamental para compreender os desdobramentos da formação continuada em sua prática educativa.

Partindo para o referencial teórico, em especial de Schwartz (2000; 2002; 2003; 2004; 2010; 2011) no que se refere à atividade de trabalho; Shulman (1987) e os conhecimentos necessários à prática docente; Pimenta (1997), através dos saberes docentes; e Huberman (2000), classificando o ciclo de vida profissional dos professores, foi possível perceber que não há um formato que possa conduzir à resposta. Ao se debruçarem nos saberes docentes evidenciaram fatores necessários para que o professor se aproprie do que aprende, juntamente com a sua prática diária.

Por este motivo, os autores embasaram a análise das narrativas compartilhadas pelas Dinamizadoras de Leitura Literária. Assim como os autores citados, Pimenta (1997, p. 19) trouxe como contribuição a organização dos saberes que norteiam a atividade de trabalho do professor:

Do confronto entre as teorias e as práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias. Constrói-se, também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida o ser professor. (PIMENTA, 1997, p. 19)

Os saberes da experiência, os saberes pedagógicos e os saberes específicos relacionados à disciplina que o professor leciona, são elementos importantes que, na atividade de trabalho, se apresentam como possibilidade para enfrentar as situações complexas vividas entre professor e aluno. Assim como, compreender que a relação idade/tempo de serviço exerce influência na atividade de trabalho dos professores estejam eles enquadrados, conforme a sua faixa etária e a sua atitude dentro e fora da escola.

Não bastam os cursos, as formações, para que haja uma efetiva mudança educacional. Este é apenas um dos caminhos para que efetivas mudanças ocorram. Observamos que a formação docente não oferece o suporte suficiente para que o professor obtenha ferramentas para exercer, com segurança, o seu trabalho em sala de aula, especificamente no caso da presente pesquisa, na sala de leitura. No ambiente humano e cultural da escola, circulam valores próprios de cada sujeito e do coletivo de trabalho que agregam valor à prática do professor, sem que consigamos mensurar, concretamente, os saberes incorporados à atividade de trabalho desses profissionais. Por mais que cursos sejam oferecidos pela Secretaria Municipal de Educação, cabe ao dinamizador a adesão ou não à proposta.

As formações desempenham um papel fundamental para a qualificação de professores e professoras. Sobretudo, como afirma Vygotsky (2003, p. 76), o papel desempenhado pelo professor “é o do organizador do meio social educativo, o regulador e controlador de suas interações com o educando”, refletindo assim, a

articulação de conteúdos experimentados nas formações e a prática, ou não, deles nas relações com o meio, com os alunos, com seus pares.

Mediante as narrativas compartilhadas pelas Dinamizadoras de Leitura, cursos de formação continuada de professores proporcionam meios para que os professores possam potencializar o que já desenvolvem. Ou seja, não há uma mudança direta e a curto prazo, mas há um aprimoramento da prática, juntamente com a troca cotidiana entre as dinamizadoras e alunos, as dinamizadoras e a equipe diretiva, assim como os professores de sala de aula e funcionários. Tamanho investimento nos professores, nas dinamizadoras visam à formação social dos alunos, muito além da formação intelectual.

A pesquisa nos forneceu uma prévia para que nossas indagações fossem parcialmente respondidas, visto que a proposta da formação continuada está relacionada às mudanças ou aprimoramento da prática de sala de leitura. Todavia, ao considerarmos o fator humano na atividade de trabalho, se faz necessário considerarmos a imprevisibilidade, bem como a influência dos aspectos externos que podem interferir na rotina da sala de aula.

No intuito de verificarmos como acontece a busca por cursos de formação continuada e em consequência da conclusão de tais cursos, os reflexos em sala de aula, elaboramos um roteiro de entrevista com perguntas abertas que foram nos conduzindo aos possíveis caminhos aos analisar as respostas. Além da formação oferecida pela Secretaria Municipal de Educação, formação esta estabelecida em documentos oficiais, as dinamizadoras optam por cursos que possam enriquecer a sua prática nas salas de leitura e que tenham como temática principal a literatura infantil.

Com o objetivo de prosseguir com a presente pesquisa, surge a seguinte questão norteadora: quais caminhos devem ser percorridos para que se considere consolidada a aprendizagem de professores, tendo como base os cursos de formação continuada?

Saberes ressignificados e recontextualizados foram observados nas narrativas das dinamizadoras de leitura, a partir dos desdobramentos narrados no que se refere à atividade de trabalho, especificamente conforme o interesse da Dinamizadora em adaptar as atividades apresentadas nas formações, em seu ambiente de trabalho,

especificamente nas aulas de leitura literária. Por fim, observamos, através das narrativas, que os cursos não apenas contribuem profissionalmente para as dinamizadoras, como também há aplicabilidade para suas vidas. Como contribuição à pesquisa, Imbernón (2006, p. 7) define que :

[...] a profissão docente deve abandonar a concepção dominante no século XIX de mera transmissão do conhecimento acadêmico, de onde de fato provém, e que se tornou inteiramente obsoleta para a educação dos futuros cidadãos em uma sociedade democrática: plural, participativa, solidária, integradora. (IMBERNÓN, 2006, p. 7)

Partindo de Imbernón (Idem), a formação continuada de professores e professoras deve se voltar, primeiramente, para as questões sociais. Mensurar o que foi aprendido em cursos contradiz o princípio libertador da Educação. É preciso revisitar os porquês da nossa formação e compreender que não há algo que ateste o aprendizado global, sem que seja através das relações que estabelecemos com o conteúdo apresentado nas formações de sala de leitura oferecidas pela Secretaria Municipal de Educação, através da Coordenadoria Dinamizadora de Leitura Literária.

**Figura 10: Formação Bimestral Dinamizadores de Leitura Literária**



Fonte: Acervo CDLL/SME, 2019

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. **Teoria da Semicultura**. In: Educação e Sociedade. Tradução: Newton Ramos-de-Oliveira, Bruno Pucci e Cláudia B. M. de Abreu. "Educação e Sociedade" n. 56, ano XVII, dezembro de 1996, pág. 388-411. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/adorno/ano/mes/teoria.htm>. Acesso em: 03 jun. 2021.

ALARCÃO, I.; ROLDÃO, M. DO C. Um passo importante no desenvolvimento profissional dos professores: o ano de indução. **Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, v. 6, n. 11, p. 109-126, 31 dez. 2014.

ALVARENGA, B. T; TAUCHEN, G. **Percepções e compreensões sobre o ciclo de vida profissional e o desinvestimento da carreira docente**. In: Revista Conhecimento On-line. Jul/2018. Disponível em: <https://bit.ly/2PPQgMS>. Acesso em: 21 abr. 2021

ALVES, F. C. **O encontro com a realidade docente - ser professor principiante**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 2001.

ALVES, Rubem. **Por uma educação romântica**. São Paulo: Papyrus, 2002.

ALVES, Wanderson Ferreira. **A invisibilidade do trabalho real: o trabalho docente e as contribuições da ergonomia da atividade**. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, v. 23, e230089, 2018. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782018000100274&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782018000100274&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 14 fev. 2021.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo de Afonso. **Políticas de apoio aos docentes em estados e municípios brasileiros: dilemas na formação de professores**. Educar em Revista, Curitiba, n. 50, p. 35-49, dez. 2013

ANTUNES, C. **Professores e Professauros: Reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas diversas**. Petrópolis: Vozes, 2007.

ANVISA. **AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA**. Resolução da Diretoria Colegiada- RDC Nº 238, de 25 de julho de 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/3iZoOXv>> Acesso em: 15 de jun. 2021.

ARANA, A, R, A. KLEBIS, A, B, S, O. **A Importância Do Incentivo À Leitura Para O Processo De Formação Do Aluno**. São Paulo. 2015.

AZEVEDO, S. de. **Políticas públicas: discutindo modelos e alguns problemas de implementação**. In: SANTOS JÚNIOR, O. A. Dos (et al). Políticas públicas e gestão local: programa interdisciplinar de capacitação de conselheiros municipais. Rio de Janeiro: FASE, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. Mikhailovich. **Reformulação do livro sobre Dostoiévski**. In: BAKHTIN, Mikhail. Mikhailovich. Estética da criação verbal. 6 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011, p.337-357.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos Pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BARTHES, R. **O prazer do texto**. Tradução de J. Guinsburg. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BASSO, Itacy Salgado. Significado e sentido do trabalho docente. **Cafajeste. CEDES**, Campinas, v. 19, n. 44, pág. 19-32, abril de 1998. Disponível em: <https://bit.ly/3b6ddTh>. Acesso em 14 de março de 2021.

BAZZO, Vera Lúcia. Os institutos superiores de educação ontem e hoje. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 23, pág. 267-283, junho de 2004. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602004000100016&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602004000100016&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 01 de maio de 2021.

BENJAMIN, Walter. “O narrador” *in*: **Magia e técnica, arte e política**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994 (Obras Escolhidas, 1).

\_\_\_\_\_. “A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica” *In*: **Magia e técnica, arte e política** .7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994 (Obras Escolhidas, 1).

BRASIL. Constituição (1988). **Emenda constitucional** nº 59, de 11 de novembro de 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3emSXii>. Acesso em: 04 nov. 2020

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: pequenos grandes segredos da narrativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. (2013). **A arte de contar histórias no século XXI: Tradição e ciberespaço**. Petrópolis: Vozes

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2003

CERVO, A. L. BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

CRUZ, J. R.; LIMA, D. da C. P. **Trajetória da educação a distância no Brasil: políticas, programas e ações nos últimos 40 anos**. *Jornal de Políticas Educacionais*, vol. 13. 2019.

DUQUE DE CAXIAS, Lei Municipal N.º 1.070, de 19 de setembro de 1991. **Institui o Plano de Carreira dos Profissionais de Educação do Município e dá outras providências**. Duque de Caxias, 1991. Disponível em: <https://bit.ly/3ntwYL6>. Acesso em: 18 ago. 2021

FERREIRA, M.O. **O PNAIC e a Leitura Literária: a prática educativa na formação docente**. UNIGRANRIO. Rio de Janeiro, 2019.

FLORES, M.A. **A indução no ensino: desafios e constrangimentos**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 2000.

FRANÇA, F.R.; MENDES, D.; TOMÉ, R. **Caminhão Leia Caxias**: Sua importância na prática da leitura. Períodos PUC/RS, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3vK7dr8>. Acesso em: 10 mar.2021

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

\_\_\_\_\_. **Política e educação: ensaios**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Org. e notas de Ana Maria Araújo Freire).

FUSARI, J. C. **Formação contínua de professores: o papel do Estado**, da universidade e do sindicato. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 9., 1998, Águas de Lindóia. Conferências, mesas-redondas e simpósios. Petrópolis: Vozes, 1998.

FUTURO, Débora Omena. **Fundamentos da Homeopatia**. Universidade Aberta do SUS – FIOCRUZ, 2013. Disponível em: <https://ares.unasus.gov.br/acervo/>. Acesso em: 15 de jul. 2021.

GARCÍA, M. C. **Formação de professores: para uma mudança educativa**. Porto: Porto Editora, 1999.

GATTI, B. A. **Formação inicial de professores para a educação básica: pesquisas e políticas educacionais**. Estudos em Avaliação Educacional, São Paulo, v. 25, n. 57, p. 24-54, jan./abr. 2014.

\_\_\_\_\_, B. A. ; BARRETTO, E. S. A.; ANDRE, M. E.; ALMEIDA, P. C. A. **Professores do Brasil: novos cenários de formação**. [S.l: s.n.], 2019.

GROSSI, Gabriel Pillar. **Leitura e sustentabilidade**. Nova Escola, São Paulo, SP, nº 18, abr. 2008.

HELLER, Agnes. **Cotidiano e história**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

HUBERMAN, M. **O ciclo de vida profissional dos professores**. In: NÓVOA, A. (Org.). Vidas de professores. 2. ed. Porto: Porto, 2000. p.31-61.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidade e Estados – Duque de Caxias**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rj/duque-de-caxias.html>. Acesso em: 2 jan. 2021.

INEP – INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS. **Censo Escolar**. Disponível em <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-escolar/pesquisa-revela-aumento-de-escolaridade-dos-docentes>. Acesso em: 11 set. 2021.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa**. 3ª edição. São Paulo: Editora Atlas, 1986.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 35-85.

MAHONEY, A Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho. **A dimensão afetiva e o processo ensino-aprendizagem**. In: MAHONEY, A.; ALMEIDA, L. Afetividade e aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. São Paulo: Loyola, 2007. p. 15-24.

MALANCHE, J; DUARTE R. Políticas públicas para a Formação de Professores no Brasil: **formação ou conformação ao ideário do capital?** Revista: Momento: diálogos em educação, E-ISSN 2316-3100, v. 27, n. 2, p. 15-34, 2018. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/download/8068/5339>. Acesso em: 19 de abr.2021

MATAVELE, Hilária Joaquim; ROLDAO, Maria do Céu; COSTA, Nilza. **Construção da profissionalidade docente na formação inicial de professores do ensino básico em Moçambique**: perspectivas de formadores de professores. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro , v. 24, e240036, 2019 . Available from <https://bit.ly/3Cs9BHa>

TARDIF, Maurice, RAYMOND, Danielle. **Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério**. In: Educação & Sociedade, ano XXI, no 73, p. 209-244, Dezembro/00.

MELLO, G. N. **Transposição Didática, Interdisciplinaridade e Contextualização**. 2012. Disponível em: Acesso em: 3 mar. 2021

MENDES, T. **Amor como em casa: o lugar da família (e) dos afetos na Literatura Infantil contemporânea**. Revista Aprender, [S. l.], n. 33, p. 35–40, 2013. Disponível em: <http://aprender.esep.pt/index.php/aprender/article/view/88>. Acesso em: 5 abr. 2021.

MENDONÇA, S. G. L. **A crise de sentidos e significados na escola**: a contribuição do olhar sociológico. Cad. Cedes, Campinas, vol. 31, n. 85, p. 341-357, set.-dez. 2011.

MICHAELIS **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/> Acesso em: 22 jun. 2021.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro** / Edgar Morin ; tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya ; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 2. ed. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

NEITZEL, A. de A.; BRIDON, J.; WEISS, C. S.; **Mediações em leitura: encontros na sala de aula**. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S2176-6681/379014641>. Acesso em: 17 mai. 2021.

OLIVEIRA, A. F. **Políticas públicas educacionais: conceito e contextualização numa perspectiva**. Disponível em: <https://bit.ly/3aZyjCN>. Acesso em: 20 abr. 2021.

OLIVEIRA, H. L.; LEIRO, A.C.R. **Políticas de formação de professores no Brasil**: referenciais legais em foco. Pro-Posições, Campinas , v. 30, e20170086, 2019 . Available from <https://bit.ly/3vWF68z>. Acesso em: on 02 mai 2021. Epub Apr 18, 2019. <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2017-0086>.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico** 4. ed. São Paulo: Scipione, 2002.

PATRINI, Maria de Lourdes. **A renovação do conto: emergência de uma prática oral**. São Paulo: Cortez, 2005.

PIMENTA, S. G. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012. In: FORMAÇÃO DE PROFESSORES - SABERES DA DOCÊNCIA E IDENTIDADE DO PROFESSOR Selma Garrido PIMENTA1 Nuances- Vol. III- Setembro de 1997. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rfe/article/view/33579>. Acesso: 25 abr. 2021.

POMBO, Olga.1994. **O meio é a mensagem**. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/341379255\\_O\\_MEIO\\_E\\_A\\_MENSAGEM](https://www.researchgate.net/publication/341379255_O_MEIO_E_A_MENSAGEM). Acesso: 23 set. 2021

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. Projeto História, São Paulo, 1997. Disponível em: [moodle.ufsc.br/](http://moodle.ufsc.br/). Acesso em: 29 abr. 2021.

PORTELLI, Alessandro. **Um trabalho de relação: observações sobre a história oral**. Revista Trilhas da História. Três Lagoas, v.7, nº13 jul-dez, 2017. p.182-195. Disponível em: <https://bit.ly/3eXivSa>. Acesso em: 11 marc. 2021

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **O livro é passaporte, é bilhete de partida**. In: PRADO, J. e CONDINI, P. (Org.). A formação do leitor: pontos de vista. Rio de Janeiro: Argus, 1999.

RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante** – cinco lições sobre a emancipação intelectual. Tradução Lílian do Valle. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. – (Coleção: Educação: Experiência e Sentido, 1). Título original: La Maître Ignorant.

RANHA, A. V. S.; DANIEL, I. B. S. A dialética dos saberes produzidos e mobilizados no trabalho: a atividade do trabalho como princípio educativo. **Educação & Formação**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 33–55, 2017. DOI: 10.25053/edufor.v2i5.1977. Disponível em: <https://bit.ly/2RnCCRs> . Acesso em: 21 abr. 2021.

RANKE, M.C; MAGALHÃES, H. G. D. **Breves considerações sobre fruição literária na escola**. Entreletras. Nº 3 – 2011, pg. 47-61.

Rev. bras. Estud. pedagog. (online), Brasília, v. 97, n. 246, p. 305-322, maio/ago. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbeped/v97n246/2176-6681-rbeped-97-246-00305.pdf>. Acesso em: abr. 2021.

RODRIGUES, G. F. **Educação em Tempo Integral no Plano Municipal de Duque de Caxias**. In: Educere, 2015. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/20706\\_8940.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/20706_8940.pdf). Acesso em: 18 abr. 2021

ROLDÃO, M. C. **Função docente – natureza e construção do conhecimento profissional**. Revista Brasileira de Educação, v.12, n. 34, p. 94-103, jan-abril 2007.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos**. São Paulo: Atlas, 2002

SCHEIBE, Leda. **Formação de professores no Brasil** – A herança histórica. Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 2, n. 2-3, p. 41-53, jan./dez. 2008. Disponível em: <http://www.esforce.org.br/>. Acesso em: 29 de abr. 2021.

SCHWARTZ, Y. **Trabalho e uso de si**. Pro-Posições, Campinas, SP, v. 11, n. 2, p. 34–50, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3vK6o1y>. Acesso em: 3 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. **Disciplina Epistêmica, Disciplina Ergológica: paideia e politeia**. Pro-Posições (Unicamp), Campinas, v.13, n.1, jan.-abr. 2002, p.126-149.

\_\_\_\_\_; DUC, Marcelle; DURRIVE, Louis (2010) Trabalho e Ergologia. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Org.). **Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana**. 2. ed. Niterói: EdUFF, p. 25-36.

\_\_\_\_\_. **Conceituando o trabalho, o visível e o invisível**. Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, v. 9, supl.1, p. 19-45, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/HTF7DtBVhZfgVZXqhkPX4Mx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 jan. 2021

\_\_\_\_\_. **Qual sujeito para qual experiência?** Tempus – Actas de Saúde Coletiva, v. 5, n. 1, p. Pág. 55-67, 1 abr. 2011. Disponível em: <https://www.tempusactas.unb.br/index.php/tempus/article/view/916>. Acesso em: 02 de jun. 2021.

\_\_\_\_\_. Entrevista. **Trabalho, Educação e Saúde**, Volume: 4, Número: 2, p. 457-466. Publicado: 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1981-77462006000200015>. Acesso em: 02 jun. 2021.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, **Proposta Pedagógica**. Duque de Caxias, RJ, v 2, 2004.

\_\_\_\_\_. **Plano Municipal de Educação**. 2014. Duque de Caxias. Disponível em: [www.smeduquedecaxias.rj.gov.br/portal](http://www.smeduquedecaxias.rj.gov.br/portal). Acesso em: 29 nov.2020

SILVA, Flávia Gonçalves da. **O professor e a educação: entre o prazer, o sofrimento e o adoecimento**. 2007. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação) – Programa Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

SILVA, J. L. C. **Percepções conceituais sobre mediação da informação**. InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 93-108, 2015. DOI: 10.11606/issn.2178-2075.v6i1p93-108. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/89731>. Acesso em: 7 jan. 2021.

SME – Secretaria Municipal de Educação. Disponível em: <https://smeduquedecaxias.rj.gov.br/smeportal/>. Acesso em: 18 dez. 2020.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002. PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. Para ensinar e aprender Geografia. São Paulo: Cortez, 2007.

TASSONI, E. C. M.; LEITE, S. A. DA S. **Afetividade no processo de ensino-aprendizagem: as contribuições da teoria walloniana**. Educação, v. 36, n. 2, p. 262-271, 27 jun. 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3h3yMYD> Acesso em: 02 abr.2021

TELLES, Lygia Fagundes. **Ciranda de pedra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

VALLE, L. **A escola imaginária**. Rio de Janeiro/RJ: DP&A Editora, 1997.

VITAT. **Homeopatia**: Entenda o que é e como funciona essa terapia alternativa. Disponível em: <https://vitat.com.br/homeopatia/>. Acesso em: 20 set. 2021.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

WALLON, Henri. **As origens do caráter na criança**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1995.

ZUSAK, M. **A menina que roubava livros**; tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Intrínseca.

## APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA



### ROTEIRO PARA ENTREVISTA

#### “Formação Continuada de Professores: Implicações na Atividade de Trabalho dos Dinamizadores de Leitura Literária”

##### 1. Identificação

- Nome:
- Idade:
- Escola em que atua:
- Ano de Escolaridade em que atua:
- Formação Acadêmica:
- Área de atuação:
- Há quanto tempo é professor (a) da rede municipal de ensino?
- Tempo de Atuação como Dinamizador (a) de Leitura Literária?

##### 2. Formação Continuada

- Como você concebe a atividade de trabalho dos Professores Dinamizadores de Leitura Literária?
- Qual foi o último curso de formação continuada que participou?
- Qual o tempo de duração?
- Qual a carga horária do curso?
- Como concebe Formação Continuada de Professores?
- Quais critérios adotados por você na seleção de cursos de formação continuada?
- Como Dinamizador (a) de Leitura Literária, quais critérios que você adota na seleção de cursos da formação continuada?
- Quais as contribuições dos cursos de formação continuada na sua atividade de trabalho?
- Em sua opinião, a partir dos cursos de formação continuada, quais saberes foram incorporados em sua atividade de trabalho?

## APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(De acordo com as normas da Resolução nº 466, do Conselho Nacional de Saúde de 12/12/2012)

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa “Formação Continuada de Professores: Implicações na Atividade de Trabalho dos Dinamizadores de Leitura Literária”.

Você foi selecionado por se enquadrar nos critérios estabelecidos na pesquisa, tais como: a) atuar no ensino fundamental dos anos iniciais na rede municipal de Duque de Caxias; b) ter formação superior; c) ser estatutário; d) estar atuando em sala de aula como Dinamizadoras de Leitura Literária; e) ter disponibilidade para participar da pesquisa e sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição Unigranrio.

Os objetivos deste estudo são a) Analisar as implicações da formação continuada na atividade de trabalho de professores dinamizadores de leitura literária; b) Investigar as contribuições da formação continuada na atividade de trabalho de professores dinamizadores de leitura literária; c) Conhecer os critérios adotados na identificação dos cursos de formação continuada para professores dinamizadores de leitura literária e, d) Identificar saberes ressignificados e recontextualizados na atividade de trabalho dos professores dinamizadores de leitura literária.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em fornecer informações referentes à formação continuada de professores e sua possível contribuição para uma efetiva mudança na atividade de trabalho docente.

A pesquisa não oferece risco à saúde física e que seu estudo apresenta risco mínimo envolvendo a dimensão intelectual, social e cultural do ser humano, pois emprega um método de análise da expressão oral do pensamento, no entanto, tem-se a preocupação de prever procedimentos que assegurem a confidencialidade e a privacidade das informações pessoais, a proteção da imagem e contra qualquer estigma, garantindo a não utilização das informações em prejuízo dos participantes, inclusive em termos de autoestima.

Os benefícios relacionados com a sua participação serão medidos através de desdobramentos tecidos nesta pesquisa, buscando compreender as concepções de formação continuada de professores, como ela acontece e de que forma pode contribuir para a melhoria do trabalho docente, agregando às informações contidas nas categorias conceituais, de modo que ultrapassem os elementos meramente descritivos.

As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre a participação do aluno. Ainda que os resultados da pesquisa sejam divulgados com a finalidade sociocultural, educacional e científica, os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação.

Uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com o senhor (a), podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento com a pesquisadora Fabiana Assis da Cruz, no e-mail [fabianaac@gmail.com](mailto:fabianaac@gmail.com) ou no telefone (21) 98835-7734, ou com a orientadora da pesquisa Dra Jurema Rosa Lopes Soares, no e-mail [jlopes@unigranrio.edu.br](mailto:jlopes@unigranrio.edu.br) ou no telefone (21) 98893-2314.

---

Pesquisador Responsável

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNIGRANRIO, localizado na Rua Prof. José de Souza Herdy, 1160 – CEP 25071-202 TELEFONE (21).2672-7733 – ENDEREÇO ELETRÔNICO: [cep@unigranrio.com.br](mailto:cep@unigranrio.com.br)

Rio de Janeiro, \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de 2019.

---

Participante da pesquisa

## APÊNDICE C – TERMO DE PROTEÇÃO DE RISCO E CONFIDENCIALIDADE

Comitê de Ética em Pesquisa



### TERMO DE PROTEÇÃO DE RISCO E CONFIDENCIALIDADE

Declaro que, ao ser facultado o acesso às informações sobre fichas, observações de dados pessoais de indivíduo oriundos de documentos relativos a prontuários, resultados de exames clínicos e laboratoriais e demais instrumentos de natureza documental, pertencentes aos arquivos da Secretaria Municipal de Educação, com a finalidade específica de coleta de informações para o desenvolvimento do protocolo de pesquisa intitulado **“Formação Continuada de Professores: Implicações na Atividade de Trabalho dos Dinamizadores de Leitura Literária”**, de autoria de Fabiana Assis da Cruz, do curso de Mestrado Acadêmico em Humanidades, Culturas e Artes, será preservada a privacidade e a confidencialidade de tais documentos e dos seus sujeitos.

Declaro, também, que o procedimento proposto na pesquisa assegura ao sujeito da pesquisa, proteção da sua imagem, impedindo o estigma e a utilização das informações em prejuízo de terceiros e da comunidade. Outrossim, todo o material será utilizado para os fins propostos no protocolo de pesquisa, preservando, ainda, a autoestima e o prestígio dos sujeitos da pesquisa.

Todo o referido é verdade.

Rio de Janeiro, 28 de Novembro de 2019.

Fabiana Assis da Cruz

(Assinatura do responsável pela pesquisa)

## APÊNDICE D – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS



### **TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS**

Eu \_\_\_\_\_, CPF \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, as pesquisadoras Fabiana Assis da Cruz e Jurema Rosa Lopes Soares, do projeto de pesquisa intitulado “**Formação Continuada de Professores: Implicações na Atividade de Trabalho dos Dinamizadores de Leitura Literária**” a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N° 3.298/1999, alterado pelo Decreto N° 5.296/2004).

Duque de Caxias, \_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

\_\_\_\_\_  
Pesquisador responsável pelo projeto

\_\_\_\_\_  
Participante da Pesquisa

## ANEXO B – AUTORIZAÇÃO PESQUISA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE DUQUE DE CAXIAS.



ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
 PREFEITURA MUNICIPAL DE DUQUE DE CAXIAS  
 SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO  
 SUBSECRETARIA DE ENSINO  
 CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO CONTINUADA PAULO FREIRE

Duque de Caxias, 28 de novembro de 2019

**Parecer nº: 42/19 – CPFPP/SME-DC**

**Requerente:** Fabiana Assis da Cruz

**Universidade ou agência associada:** Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO)

**Assunto:** Autorização de pesquisa

### DAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS

De acordo com as atribuições deste Centro de Pesquisa e tendo sido observada a documentação anexa, as autorizações em nossa Rede são concedidas na condição de que sejam respeitadas as normas de decoro e adequabilidade estabelecidas pela Coordenadoria.

### DA ANÁLISE

Após a análise do projeto de pesquisa intitulado “Formação Continuada de Professores: Implicações na Atividade de Trabalho dos Dinamizadores de Leitura Literária”, cujo objetivo geral é “analisar as implicações da formação continuada na atividade de trabalho dos professores dinamizadores de leitura literária”, constatou-se a necessidade da pesquisa de campo.

Ressalta-se que, para a realização de entrevistas, aplicação de questionários e/ou exercícios, uso de imagens ou quaisquer práticas outras relacionadas à pesquisa, deverão ser solicitadas autorizações de todos os envolvidos permitindo a utilização dos dados para fins acadêmicos e/ou científicos. No caso de menores, **solicita-se a inclusão de uma autorização de seu responsável.**

### DA CONCLUSÃO

Com base na avaliação criteriosa das informações apresentadas nos documentos, **AUTORIZA-SE** a realização da pesquisa. Vale ressaltar que as informações fornecidas ao pesquisador deverão ser arquivadas pelo tempo que determina a legislação e não poderão ser utilizadas em detrimento da Unidade Escolar, Coordenadoria de Dinamização de Leitura Literária, Secretaria Municipal de Educação, Prefeitura Municipal de Duque de Caxias e/ou indivíduos participantes, inclusive na forma de dano à estima, prestígio e/ou agravo econômico/financeiro. Outrossim, o anonimato de tais informações deverá ser garantido durante e após a pesquisa. Caso necessário, a qualquer momento poderemos revogar esta autorização se comprovadas atividades que causem prejuízo às instituições e/ou pessoas envolvidas.

Cordialmente,

  
 GISELLE IRENE LIMA TEIXEIRA DO NASCIMENTO

Diretora do CPER  
 Matrícula: 06723-0

*Ilust. Sr. J. T. do Nascimento*  
 Diretor do CPFPP  
 Matr. 05110

## ANEXO C – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

### 1. Identificação:

- Nome: Petra
- Idade: 52 anos
- Escola em que atua: 1º Distrito Duque de Caxias
- Ano de Escolaridade: Ed. Infantil ao 5º ano de Escolaridade.
- Formação Acadêmica: Pedagogia (Graduação)  
Pedagogia Empresarial (Pós-Graduação)
- Área de Atuação: Professor II – Duque de Caxias
- Há quanto tempo é professor da rede municipal de ensino? 13 anos.
- Tempo de atuação como Dinamizadora de Leitura Literária? 09 anos.

### 2. Formação Continuada

- Como você concebe a atividade de trabalho dos professores dinamizadores de leitura literária?

O trabalho dos Dinamizadores de Leitura é fundamental dentro de uma escola. Algumas pessoas dizem que a sala de leitura é o coração da escola. Justamente pelo poder que a leitura tem, pela força e pelas possibilidades, especialmente a Literatura Literária, pode proporcionar e contribuir no processo de produção do conhecimento, da leitura e da escrita. Eu acredito no poder, na potência da leitura. Eu acho que o espaço de leitura, as salas de leitura, elas devem ser locais de encontro, locais de produção de conhecimento, de troca e aí de diferentes formas de leitura. Então, é a leitura literária, é a leitura de uma obra de arte, de diferentes portadores do texto, eu acho que sala de leitura elas devem ela na verdade é um local de encontro, é um espaço de abertura. A leitura tem um poder de cura, então quando a gente fala em espaço de troca, de espaço de aprendizagem, a gente também está falando nessa questão. É um espaço de você interagir, de você levar conforto, de alento através da literatura. Uma coisa que eu acho muito legal, quando a gente pega um livro, um livro é uma viagem. Então, quando a gente pega um livro, alguém pode não gostar muito porque tem uma bruxa. Mas a bruxa é importante. A bruxa tem papel importante, porque a bruxa, os vilões servem para dizer, para mostrar para uma criança que, de repente, alguma coisa pode mudar, alguma coisa ruim pode acontecer. Aí você vem com os contos de fada, você vem com a fantasia e aí ela te traz a esperança, ela traz a possibilidade de mudança. Então assim, eu vejo as salas de leitura, os espaços de leitura como um espaço realmente de conexão, de cura, de libertação. É isso.

- Qual foi o último curso de formação continuada que participou?

Estou o tempo todo fazendo formação continuada. Primeiro porque eu acho que isso deve fazer parte da nossa vida, da nossa carreira, não só como pessoa, mas como profissional. O professor tem que estar sempre aprendendo, sempre ressignificando a sua prática. Eu nem sei se posso dizer qual foi o último. No momento, estou fazendo um curso de Escrita Criativa e estou adorando, estou amando. Outros também que a própria rede fornece.

- Qual o tempo de duração?

O curso de Escrita Criativa tem 36 aulas/vídeos, com atividades.

- Qual a carga horária do curso?

Depois vai dar 60 horas. Não tenho certeza, não. Esse é o meu preferido.

- Como concebe a Formação Continuada de Professores?

Eu acho que é impossível a gente falar de uma vida de um professor que ele não está o tempo todo pensando na sua formação. A sociedade muda, a gente muda o tempo todo. Não dá para viver com o mesmo pensamento, com as mesmas formações de anos atrás. Tem uma coisa que eu detesto é ver professores com mentalidades de “professauros”. Pessoas que carregam seus planos de aula, seus cadernos de plano e não só o seu material como a sua cabeça ainda está lá. São extremamente conteudistas e não se percebem, não dão conta do seu papel, enquanto agentes de transformação. Se

a gente quer ser agente de transformação, a gente não pode estar parada. Você não pode estar inerte, esperando as coisas acontecerem, vendo a sociedade mudar. É tudo muito dinâmico. Quando a gente fala que quer ser agente, mudar a história, a história é dinâmica. É impossível você pensar que você não precisa, que você não tem que estar o tempo todo numa formação.

- Quais critérios adotados por você na seleção de cursos de formação continuada?

Eu penso naqueles que vão realmente contribuir, de alguma forma, com o trabalho que estou desenvolvendo. Eu trabalho com formação de leitores, então eu procuro selecionar aqueles que realmente vão me ajudar a fazer o meu trabalho. Agora, é assim não excluo outras coisas, não. Eu gosto de Artes, então em algum momento, eu penso em fazer um de História da Arte. Eu acho que cursos que vão ajudar a ampliar, aumentar a visão de mundo, a tua capacidade de percepção, de crítica, todos esses cumprem um papel importante na minha vida e na minha formação. Mas eu procuro priorizar os que estão voltados para a questão da leitura.

- Como Dinamizadora de Leitura Literária, quais critérios que você adota na seleção de cursos de formação continuada?

Em relação à questão da Leitura Literária, como Dinamizadora, eu procuro sempre fazer os cursos que a própria rede nos proporciona. Normalmente, ela já oferece cursos muito interessantes nessa área. Eu procuro fazer todos aqueles que a rede disponibiliza, porque a gente facilita tudo e quando eu encontro algum outro que eu precise fazer por fora, eu tento conciliar dentro do meu horário e até a questão financeira também, aí eu procuro fazer.

- Quais as contribuições dos cursos de formação continuada na sua atividade de trabalho?

São inúmeras. Amplia a tua visão. Para mim, é muito importante fazer cursos específicos para determinado segmento, porque, em algum momento, eu posso estar atuando com o primeiro segmento e até em outra rede, estar atendendo alunos do sexto ao nono ano. Os cursos me ajudam a atender às necessidades específicas de cada grupo que eu estiver atendendo. Esses cursos me ajudam a atender à necessidade específica de cada grupo que eu estiver atendendo. Eu procuro sempre os cursos que vão me ajudar na área, com o público alvo que eu estiver atendendo.

- Na sua opinião, a partir dos cursos de formação continuada, quais saberes foram incorporados em sua atividade de trabalho?

Eu já aprendi tanta coisa. Eu conheci autores que eu não conhecia. Conheci diferentes formas de trabalho, estratégias diferentes, práticas novas. Uma coisa que eu achei muito legal, foi que eu aprendi recentemente, é o uso das ferramentas digitais incorporadas, porque até nesse momento, eu acho que a pandemia nos ajudou nesse sentido. A pandemia veio mostrar o quanto a escola estava distanciada dos nossos alunos e como o uso das ferramentas digitais podem nos aproximar. Nesse momento, não precisa ser o único meio, mas ela pode ser um meio. Depois que tudo isso passar, eu acho que, muitos professores terão a sua prática transformada e vai ter essa contribuição das mídias sociais, de ferramentas que a gente não utilizava, que são instrumentos muito potentes, que tem um alcance muito grande. A gente, o tempo todo, precisa estar aberto à novas aprendizagens, às diferentes formas de aprender. Então, a gente também está aprendendo, não é só o nosso aluno. Nesse momento, a gente está incorporando diferentes habilidades e eu acho que isso aí tem sido um ganho para gente.

- Qual nome gostaria de ser identificada, relacionado à Literatura?

Petra, eu acho que eu posso ser identificada por Petra. Eu gosto, porque de pedra e é como, às vezes, eu procuro me colocar: firme. Alguém firme nas suas convicções, nas suas colocações. Eu acho que é isso.

## 1. Identificação:

- Nome: Emília
- Idade: 59 anos
- Escola em que atua: 3º Distrito de Duque de Caxias
- Ano de Escolaridade: Ed. Infantil ao 5º ano de Escolaridade.
- Formação Acadêmica: História  
Pós-graduação em História Social e Cultural do Brasil Colônia –  
Faculdades Simonsen
- Área de Atuação: Professor II – Duque de Caxias
- Há quanto tempo é professor da rede municipal de ensino? 16 anos.
- Tempo de atuação como Dinamizadora de Leitura Literária? 09 anos.

## 2. Formação Continuada

- Como você concebe a atividade de trabalho dos professores dinamizadores de leitura literária?

Meu principal objetivo é levar os alunos a entenderem que a leitura é um complemento na vida deles. Porque não é só dentro de sala de aula que a leitura é importante. Através da leitura de sala de aula, ele aprende a fazer a leitura da vida. Porque ele aprende a interpretar o que vida está mostrando para ele. O que costumo dizer para eles: ler palavras não é ser leitor. Ser leitor, é ler as palavras, interpretar cada frase e aplicar na vida. E a Literatura leva o aluno a viajar e eles conseguem absorver o mundo da leitura. Eu fui criada assim: a ler, mas explicar o que eu estou lendo. O que você entendeu da leitura. Depois, eu entendi que isso acrescentou na minha formação.

- Qual foi o último curso de formação continuada que participou?

Eu tenho feito todas as Reestruturações (lives da rede de ensino). Participei da Companhia das Letras. Eu fiz toda aquela formação. Maravilhosa. Recebi certificado, tudo. A última foi a da Companhia das Letras (on-line).

- Qual o tempo de duração?

5 dias

- Qual a carga horária do curso?

Totalizando 21 horas e 30 minutos

- Como concebe a Formação Continuada de Professores?

Ela é necessária. Porque não adianta você ter títulos, mas se você não der vida a eles. Por isso, que é continuada. Você não para nessa que você está fazendo. Você tem que continuar, porque a vida é um ciclo. Ela está passando, modificando. Atualmente, agora, a gente tem que reciclar tudo que nós aprendemos, para trazer para atualidade. Professor que não se atualiza, ele não se forma.

- Quais critérios adotados por você na seleção de cursos de formação continuada?

Eu vejo no histórico. A equipe manda para mim e eu vou lá ler primeiro o palestrante. Procuo saber quem é esse palestrante, o que ele vai me acrescentar, se ele realmente está voltado para leitura, se realmente as práticas dele vão somar às minhas. Essa é a minha primeira preocupação.

- Como Dinamizadora de Leitura Literária, quais critérios que você adota na seleção de cursos de formação continuada?

Eu vejo, primeiramente, o gênero, se o gênero literário se me agrada. Não adianta fazer por fazer. Tem que agradar, tem que ser aquele gênero que te preenche, que vai te acrescentar na sua formação. “Eu vou fazer Clarice Lispector, porque ela é famosa, ela é importante”. Mas a literatura dela não me preenche. Porque o gênero é uma questão de gosto. Você tem que se identificar. Uma pessoa que todo mundo olha para minha cara e diz: ah, não acredito! Eu me identifico com Carlos Drummond. Tanto é que eu sentei ali em Copacabana e bati o maior papo com ele. Tiraram foto minha batendo

papo com Carlos Drummond. Porque ele fala da vida. Se você analisar os poemas, as histórias dele, são todas relacionadas à vida. Ele fala de uma maneira construtiva. Ele é muito altruísta. As pessoas dizem que ele é melodramático. Ele não é. Ele apresenta a vida com altruísmo, mas de uma maneira romântica e poética. Eu gosto, adoro.

- Quais as contribuições dos cursos de formação continuada na sua atividade de trabalho?

Ah, tem sido várias! Nossa! Conhecimento diversificado. Porque você tem uma técnica que, às vezes, eu não sei empregar. E dentro do curso, quando você passa, aquela técnica, eu levo ela para o meu trabalho e aplico do meu jeito. Você adapta às suas condições de trabalho. Ali, na hora da formação, você tem tudo o que precisa, mas nem sempre no chão da escola, você consegue ter o tudo. Mas aí, você pega aquela técnica e adapta ao público que você tem.

- Na sua opinião, a partir dos cursos de formação continuada, quais saberes foram incorporados em sua atividade de trabalho?

Ver a importância da leitura na vida da criança. Porque, até então, eu achava que era propaganda política. Mas, quando a escola tem sala de leitura, quando você trabalha junto, quando você consegue o professor para te dar apoio... E nós tivemos, agora, ano passado, as meninas da sala de leitura estiveram lá na escola. Nós tivemos um projeto de escrita de livros: Estante Mágica. Nós fizemos mais de duzentos livros. A Estante Mágica é um exemplo: ela é toda voltada para o público particular. Mas nós fizemos uma transformação que a empresa abraçou o nosso trabalho. Eles reduziram o custo dos livros, ao ponto de os pais trazerem saco de moeda para comprar o livro daquelas crianças. Eles venderam o livro sem capa dura. Os livros mais simples que a editora pôde trabalhar, porque nós conseguimos abraçar toda a escola, da Educação Infantil ao 5º ano. Foi um trabalho maravilhoso. Olha, foi desgastante, porque nós revezávamos da seguinte maneira: uma semana, eu dava aula e a Úrsula ficava sentada com as crianças, no computador porque tudo foi imaginação deles. A única coisa que nós fizemos foi correção ortográfica. Aquele que sabia ler e escrever, montava e nós digitávamos; aquele que não sabia ler e escrever, sentava do nosso lado e a gente ia digitando. Nada daquilo ali foi feito por nós, foi imaginação deles. Eles desenharam. O livro foi para editora e foi montado. Então você vê que a leitura transforma o homem. Eles se sentiram tão importantes, que no dia da assinatura de autógrafa, eles estavam indo para um baile. Cabelos, as meninas maquiadas. Os meninos bem vestidos. Foram à caráter. Aí, você vê como a leitura transforma as pessoas. Assim: "Ah, isso é trabalho para rico. Isso é de escola particular!" Mas ficamos no pé da menina da Estante Mágica, até que ela reuniu a equipe da editora e falou: são mais de 300 alunos, vamos conseguir! E nós falamos: vamos vender todos os livros. E vendemos quase todos os livros. Pelo menos, 200 livros foram vendidos. Tem a foto da criança. O livro só é capa mole. Não foi capa dura. Foi o mais simples que a editora conseguiu. Foram meses de trabalho, mas valeu à pena. Fora as aulas normais que nós fazíamos.

- Qual nome gostaria de ser identificada, relacionado à Literatura?

Emília, Monteiro Lobato. A Emília é muito transformadora, porque ela veio além do tempo. Se você analisar essa obra de Monteiro Lobato, as pessoas falam que é escravocrata, que ele era republicano, mas dentro do que ele pôde, ele tentou mostrar para sociedade que tudo se transforma. Porque a Emília transformava tudo. Eu fiz uma pesquisa sobre ele. Apareceu na live da Companhia das Letras, uma professora que tem uma tese sobre Monteiro Lobato que transforma totalmente essa ideia republicana de Monteiro Lobato.

## 1. Identificação:

- Nome: Lygia
- Idade: 47 anos
- Escola em que atua: 3º Distrito de Duque de Caxias
- Ano de Escolaridade: Ed. Infantil ao 5º ano de Escolaridade.
- Formação Acadêmica: Graduação: Letras  
Pós-Graduação: Língua Portuguesa
- Área de Atuação: Professor II – Duque de Caxias - Dinamizadora de Leitura
- Há quanto tempo é professor da rede municipal de ensino? 26 anos.
- Tempo de atuação como Dinamizadora de Leitura Literária? 20 anos.

## 2. Formação Continuada

- Como você concebe a atividade de trabalho dos professores dinamizadores de leitura literária?

Eu acho que é um trabalho essencial. Porque ele trabalha com a criação, com a fantasia, com a imaginação. Esse tipo de trabalho, às vezes, o único personagem que faz esse trabalho dentro da escola, muitas vezes, é só o dinamizador de leitura. O que não deveria acontecer. Deveria cada professor, em sala de aula, ter o seu cantinho, ter o seu espaço de leitura. Mas, muitas vezes, essa função fica, realmente, restrita ao professor de sala de leitura. Então ele é uma figura muito importante dentro da escola. Porque ele vai formar essa mentalidade leitora, vamos dizer assim. Essa formação para leitura.

- Qual foi o último curso de formação continuada que participou?

Olha, com essa pandemia foi bem complicado. Eu tenho feito cursos pelo município do Rio. O município do Rio tem feito bastante cursos, pela prefeitura do Rio. Caxias eu também tenho participado de algumas lives, mas mais esporadicamente. E o ano passado, eu participei das atividades da sala de leitura, dos cursos de sala de leitura da rede.

- Qual o tempo de duração?

Tem cursos com três, quatro horas de duração. Tem cursos que são de uma duração maior, de alguns dias. De uma forma geral, são horas, três, quatro horas.

- Qual a carga horária do curso?

Duas horas.

- Como concebe a Formação Continuada de Professores?

Eu acho fundamental também. Como que você vai dar se você está vazio? Então você tem que estar sempre se reciclando, sempre se atualizando. “Ah, mas eu tenho muita experiência”, é aí que mora o perigo. Porque a gente quando acha que está bom demais é porque a situação não está boa. Eu acho que você tem que estar sempre se questionando, se autoavaliando para poder ver... necessita de uma formação continuada. Eu sou uma pessoa muito aberta. Eu acho que a gente tem sempre que estar fazendo cursos de contadores de histórias, reciclando, aprendendo. Agora mesmo, estou querendo fazer o teatro de sombras, foi até um curso que a gente está fazendo pela prefeitura de Caxias. Então, eu já estou querendo montar aquele teatrinho. Fazer o teatro de sombra. E é uma coisa que eu nunca tinha pensando. Estou com vontade porque foi um aprendizado que eu tive no curso. Acho que essa formação continuada, essa reciclagem é fundamental para o professor não se achar assim: “ahh....eu sei”. Ninguém sabe tudo. A gente está sempre aprendendo. Sempre aprendendo com o outro, com as crianças. Por isso, que eu estou triste com essa pandemia, desse distanciamento. Por mais que a gente tenha contato on-line, não é a mesma coisa que o presencial, que você aprende com eles o tempo todo.

- Quais critérios adotados por você na seleção de cursos de formação continuada?

Eu procuro muito, assim, cursos na área da leitura, da Literatura. Porque eu me encontrei. Eu gosto muito da Educação, sou apaixonada. Eu comecei...vou falar um pouquinho da minha história em sala de leitura. Eu comecei, na sala de leitura, por indicação de uma diretora. Porque ela viu o meu perfil. Eu sempre levava livros, contava histórias para os alunos. E ela viu em mim, aquilo que eu ainda não enxergava. Ela falou: "Patrícia, você tem todo o perfil de sala de leitura." E ela me convidou para ser a professora de sala de leitura, da escola. E aí, eu me encontrei. Eu acho que foi um lugar que eu nunca mais saí, na rede. Daí, eu acho que eu não saberia fazer outra coisa que não seja trabalhar com livros, incentivo à leitura. Porque é muito apaixonante. O critério hoje, meu, é esse: muitos cursos voltados para Literatura. A minha formação é em Literatura. Eu sou formada em Português/Literatura. Eu me encontrei nesse trabalho, na escola.

- Como Dinamizadora de Leitura Literária, quais critérios que você adota na seleção de cursos de formação continuada?

Para mim, eu acho que essa reciclagem é fundamental. Porque, às vezes, foi como eu falei. nunca tinha feito teatro de sombra. Eu vi no curso, que eu fiz... estou fazendo na sala de leitura. Já me encantei, quero colocar isso na minha prática. Os cursos de formação, às vezes, abrem caminhos para coisas que a gente não estava vendo, para coisas desafiadoras. Por exemplo, quando eu comecei, eu só lia livros. Eu não contava, eu não era contadora. Aí teve uma vez, que eu fiz um curso com o José Mauro Brant, que é um grande contador de histórias e ele falou para mim: "Patrícia, eu quero ver você contando a minha história sem o livro." Que era a história do João Jiló. Eu fico até arrepiada. E ele falou: "Você tem todo o brilho, mas não é lendo. Eu quero ver você contando, sem o livro." E eu aprendi a contar essa história do João Jiló, contei até no Caminhão várias vezes, quando eu era da Equipe. E assim, foi uma coisa que abriu o horizonte para mim. Eu passei a ser, realmente, contadora de história. A contar sem o livro. Para mim, foi uma experiência incrível. Então, são coisas que você aprende em um curso. E que você vai pôr em prática e muda toda a sua prática.

- Quais as contribuições dos cursos de formação continuada na sua atividade de trabalho?

Os cursos aprimoram a sua prática, fazem você superar limites. Eu tinha medo, eu tinha vergonha. Eu sou tímida. Eu sou extremamente tímida. E, no entanto, quando eu me vejo contando histórias, eu esqueço de tudo, da minha timidez e mergulho nesse mundo da imaginação e da fantasia. Então, para mim foi um grande ganho, um grande "boom".

- Na sua opinião, a partir dos cursos de formação continuada, quais saberes foram incorporados em sua atividade de trabalho?

Esse exemplo que eu acabei de citar, foi um...que eu era uma "mediadora de leitura" e eu me tornei uma "contadora de histórias", a partir desse curso que eu aprendi. Agora, com essa coisa do teatro de sombras, que eu fiz esse ano, estou fazendo agora nessa formação que foi sugerida pela Equipe. Eu também adoro as formações que são feitas pela Coordenadoria de Leitura. É um trabalho muito sério. É um trabalho muito...as pessoas que estão lá são muito comprometidas. Da equipe, a chefia da Coordenadoria e Duque de Caxias - eu vou fazer um elogio à Duque de Caxias - é um trabalho pioneiro da Coordenadoria de Leitura. É um trabalho que acontece realmente nas escolas. Porque o Rio - eu vou fazer uma crítica ao Rio - o trabalho de sala de leitura, não é tão bem feito quanto Duque de Caxias. Porque ele faz por projetos. Caxias, não. A gente faz por projeto, mas a gente atua semanalmente em cada turma. A gente atende 15 turmas, por semana. E é uma coisa semanal. É um trabalho árduo. É um trabalho que realmente acontece. É um trabalho efetivo. Diferente de outros municípios. Por isso, que Duque de Caxias tem um trabalho diferenciado, sempre teve. E a Coordenadoria está mantendo, sempre acrescentando alguma coisa. Eu acho que esse saber está sempre sendo elaborado por Duque de Caxias.

- Qual nome gostaria de ser identificada, relacionado à Literatura?

Lygia Bojunga. A Lygia Bojunga, para mim, é a melhor escritora de literatura infantojuvenil. Para mim.. Claro que isso é muito pessoal. Cada uma tem os seus gostos, mas a Lygia é encantadora. Ela tem a Bolsa Amarela. Ela tem um livro muito desconhecido, que se chama Meu Amigo Pintor, que fala de suicídio. De um amigo dessa criança que se suicida. É um tema muito forte, mas que é tratado de uma maneira tão poética, tão linda. E ela trabalha esses temas transgressores de uma maneira muito poética. Eu me identifico muito com a Lygia Bojunga. E tive a honra de conhecer pessoalmente. De ir na casa dela, em Santa Teresa. Que ela tem a casa lá, em Santa Teresa. É muito rico. É muito bela a

escrita da Lygia Bojunga. E muito forte. Ela não é aquela escritora que passa a mão na cabeça dos leitores, não. Ela tem questões...tem o Tchou também que é um conto, também muito forte. É uma mãe que vai embora. Ela arranja um namorado e deixa os filhos. Olha o tema...assim muito forte, para uma sociedade extremamente machista, como a nossa. Ela aborda essa coisa. Os assuntos da Lygia são impactantes. Não são temas leves, não. São para mexer com a nossa sociedade. Eu me identifico muito com ela.



colocou as coisas na prática - foi maravilhoso. E situações que são oficinas, são lives. A própria Equipe de Leitura, nessa questão da Formação Continuada, se você tem que saber qual é o seu público alvo, o que você faz para alcançar o seu público alvo, você tem que saber qual é a história que você acha que é melhor para aquele grupo, para aquela turma. Quando chega um livro na escola, não é só a questão de você carimbar e catalogar. Tem a questão também de você chegar, dentro do possível, quando der, você vai ter que saber que história é aquela. Porque senão você vai sempre ficar na "Menina Bonita do Laço Fita" para falar de africanidade, quando você tem outras histórias que você pode trabalhar: Rogério Andrade Barbosa, você tem Sônia Rosa, você tem um montão de autores conhecidos e desconhecidos. Às vezes, chega alguma coisa no seu acervo, mas você está no burocrático. Você carimba, mas você não sabe o que a história fala. E aquilo ali serve para "N" coisas. Desde 2014, eu me tornei "flipeira". Eu fui para FLIP (Festa Literária Internacional de Paraty). Eu fui selecionada em um projeto - foram 10 projetos selecionados: "A escola vai à biblioteca; a biblioteca vai à escola". Como prêmio a gente foi para a FLIP. Teve a dispensa de ponto - foi maravilhoso! Teve condução - foi perfeito! E partir daquele mundo, porque eu nunca ia, porque pegava o período, sempre alguns dias de aula. Então a partir daquele momento, eu falei: Eu vou dar o meu jeito e todos os anos, desde 2014, eu vou para a FLIP. E é interessante, porque como você viu, eu tenho o meu livro de poesias e já tive a oportunidade de colocar no espaço da Secretaria Estadual, espaço da entrada da FLIP, mas eu não queria ficar ali o tempo todo. Meu objetivo ali, era ficar naquele período que eu combinei, mas não estou ali só para vender o livro. O meu objetivo era aproveitar aquele mundo, aquele universo. Enquanto leitora, enquanto professora. Tinha muita coisa "0800" e eu fazia todo um esquema, toda uma escala que eu anotava. Eu já chegava em Paraty com tudo anotado: 10 horas tem encontro com Ilan Brenman, no SESC; tem cordel com "fulano"; e não sei o que...tem sarau não sei o que. Tem atividade disso, tem na Casa da Cultura. Você vê uma exposição, você vê uma atividade circense, você vê uma contação de história. Oficina de abayomi na beira da praia - fiz o que eu nunca tinha feito. E no final das contas, todas essas situações entram como formação continuada, no meu entender, porque isso, no final das contas, vai ao encontro da sua prática. Às vezes, você vê uma peça de teatro, uma música, ou um filme, ou um curta e você fala: mas isso aqui é superinteressante; isso aqui dá para dar um gancho nisso aqui. E quando você chega lá na frente, que você vai trabalhar determinada coisa, você fala: não, ah mas tem aquele negócio de estourar balão. As pessoas chegavam - eu fiz isso na escola - o pessoal do SESC chegou lá nas ruas de Paraty, eles cantavam com sanfona e com tudo e as pessoas estouravam um balão e aí tinha um trecho de uma música. E eles cantavam a música para pessoa. Eu falei: vou adaptar isso com várias coisas. Eu fiz várias adaptações. No final das contas, são "N" situações que a gente acaba tendo acesso que, necessariamente, não vou ter um documento dizendo que eu fiz oficina de abayomi; eu tive uma maratona de contos, fiquei até de madrugada, eram 24 horas. Teve Daniel Munduruku. Naquele momento, eu nunca tinha visto, eu já tinha lido Daniel, mas ouvir Munduruku é outra coisa. É uma formação para mim, enquanto leitora e enquanto, porque eu preciso conhecer esse material. André Neves - eu amo Ziraldo - e na fila do Ziraldo, no Salão do Livro, eu olhei assim e falei: Ih, é o André Neves. Eu marquei o meu lugar na fila, que eu já tinha até vendido um livro, na fila do Ziraldo - fiquei uma hora, na fila. Eu falei: André Neves, prazer! Comecei a conversar com ele e eu falei assim: Poxa, André, gosto muito do livro tal, do livro tal, mas tem um livro que eu acho que me marcou, que eu acho que é importante... (Porque ele começou fazendo só ilustrações, depois que ele fez os livros dele)...é o da história do dentinho - O dente de leite). Ele falou assim: Mas eu não gosto muito desse livro, não, porque ele tem essa coisa muito didática. Porque é a questão da escovação, aquela coisa que a proposta era essa. Mas eu falei: Não, eu entendo. Até concordo com você. O livro não tinha essa coisa tão literária, era mais para o pedagógico. Mas eu vou te dizer, trabalhei numa comunidade em Costa Barros, que eu peguei essas crianças com quatro anos e eu montei um projeto da questão de higiene bucal. Eles ficavam o dia inteiro na escola. E aí o que aconteceu, um dos livros que eu usei foi esse livro. E as suas ilustrações são lindíssimas. Teve todo um encaminhamento, que era a questão de ter as escovas, da escovação e isso foi todo um projeto. Quando chegou segundo ano (que eu continuei com a turma, tá? Educação Infantil, quatro, cinco; primeiro ano, segundo ano), chegou um pessoal da Prefeitura, os dentistas, para avaliar a saúde bucal das crianças. Eu fui mandando as crianças, mas eu sou muito curiosa. Eu fui lá para falar com a dentista chefe. Eu falei: E aí? Como está essa turma aqui, do segundo ano? Quais são os casos mais complicados, que a gente dá um puxão de orelha nos pais, dá uma cutucada? Ela falou assim: "Olha, essa turma aqui está de parabéns! Porque os casos de cárie aqui, é uma coisa que destoa, é mínimo." E quem estava mais, era quem caiu de paraquedas depois. Não foi quem já estava comigo desde o início. Foi quem entrou no primeiro, segundo anos. Então eu virei para ele e falei: Não, você pode ter certeza que o seu livro, a sua ilustração ajudou essas crianças. E ele falou: Poxa, que legal! Ele pensou nessa situação e falou: Que interessante isso! Tudo isso é formação.

- Quais critérios adotados por você na seleção de cursos de formação continuada?

O que me chama mais atenção. O que eu acho que...a questão mesmo do interesse. Tem coisas que, dentro daquilo que a gente pode escolher, já que a vida da gente é uma correria só, não dá para fazer tudo que a gente quer. Então, a gente acaba tendo que priorizar e escolher o que a gente vai fazer. Dentro daquilo que a gente tem opção, a gente vê aquilo que a gente quer saber um pouco mais, ou que a gente não conhece tanto, ou às vezes, gosta muito daquele autor e aí a gente acaba conhecendo um pouco mais. Como teve o Sinta o Som no Percurso Literário, voltado para o primeiro segmento, cada semana era uma pessoa. Uma pessoa especializada em Educação Infantil falando sobre Literatura. Uma pessoa como Luiz Antônio Aguiar; Júlio Emílio Braz, na outra semana; Daniel Munduruku, na outra. Cada um com uma proposta para falar; a Sônia Travassos. E é isso...o que eu priorizo, quais os critérios. E tem coisas que, às vezes é por conta de alguma formação que tem pela Prefeitura, que a gente acaba indo.

- Como Dinamizadora de Leitura Literária, quais critérios que você adota na seleção de cursos de formação continuada?

Como já tivemos muito aqui em Caxias que é o Projeto da Sala de Leitura e aí existem as oficinas, as formações, ao longo do ano, a gente tem as formações para dar subsídios, para dar um esclarecimento, para ter uma troca de experiências. E é interessante, porque às vezes, como Caxias tem sempre autor homenageado, às vezes não é um autor que você conheça tanto. E aí você dá esse mergulho para você poder também ter esse referencial para passar para as crianças. As formações que sempre foram dadas pela Equipe de Leitura, aqui em Caxias, elas sempre deram esse suporte. Tem uma bibliografia, mesmo que você não vá utilizar aquele livro, você sabe que aquilo ali tem a temática. Você tem atividades que foram feitas no auditório com os professores. Você vai - que na Educação nada se cria, tudo se transforma, tudo se copia - você vai adaptar aquilo. "Gostei dessa atividade aqui, mas não vou colocar o negócio do chapéu, não. Vou fazer isso aqui", "Ah, não porque isso daqui vai dar confusão, porque aquela turma ali é muito cheia. Vou fazer outra coisa." Mas você pega aquela ideia central e você vai fazer a sua adaptação. Ter esse suporte é importante porque você nunca está no zero. Você sempre tem um ponto e como você tem a Equipe, qualquer coisa: ah, pega livro emprestado. Vai em tal escola: Fulano, estou trabalhando com tema tal, você tem livro tal? A escola não tem, então a gente procura: esse livro aqui é excelente para fazer isso aqui, mas eu não tenho. A gente vem na SME, a gente vê com fulano do lado, a gente vê com A, com B, com C e a gente monta a atividade com a história. Ele precisa ver. Não é só você chegar com o papel, uma folha em branco e falar: Era uma vez. Não, tem que ter livro, tem que ter ilustração. Ele precisa ver o livro.

É todo esse suporte que a gente tem e que ajuda o nosso trabalho.

- Quais as contribuições dos cursos de formação continuada na sua atividade de trabalho?

O conhecimento adquirido nos cursos de formação continuada (seja por leituras livros e textos sobre a prática docente, troca de experiências, oficinas, etc) amplia a minha bagagem enquanto profissional e enriquece a minha prática na dinamização de Leitura literária. É uma atualização permanente e necessária.

- Na sua opinião, a partir dos cursos de formação continuada, quais saberes foram incorporados em sua atividade de trabalho?

Pelo que eu estou vendo agora, no que eu estou fazendo, Planeta Leitura, a gente teve uma atividade lá que valia até um ponto, que você poderia reformular depois. Eu estou naquele momento: eu só sei que nada sei. Porque você acha que sabe, mas no final das contas, você não sabe. Você acha que sabe. É um eterno aprendizado. Saber que o conhecimento é infinito. Por mais que você estude, você vai ter sempre coisas para você aprender. A Formação Continuada é estudo, é aprimoramento, é agregar conhecimento. E isso, você não vai fazer uma coisa sobre Sônia Rosa e depois, nunca mais, vai ler sobre Sônia Rosa. Você nunca mais vai ver uma live sobre Sônia Rosa. Você nunca mais vai ler um livro sobre Sônia Rosa. Nada! "Não, porque agora eu sei tudo sobre Sônia Rosa." Não! E tudo isso é um ciclo. Você vai aprimorando e os conhecimentos que você tinha vão misturando com os novos e você vai tendo outras percepções que você não tinha com o conhecimento anterior. Eu falei: "Caraca, como é que eu pensei isso? Gente, como é que eu escrevi isso? Gente, eu não devia ter feito isso!" Então, a Formação Continuada, no final das contas, esse conjunto de situações que a gente está aprimorando o nosso conhecimento, ele mostra pra gente o quanto que a gente precisa aprender. Porque não é só a criança que aprende. A gente tem que aprender para ensinar. Se a proposta é você mediar a leitura e você transformar; a proposta é você mostrar para ele tem que ser uma criança leitora, que há prazer nisso, você tem que, de certa forma, mostrar para ele isso. Isso implica que você também seja leitor. Porque como que você vai falar de futebol, e a gente vê isso muito

com as famílias, a criança adora o futebol, a criança adora o time tal, o time B. Mas você vai ver, o pai é aquele cara que está ali na torcida. O cara vibra, o cara faz isso. E a criança está com a roupa, está com tudo. Meu marido adora cozinhar. Ele adora cozinhar e ele sabe cozinhar. Então, meu filho tem 9, ele está seguindo os passos do pai. Porque ele chama o menino para fazer o pudim - coisas que ele pode estar ajudando. E aí, quando vem aniversário de alguém, ele já quer servir café na cama, aí tem que acordar cedo. Mas não foi coisa que a gente colocou nele. Foi o universo que ele está vivendo. A gente não chegou: “Olha, porque eu vou fazer aniversário amanhã e você vai fazer...” Não! É toda uma construção que está ali.

Quando você vai emprestar o livro, você tem que saber que livro é esse. Que aí você chega para emprestar para as crianças: “Olha, esse aqui é de mitologia...você já viu aquele filme tal, tal, tal...Percy Jackson? Então, esse aqui fala dos deuses”; “Olha, esse aqui é muito legal, que isso e aquilo outro”. Você tem que seduzir. A palavra é essa. É uma sedução. Então você tem que vender, entre aspas, aquele produto. Você tem que conhecer o produto. Se você vai nas Casas Bahia e você fala assim: ah, eu queria o refrigerador tal, o ar condicionado tal. O cara vai falar: “dez mil btus isso, isso e aquilo, tantas bocas, esse consumo aqui é A. Não porque isso...porque a senhora tem direito a isso...o produto é isso...ganhou prêmio tal.” Você vai ter todas as informações e você vai escolher. Mas a pessoa, o vendedor, ele sabe do que ele está falando. E no final a escolha é do cliente. Se ele: “ah, não. Tá...obrigado. Não vou levar, não”. Você vai fazer o seu papel e como que a criança vai receber isso ou como que ela vai internalizar isso? Aí é uma outra situação, que aí não nos pertence. Porque é toda uma questão de vivência, de experiência, de oportunidade, de opções, de acesso...se ela vai ter uma família que chega junto. Se ela não vai ter.. Todas essas coisas vão interferir nesse resultado final. Como é que isso bateu nela. Mas para bater nela, tem que bater em você. Porque se você não falar uma coisa com vontade, com sentimento, você não seduz.

Eu até falei isso numa live, foi no sábado, com a Fabiana, Fabiana Esteves, que eu costumo fazer a unha numa menina aqui perto do Batalhão. Eu já sou cliente dela desde 2003. É uma longa história. Já não sou mais cliente, é uma longa história...Mas assim, um dia ela falando do alho e eu falei assim: “Poxa, esse menino já vende o alho picadinho?” E ela falou assim: ‘Sim, o dele é ótimo, direitinho e preço bom. Ele é daqui da rua. Se você quiser, eu tenho o telefone.” Eu falei: “Ah, então pede dois. Eu vou fazer uma doação para o asilo e vou ficar com um”. E aí, ela chamou. Eu falei: “ah, então não vou ter que comprar, não vou ter que ficar descascando o alho, beleza”. Quando o rapaz chegou, ele olhou para mim e falou: “Oi, professora”. Mas eu trabalho em Caxias há 20 anos. Então, eu falei: “Ele me conhece, mas eu não sei quem é.” Isso é horrível, mas tudo bem. Ele falou: “Oi, professora. Tudo bem? A senhora é poetisa, né?” - Nossa, ele sabe que eu sou poetisa? Eu falei: “Ai, meu Deus” - eu toda sem graça. “A senhora é amiga da Fabiana, né? Teve lá na escola”. Eu fiquei pensando: “Fabiana...escola aqui...” E eu fiquei pensando, eu fiquei pensando...Eu falei: “Gente, mas a única escola da Fabiana que eu fui, foram duas: uma que ela já não era mais OP, né? Lá perto do Parque Lafaiete e a outra aqui, numa creche que tem aqui, perto do Solano Trindade, perto do Prezunic.” Eu falei: “você tá falando da creche?” Aí, ele: “Sim. Eu lembro que você fez aquela coisa de poema no ouvido.” - Sussurrador Poético - mas ele não falou Sussurrador, não. “Que falou leu, que você foi e a Fabiana foram lendo os poemas e eu fiquei emocionado com o poema que você leu.” E sabe quanto tempo eu tinha ido na creche da Fabiana? Dois anos! Ele me reconheceu.

Essa questão da poesia falada...eu fiz um curso pelo Rio e como isso impacta:

Eu faço versos como quem chora  
De desalento...de desencanto...  
Fecha o meu livro, se por agora  
Não tens motivo nenhum de pranto.  
Meu verso é sangue. Volúpia ardente...  
Tristeza esparsa...remorso vão...  
Dói-me nas veias. Amargo e quente,  
Cai, gota a gota, do coração.  
E nestes versos de angústia rouca  
Assim dos lábios a vida corre,  
Deixando um acre sabor na boca.  
– Eu faço versos como quem morre.

Esse poema é Desencanto, de Manuel Bandeira. Você ler isso é uma coisa; você ouvir o poema é outra. É oportunizar essas situações para as crianças de que eles também, além de ser leitores, que eles também podem ser escritores. Uma vez, numa turma de quinto ano, eu vi um menino fazendo. Eu

vi um menino fazendo um poema! Eu estava com a turma, que a turma estava sem professor. E eu vi ele fazendo! Eu falei: Deixa-me dar uma olhadinha...que coisa linda! E ele não queria que eu visse, mas foi uma coisa linda que ele escreveu! Mas ele não acreditava no próprio potencial dele. Ele achava que aquilo ali era horrível. Mas era uma coisa linda! E aí eu falei: Poxa, mostra para sua professora. No final das contas, ele jogou fora. Eu quase tive um troço!

São situações que, às vezes, eles mesmos...falta essa questão da autoestima. Falta essa questão deles perceberem que eles também são capazes. Que o autor não é aquela pessoa que está no Olimpo, que tem dez braços, duas cabeças, e cinquenta ouvidos. Que é uma pessoa como outra qualquer e que está registrando, no papel, aquilo que ele estava sentindo. Quando eles conseguem passar isso, entender isso e ver que eles podem escrever do jeito deles e antes da escrita vem a leitura. Novamente a questão da leitura literária para ele ver essas possibilidades e ele ver aquilo que ele se adequa mais. Às vezes, é um conto de história de terror. Às vezes, é uma poesia. Às vezes, é mais para o lado da crônica - não necessariamente que ele saiba que aquilo é uma crônica. Mas ele leu aquela história e "eu gostei desse jeito aqui e eu vou escrever dessa forma".

A gente vê algumas situações, inclusive de uma menina no Rio, que fui fazer oficina literária com as crianças mais fracas, das turmas de quarto e quinto anos. Basicamente, eu dava mais ou menos o que eu já dava para as outras crianças. Só que eu dava uma coisa mais esmiuçada ali. A oficina, como a gente tinha o concurso "Poesia na Escola", que era da rede, eu falei: Não é só você ler, a criança tem que escrever um poema. Então para isso, a gente tem que ter todo um trabalho antes, uma sequência para poder escolher cinco poemas para representar a escola. Isso era feito com muita antecedência. Eu falei: vou juntar o útil ao agradável. Vou fazer a atividade com as crianças, no geral e vou fazer uma coisa mais específica com essas crianças que têm mais dificuldades. Uma situação foi que eu já estava na fase deles fazerem um poema individual, que era assim: eles tinham que levar livros de poesia para casa. Aí a gente lia. A gente via vídeo. A gente trabalhava com rima...e não rima e aquela coisa toda. Aí depois é que a gente ia fazer o poema em grupo e aí foi. Um dia, eu fui pegar as crianças e chegou uma menina: "Tia, eu já acabei o dever, eu posso participar da oficina só dessa vez?" Mas ela não era do grupo fraquinho, com mais dificuldade. Que eu dava atendimento de cinquenta para todo mundo e tinha esse grupo que eu fazia essa oficina. A professora: "X, você quem resolve. Ela já acabou, mas se você quiser ficar só com esse grupo aí seu, não tem problema, não." Eu: "Não, não ela pode ir." E a gente já estava na fase de fazer o poema individual. Fazer essa construção. Já tinha feito em grupo, em trio, em dupla, e aí já estava no individual. Quando chegou lá: "Olha só, vamos pensar em alguma coisa que você gosta, que você queria falar". E aí dei algumas sugestões, partindo do livro da Sônia Rosa. De um livro dela de poesia. Aí ela: "Eu gosto muito de parque." E aí eu fui cutucando, porque nessa hora, você tem que ficar cutucando. Porque sai! Mas é a questão do cutucar. Eles ficam com medo de falar. "Mas o que você podia falar sobre parque? Vida...o que que você gosta? Pensa aí? Que a gente vai fazendo e refazendo." E ela começou assim, ela escreveu: "A vida é como um parque gigante. Quando eu rio, a gente sobe; quando eu choro, desce." Eu falei: "Nossa, você começou muito bem. Foi todo um processo que eu falei: Você já começou maravilhoso, você só tem que terminar isso. Só que isso a gente não termina...tchu. Eu também faço meus poemas. Só que cada um é de um jeito. Tem gente que já faz rapidinho. A proposta não é essa. A gente vai começar aqui e a gente vai continuar." E aí foi, e aí foi, e aí foi. E ela passava lá na sala: "Tia, rabisque mais um pouquinho." "Lê de novo. Vamos ler de novo. O que que você pensou? Fecha os olhos...eu vou ler e você vai escutar". Todo um processo. Quando já estava para finalizar, eu falei assim: "E aí, amore? Vamos finalizar!". Lemos e eu falei: "Está show! Vamos pensar em como que a gente...que que você acha que podia finalizar?". "Ah, tia! Não vou conseguir, não porque eu sou muito burra". Eu falei: "Você não é burra, porque isso aí dá trabalho, amor! Nem eu...também sou poeta, mas não é assim... tum! Meus poemas não são assim, não. Também eu faço e refaço." Mostrei até um rascunho meu para ela, para ela ver. Eu falei: Você vai conseguir! Cada um com seu tempo, cada um está aqui de um jeito". Quando terminou, ficou tão bonito que eu falei: "Um dos cinco vai ser o dela, que eu vou mandar para SME." Você tinha que ver a cara dela quando eu falei: "Olha, você vai ser uma das cinco que vai representar a escola" Ela: "É?! Uau!"

Autorização da mãe, aquela coisa toda e a carinha dela quando...eu dei um grito na secretaria: "X, saiu o negócio aqui do resultado dos poemas". Podia professor. Eu mandei, minha colega mandou e os cinco alunos. Gente, eu dei um grito - o pessoal já sabe que eu sou meio escandalosa: "Ahhhhhhhh!!!!!!". "O que que foi, X?". "A aluna foi selecionada, a aluna foi selecionada!" A aluna ficou entre os dez poemas da sexta CRE e está num livro da Prefeitura que ia ser doado em todas as escolas municipais e ela ia ter o dela!

E você imagina você falar isso para ela? Aí ela estava no quinto ano. Ela saiu da escola e no ano seguinte, quando eu fui comprar livros na Bienal ou foi no Salão do Livro? Foi um dos dois. Quem é que estava lá junto com um grupo de alunos de uma escola junto com a Professora? “Tiiiiiiiiaaaa” A professora tinha separado ela. É todo um processo. Que ela vai parar e que ela não vai escrever? Não sei, mas esse foi cutucado. E a gente teve alunos, por conta dessa questão, quando eles viram que a gente teve 3 alunos, cada ano teve um: “Nossa, ele conseguiu!” “Nossa, fulano conseguiu!” Então crianças que passaram a comprar caderninho para escrever, para fazer diário, para fazer diário poema, poema diário, fazer aquela misturada.

É muito...eu acho que, é como eu disse: a sedução literária. Ela não tem idade. No caso, nós estamos aqui na entrevista, falando do meu trabalho, em relação a esse público que vai da Educação Infantil até o quinto ano. Mas na verdade é todo um processo para que eles sejam leitores para não esperar tanto tempo como a gente vê aí adultos que não tiveram esse estalo. E sempre há tempo de você ler. A minha mãe, por exemplo, ela não lia. Ela me deu Agatha Christie, aquele...”O Assassinato no Expresso Oriente” quando eu fiz quinze anos. EU fui lendo, pegando livro emprestado e ela acabou se tornando uma leitora, de pegar os meus livros emprestado. Ela nunca comprou livro para ela, mas ela aproveitava dos que eu pegava emprestado e eu não comprava. E hoje, eu vou chegar para você e falar assim: Eu acho que minha mãe está lendo mais do que eu. Hoje...Porque ela está se aproveitando que eu não estou dando conta das coisas. Já cheguei hoje aqui e já comprei dois livros. Um ela não vai ler, tenho certeza. Mas esse outro aqui, ela vai ler. “Não tem nada aqui, não?” Não quer terminar de ler...”Ah, não gostei desse livro aqui, não...O Albatroz. Ah, mas vou terminar de ler. Comecei a ler”. “Mãe, você não precisa ler. Você pode...” “Não, comecei vou terminar”. E aí vai lendo, e aí vai lendo.

Nunca é tarde! Mas eu acho que essa questão da primeira infância ela é muito importante, porque mostra o prazer, o lúdico. Quando você pega as crianças de quatro anos, quando você vai a primeira vez. Que a professora faz a campanha: “Vai vir aqui uma professora aqui que vai levar vocês para um lugar muito legal!” Quando você chega lá e fala: “Gente, eu sou a tia x!” Igual esse ano, eu tinha que ter filmado. E você fala assim: “Gente, agora vamos lá para o outro lado da escola, que vocês vão conhecer o melhor lugar da escola que vocês não conheciam. Vocês já conhecem esse lugar?” “Nãoooo”. “ Vocês vão conhecer hoje!” E aí quando você abre, que eles entram....esse ano eu só me arrependo de não ter filmado. Eles ficaram assim, eles entraram: “Ohhhhhhhh” Todos com a boca aberta! “Ohhhhhh, muito livro” Aqui é muito bonito!”. E ter o tempo deles, cada turma a gente tem uma estratégia. É uma contação de história mais curtinha, aquela coisa mais da atenção. Porque eles têm que saber: “Oh, o livro, a gente mexe assim...oh! Esse lado aqui vocês vão poder mexer” - ou coloca os livros nas mesas e fala: “Só não pode puxar da mão do coleguinha, não. Você tem que esperar a sua vez.”

E vai todo um trabalho para que ele tenha um comportamento leitor. Não é questão que só porque ele não está lendo, que ele não vai mexer nos livros. Ele vai mexer. Só que aí você vai separar histórias mais curtinhas. Não vai pegar também um negócio de duzentas páginas e deixar para ele mexer. Você separa: “Você terminou de ler, olhar? Você coloca aqui para o outro coleguinha.” “ Você quer ver esse livro? Você espera.” O meu trabalho como Dinamizadora de Leitura Literária seria basicamente esse: propiciar esses comportamentos leitores. Que aí, cada idade, vai ter os seus...o deles é isso. Você chegar e: “Vamos organizar! Gente, está acabando o tempo” Aí eles vão...já estava no nível deles colocarem na caixinha para não ficar “tal coisa”. A dos maiores. Cada ano, cada idade tem a sua situação. E é mais ou menos isso: não sei...só sei que nada sei. A gente está sempre aprendendo. E aprender e aquilo que a gente aprendeu, a gente de alguma forma, tentar colocar na prática. Porque o que não falta são coisas, ensinamentos, propostas muito interessantes. Mas se a gente também não colocar zero por cento em prática, você também continua na mesmice. Você não sabe, você aprende: “Tá, agora eu sei...Não, nossa! Isso aí da Apreciação Literária. Não, porque tem isso da interatividade! Não, porque tem que fazer isso. Não, porque pode fazer roda de leitura, sim. Porque pode fazer assim”. E aí? Por que qual vai ser o seu comportamento mediador depois que você tem essa informação? Você vai continuar fazendo do mesmo jeito ou você vai tentar, dentro do possível, dentro das situações que você tem, você: “Ah, não. Vou fazer um negócio diferente aqui. Ah, não, gostei disso aqui. Vou fazer um apitão. Ah, gostei dessa coisa que falou aqui. Vou adaptar e vou fazer dessa forma”. Porque tudo que é diferente, tudo que é novo é desconhecido para gente. Ainda que você possa ter a ideia toda. Mas dá trabalho. Se o resultado final vai ser positivo, também é uma outra história. Eu acho que a P pode dizer um pouco disse porque há muito tempo que eu queria fazer a Festa Literária na Paulo Roberto, a FLIPAR. Muito tempo, muito tempo. E sempre estava esbarrando em alguma situação. E aí essa questão de fazer a FLIPAR, e lá foram três anos. Começou, não foi. E aí, foi, não

foi. Foi, não foi. E aí depois, esbarrou em greve, que não teve. Que atrapalhou, que trocou, que cancelou três vezes. No final, não teve. Aí teve um ano, que eu falei: “Não, vai ser assim!” E trocou uma e trocou duas e trocou o autor que ia e trocou a segunda vez o autor que ia. Eu falei: “Gente, que que adianta...” Estava me incomodando. Se eu vou para a FLIP, para a Festa Literária Internacional de Paraty e eu falo que todos os lugares têm que ter as suas festas literárias - porque aí você tem uma teia - Por que eu não posso fazer uma festa literária na escola? Aquilo estava me incomodando. Eu já tinha feito no Rio, já estava no calendário da escola. E eu falei: “Não é possível que eu não vou conseguir fazer aqui”. É toda uma questão de espaço, é uma logística. Minha escola não tem prédio próprio. A nossa quadra não pode ser usada porque ela está caindo. O pessoal da (Universidade onde a escola funciona) não conserta. A Educação Física é dada em outro lugar. Então é toda uma logística que você tem que pensar, na hora de montar. A gente pensou numa exposição, na época, ano passado, só que estava com tempo de chuva. Eu falei: “Vamos deixar no corredor”. Só que o corredor é área de circulação, então a gente usou as salas de aula, teve que usar a escada. Toda uma logística que a gente ficou refém do tempo. Mas eu achei que no final das contas o resultado, entre mortos e feridos, foi positivo. É toda uma, vamos dizer assim, é uma aposta que a gente faz. A gente não pode prever, também, um resultado final e também se esse resultado final está batendo como a gente quer. Mas é o que dava para ser. E vai ter o resultado. Como eu falei antes, como cada um vai internalizar isso, a gente não sabe. Mas quando ele vir o livrinho da turma, que ele escreveu alguma coisa, é uma coisinha que a gente está plantando ali.

- Qual nome gostaria de ser identificada, relacionado à Literatura?

O nome da menina que roubava livros, do livro “A menina que roubava livros”, a Liesel. Porque é um livro que mexeu muito comigo. Primeiro, porque foi impactante aquele início da morte. Eu achei, como o autor desenvolveu a história, muito interessante. E essa força que a Literatura tem, como isso deu suporte para ela, no final das contas. Como que abriu o mundo para ela. Na época, eu lembro que, quando estava quase acabando o livro, eu estava quase dando um ataque de ansiedade porque estava acabando o livro. Eu falei: “O livro está acabando, o livro está acabando, o livro está acabando...” E aí eu já estava dando um troço porque o livro estava acabando. Quando o livro acabou, já nas últimas páginas, eu já estava chorando, lendo o livro, porque um filme passou na minha cabeça. Quando eu lia sobre a Liesel, eu via muito uma aluna que eu tinha lá em Costa Barros, daquela turma que eu acompanhei muitos anos. E como que, num ambiente tão complicado, um entorno cheio de conflitos, de violência. Violência da gente perder um aluno, vítima de bala perdida. Ele foi baleado dentro de sala de aula. Esse foi um dos motivos que eu acabei escrevendo o meu livro. Que eu acabei voltando a escrever, depois da morte do aluno. Então essa menina para mim, eu olhava muito para a minha aluna e eu via muito essa realidade. Quando ela falava assim: “Tia, o gordinho levou um tiro e morreu. Ele estava consertando o poste. E faltou luz e ele estava na escada. Só que a polícia entrou atirando.”

Quando o meu aluno morreu, quando teve o tiroteio, que a gente estava no refeitório, ela teve uma crise nervosa. E quando acabaram os tiros e a gente esperou, eu falei: “Gente - CIEP, né? - vocês vão passar baixinho.” Porque eu estava com seis crianças. Estava todo mundo na sala. E eu falei: “Eles estão sozinhos lá em cima”. E eu segurei ela. E eu não tinha visto que, no primeiro andar, aquela movimentação era porque tinha uma criança caída no corredor. Então, a questão dela com a Literatura, de toda uma preocupação, de todo um cuidado, toda uma dificuldade que ela tinha. Que o pai tinha abandonado. A mãe estava vendendo cerveja lá no baile. Mas assim, como que ela gostava. Como que a Literatura, como que os livros... Ela tinha um cuidado com os livros. Não só ela, mas a minha turma, no geral. Mas ela representava muito isso, porque ela tinha uma vida muito complicada. E na exposição que falava das histórias indígenas e dela, a gente ter ensaiado, e dela ter falado lá: “Não, isso aqui da história tal...” Como ela estava se sentindo importante. Eu me lembro muito daquelas crianças, porque quando a gente está numa: “Ah, eu saio dali, acabou meu horário, eu vou para minha casa.” Mas elas estão ali o tempo todo. De você chegar, eu falei: “Aluna, que cara é essa?” Às vezes, você está com as crianças há 3 anos e você já conhece a criança pelo olhar. “Ah, tia. Estou com fome.” Isso era cedo, na hora que a gente formou para subir”. “Ah, tia. Estou com fome. Aí, eu falei: “Você não jantou, não, menina? O que você comeu ontem?” Ela: “Não, Tia...que meu pai (depois o pai separou) brigou com a minha mãe...que o dinheiro...que não coisou o dinheiro...e a gente está sem comida em casa.” Eu falei: “Não esquenta a cabeça, não. A gente vai descer para o café, se você quiser pegar dois copos de café, não tem problema, não, dois copos de Nescau. Que qualquer coisa, a tia não vai falar, não. Porque vai ser a minha.” E assim vai. Eu acho que ela representa muito daquelas crianças ali que, às vezes... aí tinha a outra aluna: “Meu sonho era ter uma cama só para mim. Eu durmo com a minha tia, mas ela ronca muito, minha tia se mexe muito.”

É um negócio muito complicado. A Liesel representa muito isso, essa força que a gente tira não sei de onde e a gente nem sabe que tem. Quando ela está com o menino lá embaixo, tremendo de frio, mais morto que vivo e ela ainda consegue... “Vou mais um dia; vou. Mais um dia; vou”. E eu acho que a gente tem que ser assim, enquanto profissional, enquanto pessoa: “Mais um dia; eu vou. Mais um dia; eu vou.” Então a Liesel, para mim, ela representa todas essas crianças que, em situações tão adversas, elas conseguem mostrar para gente que existe esperança. Que a gente não pode desistir. A gente até estaciona. A gente até dá uma pausa, mas a gente não pode desistir. Então a Liesel, para mim, é um símbolo de tudo isso.

## 1. Identificação:

- Nome: Rapunzel
- Idade: 46 anos
- Escola em que atua: 1º Distrito de Duque de Caxias
- Ano de Escolaridade: Ed. Infantil ao 5º ano de Escolaridade.
- Formação Acadêmica: Graduação: Letras - Português/Literatura Universidade Cândido Mendes  
Pós-Graduação: Prevenção ao uso de Drogas nas Escolas
- Área de Atuação: Professor II – Duque de Caxias
- Há quanto tempo é professor da rede municipal de ensino? 27 anos.
- Tempo de atuação como Dinamizadora de Leitura Literária? 07 anos.

## 2. Formação Continuada

- Como você concebe a atividade de trabalho dos professores dinamizadores de leitura literária?

Na minha opinião, é um trabalho super bacana, que ajuda a desenvolver, principalmente em Duque de Caxias, na localidade que eu trabalho, que é o Corte Oito e na Ana Nery também, que é uma comunidade que os pais não ajudam. Não estou culpando os pais, não. Porque alguns dos pais não sabem ler, também. Então, é uma outra dificuldade. Não é dizer assim: “Ah, são relapsos!” Não é esse o caso. Eles não podem dar, não podem oferecer. É importantíssimo o nosso trabalho, nessa questão. Eu vejo que as crianças gostam. Eu tenho essa percepção. Eles amam quando você conta uma história, quando você fala, quando você mostra o personagem, quando você tem alguma coisa que eles ficam encantados. A dificuldade é um pouco maior quando você esbarra com os alunos de quinto ano, quarto ano que eles são seduzidos mais pela internet, pelo jogo interativo, pela coisa da informação, aquela situação que eles gostam. Eles ficam...não têm o hábito de leitura. Mas a gente vai tentando ajudar da melhor maneira possível.

- Qual foi o último curso de formação continuada que participou?

O que eu mais tenho feito, ultimamente, são as lives. Eu tenho duas matrículas. Não trabalho só em Caxias, trabalho em Nova Iguaçu também. Então lives, eu fiz uma agora, da Caravana da Leitura, na última quinta-feira. Eu participo de cursos, pela Prefeitura de Nova Iguaçu. Lá tem a Casa do Professor. Aqui, a gente recebe as informações pelo Centro de Pesquisa Paulo Freire, lá é a Casa do Professor. A gente continua assistindo às lives e cursos on-line. Tem sido assim.

- Qual o tempo de duração?

Essas, agora, foram de duas horas. Uma hora, uma hora e pouquinho. Mas acho que no total, duas horas.

- Qual a carga horária do curso?

Duas horas.

- Como concebe a Formação Continuada de Professores?

É de extrema importância, até porque nós temos uma vida e a pandemia veio mostrando isso. Como, de repente, a vida muda, as coisas mudam e quanta coisa a gente precisa se adaptar, melhorar, aprender, no dia a dia. E isso veio para colocar a nossa formação toda na...assim, o que você está fazendo? Como você pode melhorar isso? Agora, você não pode estar presente, como é que você vai fazer a sua aula? Você vai gravar? Você sabe gravar? Você vai aprender? Você vai utilizar uma nova técnica? E a gente correu atrás para melhorar isso tudo e começar a aprender novas técnicas para poder manter a atividade para o aluno. Mesmo que não seja aquela perfeição, mas a gente mantém uma atividade, conta história, faz alguma coisa de vídeo para manter esse laço e essa...tentar diminuir a nossa ausência.

- Quais critérios adotados por você na seleção de cursos de formação continuada?

Eu procuro cursos que façam, que tenham direção, que possam me ajudar na direção de melhorias do meu trabalho. Que possam ampliar, abrir um leque, me mostrar alguma coisa nova

também. Que tenha algo novo para me oferecer. Que eu posso aprender algo e inserir isso nas minhas aulas. Que eu posso estar melhorando, buscando aquele algo mais.

- Como Dinamizadora de Leitura Literária, quais critérios que você adota na seleção de cursos de formação continuada?

Para melhorar o meu dia a dia. Para o meu aprendizado. Para que eu possa inserir uma coisa nova nas minhas aulas, que melhore, que chame mais atenção. Que seja algo que dê um “tcham”. Que diga assim: “Nossa!” O que que trouxe de novidade, o que melhorou. Tem que ter qualidade. Para a qualidade do nosso trabalho. Para melhorar e ajudar nesse desenvolvimento.

- Quais as contribuições dos cursos de formação continuada na sua atividade de trabalho?

Os cursos sempre ajudam, são de extrema importância. Aí acaba ficando repetitivo...Eles auxiliam para te mostrar e trazer as novidades, maneiras diferentes de contar a mesma história, de auxiliar, de organizar o trabalho. São muitas.

- Na sua opinião, a partir dos cursos de formação continuada, quais saberes foram incorporados em sua atividade de trabalho?

Eu fiz um curso no TEAR, indicado pela chefe da Coordenadoria. E lá, eu aprendi a usar e a manusear, contar histórias com um tapete. Foi um tapete e os personagens. Então, ali você pratica, essa coisa do contar a história. Precisa ser exatamente uma história de um livro? Não. O que eu tenho incorporado é que não, necessariamente, eu tenha que pegar um livro para contar essa história. Eu posso contar uma história que eu criei. Eu posso contar uma história com o tapete. Eu posso montar...isso é o que eu estou....baseado naqueles fatos. Vai trazer novidades para o seu dia a dia. Que a gente fica assim: “Não, Você tem que contar uma história.” Mas todo mundo cobra: “Que história é essa? De onde?” Aí você pega um livro de um autor renomado para mostrar...é história desse, daquele. Mas você pode também ter uma história para contar, um caso. Você pode criar a sua história, criar personagens. Eu, ontem, fiz uma live, à noite, do Colégio Pedro II, de uma professora aqui da rede. Ela trouxe uma questão que eu não tinha me atentado ainda para isso. Mais uma novidade que eu vou incorporar. Ela falou, contando uma história e você pode usar os temas de Ciências, Biologia, Geografia. Inserir a maneira como...você contou a história. Você não precisa ser aquela coisa assim...é baseado. Você contou aquela história. Aí você, naquela história tinha um rio. “Perto da sua casa tem um rio? Esse rio está poluído? Esse rio é bom? Está saudável? Tem peixes?” E aí você vai trabalhando vários conteúdos e vários conceitos e trazendo, fazendo esse aluno a ser crítico. Construindo essa percepção e desenvolvendo essas habilidades. Mostrando o outro lado. A leitura é importante, é necessária e o quanto a gente pode “espalhar os ramos” onde nós vamos levar com aquela leitura.

Qual nome gostaria de ser identificada, relacionado à Literatura?

Rapunzel. Essa história me marcou. A minha sobrinha, pequenininha, queria história, queria história, não queria dormir, não queria dormir. Aí eu fui contar Rapunzel. Eu contei quinhentas vezes, mais de um milhão de vezes. Então é uma marca forte para gente. Eu vejo a Rapunzel sempre com uma referência. Eu gosto muito da história.

## ANEXO D – NORMATIZAÇÃO DO DINAMIZADOR DE LEITURA LITERÁRIA 2019.



PREFEITURA MUNICIPAL DE DUQUE DE CAXIAS  
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO  
SUBSECRETARIA DE ENSINO  
CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO CONTINUADA PAULO FREIRE  
COORDENADORIA DINAMIZADORA DE LEITURA LITERÁRIA

Normatização - Dinamizador de Leitura - 2019

A Coordenadoria Dinamizadora de Leitura Literária, no uso de suas atribuições legais e regulamentares, estabelece a normativa para o ano letivo de 2019 para a função de Dinamizador de Leitura da Rede Municipal de Ensino de Duque de Caxias.

### 1) Quanto ao perfil do Dinamizador:

- Pertencer ao quadro de efetivos da Rede Municipal de Educação de Duque de Caxias.
- Ser Professor Docente II.
- Reunir conhecimentos acerca da Literatura Infantil e Infantojuvenil brasileira e estrangeira.
- Relacionar-se de forma satisfatória com todos os funcionários, servidores e comunidade escolar.
- Ser proativo, ter espírito de liderança e organização do trabalho.

### 2) Quanto à seleção do Dinamizador de Leitura:

A escolha do Dinamizador de Leitura deverá ser feita pelo Diretor da UE, em conformidade com a comunidade escolar, seguindo atentamente o perfil descrito pela Equipe da Coordenadoria de Leitura e observando-se, primeiramente, a carência em turma regular de Primeiro Segmento, EJA (Etapas I, II e III) e de Educação Infantil na escola.

### 3) Quanto ao papel do Dinamizador de Leitura:

- Desenvolver na escola o Projeto Literário implementado pela SME durante o ano letivo, integrado com a Equipe Pedagógica e o corpo docente da UE.
- Encaminhar para a Coordenadoria de Leitura, dentro do prazo estipulado, o horário de atuação nas turmas devidamente assinado pela Direção da Escola, bem como o Projeto Literário Anual desenvolvido na UE e todos os documentos solicitados pela mesma.
- Participar de reuniões, oficinas pedagógicas, cursos, seminários, encontros e palestras promovidos pela Coordenadoria Dinamizadora de Leitura Literária/SME.
- Planejar as atividades que promovam a leitura literária, inclusive em datas específicas

previstas no Calendário Escolar, estimulando na comunidade escolar o prazer de ler através de encontros literários, leitura programada de textos, debates e/ou quaisquer outras atividades relacionadas à Literatura.

- Buscar estratégias de abordagem visando à formação de leitores de textos literários.
- Incentivar e desenvolver práticas leitoras inclusivas democratizando a leitura.
- Organizar atividades literárias quando houver visita do Caminhão LEIA CAXIAS à escola, bem como acompanhar os alunos durante a mesma.
- Criar mecanismos de controle de rotatividade de acervo da Unidade Escolar.

#### 4) Quanto à carga horária do Professor na UE:

- A carga horária do Dinamizador de Leitura deverá ser distribuída em, **no mínimo**, 3 (três) dias de atendimento na Unidade Escolar.
- O professor deverá atender 15 (quinze) turmas e reservar 7:30 h (sete horas e trinta minutos) para o planejamento. Destas, 5 (cinco) horas deverão ser cumpridas no ambiente escolar.
- Cada turma deverá ser atendida no período de 1 hora, sendo considerados 50 minutos de atendimento efetivo e 10 minutos para deslocamento entre turmas.
- O Professor de Sala de Leitura deverá priorizar o cumprimento do planejamento às terças-feiras, no turno da manhã ou da tarde, no ambiente escolar.
- Caso não exista a possibilidade de atendimento da totalidade de turmas (quinze) numa mesma UE o professor deverá complementar o atendimento em outra escola, de acordo com a autorização desta Coordenadoria/SME.
- Não será permitido o atendimento duplicado às turmas ou complementação do horário destinado às turmas com Projetos.

#### 5) Quanto ao público-alvo:

- O atendimento de Sala de Leitura destina-se, prioritariamente, às turmas do Primeiro Segmento do Ensino Fundamental desta Rede Municipal de Ensino.
- Havendo turmas de etapas diferentes numa mesma escola, a prioridade dar-se-á na seguinte ordem: turmas do Primeiro Segmento; Etapas I, II e III da EJA; turmas de 4 e 5 anos da Educação Infantil.
- Nas Creches e CCAICs será autorizado o atendimento às turmas de 2, 3, 4 e 5 anos em regime de complementação de carga horária do Dinamizador de Leitura ou por professores que se encontrarem em regime de carga horária reduzida lotados nessas Unidades.

#### 6) Quanto à avaliação:

Ao final do período letivo, o Diretor da UE deverá encaminhar a esta SME relatório sobre a atuação do Professor na função de Dinamizador de Leitura. O documento deverá constar de relatos do corpo discente e docente sobre o impacto do projeto literário na comunidade escolar e sobre o envolvimento desta nas atividades pertinentes.

**7) Quanto à Assessoria:**

O Dinamizador de Leitura receberá apoio, orientação e assessoria da Equipe de Leitura da SME através de reuniões regulares, oficinas pedagógicas, círculos de leitura e debates, eventos culturais, visitas às Unidades Escolares e demais atividades estipuladas previamente por esta Coordenadoria de Leitura.

Esta Normatização passa a ter validade a partir da data de recebimento pelas Unidades Escolares via e-mail e vigência durante o ano letivo de 2019 ou até a divulgação de outro documento que venha a substituí-la.

Ressaltamos que os casos omissos serão resolvidos por esta Secretaria de Educação.

Duque de Caxias, 14 de dezembro de 2018.